



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro

USOS LINGUÍSTICOS DE LÉSBICAS E DE GAYS: QUESTÕES DE IDENTIDADE E ESTILO

Florianópolis

2020

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro

USOS LINGUÍSTICOS DE LÉSBICAS E DE GAYS: QUESTÕES DE IDENTIDADE E ESTILO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edair Maria Görski.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Regina Martins Valle.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Ana Beatriz Oliveira
USOS LINGUÍSTICOS DE LÉSBICAS E DE GAYS : QUESTÕES DE
IDENTIDADE E ESTILO / Ana Beatriz Oliveira Ribeiro ;
orientadora, Edair Maria Górski, coorientadora, Carla
Regina Martins Valle, 2020.
155 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. usos linguísticos de lésbicas e gays.
3. estilo. 4. identidade. I. Górski, Edair Maria. II.
Valle, Carla Regina Martins. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV.
Título.

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro

Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.^a Dr.^a Mircia Salomão-Conchalo

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Universidade de São Paulo – USP

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Prof. Dr. Atílio Buturi Junior

Coordenador do Programa

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski

Orientadora

Florianópolis, 13 de março de 2020.

Este trabalho é dedicado a toda à comunidade LGBT e a todos os seus pertencentes:

“Paz e amor

É o que eu quero

Pra nós

E que nada

Nesse mundo

Cale a nossa voz”

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana Maria (*in memoriam*) por sempre ter me incentivado a aprender e a estudar. Saudades!

Ao meu pai Roberto, por ter me acolhido em sua casa em Floripa e sempre ter me ajudado a perseguir meus sonhos. Obrigada, pai.

À minha avó, Maria, por acreditar em mim em todos os momentos e me auxiliar da melhor forma que pôde.

À minha irmã Karen, pela parceria, companhia, cuidado e carinho durante todo esse processo.

Ao meu melhor amigo, Jefferson, por estar junto comigo desde os primórdios da nossa graduação e permanecer junto comigo desde então. Teu apoio sempre foi e sempre será essencial na minha vida. Tu és minha rocha e costado. Obrigada, amigo! Lov u.

À minha namorada, Caroline, por ser essa pessoa tão especial e incrível, que esteve sempre do meu lado tanto nos momentos difíceis quanto nos momentos alegres. Te amo, meu bem, e obrigada por tudo.

À professora e amiga Tatiana Pimpão, que foi uma das pessoas que mais me incentivou a perseguir o caminho acadêmico e acreditou no meu potencial. Talvez sem o teu empurrão, eu não estaria aqui hoje. Obrigada, Tati!

Aos amigos da minha cidade, Rio Grande: Raquel Rodrigues, obrigada pelos incentivos e palavras amigas. Tiago Cardoso, obrigada pelos conselhos e pelas risadas. Patrícia Mendes, obrigada pelas palavras e por acreditar em mim. Ornella Dapuzzo, obrigada pelas conversas e desabafos.

À minha dupla gaúcha que encontrei no mestrado. Obrigada Ariela, por todo o apoio, suporte e amizade nesse período.

À minha querida orientadora Eda Görski, por ser um exemplo de pessoa e profissional a ser seguido. Obrigada por tanto aprendizado! E também à minha querida coorientadora Carla Valle, outro ser humano sensacional com quem tive o prazer de conviver e aprender. Obrigada!

À minha psicóloga Val, que mesmo estando em Rio Grande, me acompanhou e me deu suporte durante o mestrado. Obrigada por todas as conversas, conselhos e trocas!

Ao querido grupo do VARSUL que me acolheu tão bem na UFSC e às queridas varsulindas: Ana Elisa, Cecília, Chris, Érica, Izete, Isabel, Grazi, Juliana, Kamilla, Helena e Vanessa. Obrigada por fazerem essa etapa mais doce e agradável.

Aos professores com os quais tive o prazer de aprender na FURG: Luciani Salcedo, Rubelise da Cunha, Tatiana Pimpão, Luciana Coronel, Elisabete Longaray, Eliana Tavares, entre outros tantos. Obrigada pelos ensinamentos e aprendizados!

Aos professores das disciplinas que cursei no PPGL/UFSC, obrigada pela troca de saberes.

Aos 16 sujeitos que me concederam entrevistas, muito obrigada! E especialmente aos oito que foram sujeitos desta pesquisa: Ametista, Adore, Júlio, Pedro, Scorpio, Dino, Gezebel e Catarina. Vocês são parte essencial deste estudo e sem vocês ele nada seria. Obrigada!

Aos componentes da minha banca, que se dispuseram a ler este trabalho que fiz com meu maior carinho. Daniel Nascimento, Mircia Salomão-Conchalo e Ronald Beline Mendes. Obrigada por todos os apontamentos e contribuições.

Ao álbum “Abraçar e Agradecer”, de Maria Bethânia, que embalou muitos momentos da escrita desta dissertação.

Ao CNPq, pelo fundamental apoio financeiro, que me permitiu pesquisar sobre um assunto tão importante para mim.

Meu sincero muito obrigada!

“Seja amém (amém),

Seja axé (axé)

Ou shalom (shalom)

Não me importa sua cor, credo, gênero, religião

Somos irmãos”

(Natiruts – Serei Luz)

RESUMO

Os estudos variacionistas de terceira onda (ECKERT, 2012, 2016) se instauram no âmbito da pós-modernidade – que tem por marca a fluidez dos sujeitos (RAMPTON, 2006) – e apresentam uma abordagem diferenciada, em que a) o significado social das variáveis é priorizado e redimensionado, propondo que os sujeitos e suas práticas discursivas sejam deslocados das margens e situados como *locus* de análise; b) inverte-se a perspectiva da variação como reflexo do lugar social, para a variação como recurso para a construção de significado social; c) as metodologias emergem das práticas estilísticas em que os sujeitos estão envolvidos. Assim, as metodologias não devem ser tomadas como fixas e não podem ser apenas replicadas sem uma relativização acerca da multiplicidade dos sujeitos e das singularidades de cada pesquisa. No Brasil, destacam-se os estudos sobre fala de homens gays, como o de Mendes (2012) e o de Santana (2018). Dada à relativa escassez de estudos que focalizem e reflitam sobre a fala de lésbicas e gays, especificamente e conjuntamente, este trabalho se justifica por trazer à tona essas discussões, buscando investigar as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) e também acerca da fala como marcador dessa(s) identidade(s), bem como se há e quais seriam os usos linguísticos associados a lésbicas e gays. Nossa amostra é constituída a partir de quatro entrevistas realizadas em duplas com um total de oito sujeitos (quatro mulheres autodeclaradas lésbicas e quatro homens autodeclarados gays), selecionados de acordo com os seguintes critérios: ser natural do Rio Grande do Sul, com faixa etária entre 20 e 40 anos e nível de escolaridade entre superior incompleto e completo. Para gerar material e analisar os usos linguísticos desse grupo, propomos um instrumental metodológico para a composição do nosso *corpus* de análise, levando em conta: *interação*, *intimidade* e *informalidade*. O conteúdo das entrevistas é analisado de forma qualitativa e discutido à luz dos objetivos norteadores e de pressupostos teóricos de estudos de terceira onda, identidade, gênero e sexualidade. Ao longo da análise, pudemos observar que: i) nossos sujeitos de pesquisa possuem a percepção de que não há apenas uma identidade relacionada a lésbicas e gays, o que aponta para a existência de uma pluralidade de identidade(s); ii) a maioria das duplas apontou que se sentem confortáveis para demonstrar sua(s) identidade(s) perto de outros sujeitos LGBT ou de pessoas com as quais eles tenham bastante intimidade e em lugares conhecidos ou LGBT *friendly*; iii) todos eles consideram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s) e gay(s); iv) e todos os sujeitos de pesquisa concordam com a existência de usos linguísticos característicos de lésbicas e gays.

Palavras-chave: usos linguísticos de lésbicas e gays; estilo; identidade.

ABSTRACT

Third wave variationist studies (ECKERT, 2012, 2016) are established in the context of postmodernity - which is characterized by the fluidity of subjects (RAMPTON, 2006) - and presents a differentiated approach, in which a) the social meaning of variables are prioritized and resized, proposing that the subjects and their discursive practices be moved from the margins and placed as locus of analysis; b) the perspective of variation is reversed as a reflection of the social place, for variation as a resource for the social meaning construction; c) the methodologies emerge from the stylistic practices in which the subjects are involved. Thus, the methodologies should not be taken for granted and cannot be replicated without relativizing the multiplicity of subjects and the singularities of each research. In Brazil, studies as it concerns the speech of gay men, such as Mendes (2012) and Santana (2018), stand out. Given the relative scarcity of studies that focus and reflect on lesbians and gays speech, specifically and jointly, this work is justified for bringing up these discussions, seeking to investigate the perceptions of our research subjects about the possible lesbian (s) and gay identity (ies) and also in relation to speech as a marker of this (these) identity (ies), whether there are linguistic uses and what they would be associated with lesbians and gays. Our sample includes four interviews with a total of eight subjects (four self-declared lesbian women and four self-declared gay men), selected according to the following criteria: being a native person from the state of Rio Grande do Sul, aged between 20 and 40 years old and possessing an educational graduation degree or not. To generate material and analyze the linguistic uses of this group, we propose a methodological tool for the composition of our analysis *corpus*, taking into account: *interaction*, *intimacy* and *informality*. The interviews content is analyzed in a qualitative way and discussed in the light of the guiding objectives and theoretical assumptions of third wave studies, identity, gender and sexuality. Throughout the analysis, we could observe that: i) our research subjects have the perception that there is not only one identity related to lesbians and gays, which points to the existence of a plurality of identity (ies); ii) the majority of the pairs pointed out that they feel comfortable to demonstrate their identity (ies) close to other LGBT subjects or people with whom they have a lot of intimacy and familiarity or LGBT friendly places; iii) all research subjects consider that speech can act as a marker of lesbian and gay style and identity (ies); iv) and all research subjects agree on the existence of linguistic uses characteristic of lesbians and gays.

Keywords: linguistic uses of lesbians and gays; style; identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comunidade de Prática (CP)	37
Figura 2 – Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico	53
Figura 3 – Localização da cidade de Rio Grande	71
Figura 4 – Vista aérea da cidade de Rio Grande	73
Figura 5 – Logo da FURG	74
Figura 6 – Vista aérea da FURG	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pareamento dos sujeitos de pesquisa	68
Quadro 2 – Oito sujeitos de pesquisa e pseudônimos	71
Quadro 3 – Duração e transcrição das entrevistas	76
Quadro 4 – Exemplos de usos linguísticos de lésbicas e gays	113

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1	Contextualização	14
1.2	Objetivos, questões e hipóteses	17
1.3	Estrutura do trabalho	18
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1	As três ondas da Sociolinguística variacionista	20
2.2	Estilo e Identidade	26
2.3	Um pé na Antropologia	35
2.3.1	Comunidade de Prática	35
2.3.2	Etnografia Linguística	39
2.4	Gênero e Sexualidade	41
2.4.1	Comunidade LGBT	50
2.4.2	Lésbicas e Gays	53
2.5	Estudos Correlatos	57
3.	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	65
3.1	Passos para a geração dos dados	65
3.2	A realização das entrevistas	69
3.2.1	Perfil do grupo	70
3.2.2	Os sujeitos de pesquisa	77
3.3	Tratamento e análise das entrevistas	82
4.	O OLHAR PARA OS DADOS	83
4.1	Percepções sobre identidade	84
4.1.1	Existência de uma identidade lésbica/gay	84
4.1.2	Diferentes tipos de lésbicas e gays	91
4.1.3	Ambientes e pessoas que se sentem confortáveis (ou não) para mostrar identidades ...	97
4.1.4	Fala como marcador de identidades lésbica/gay	102
4.2	Percepções sobre usos linguísticos	106
4.2.1	Exemplos de usos linguísticos por sujeitos homossexuais	107
4.2.2	Fatores que propiciam usos linguísticos característicos do universo LGBT	113

4.2.3 Formas de referência a sujeitos homossexuais	117
4.2.4 Apropriação dos usos linguísticos típicos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais	125
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143
Apêndices	151
Apêndice 1 – Ficha social	151
Apêndice 2 – Roteiro de entrevista/mediação	152
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	155

1 INTRODUÇÃO

Esta primeira seção de introdução é composta pela contextualização do objeto de estudo desta dissertação, bem como os objetivos, questões e hipóteses que a norteiam. Além disso, também contém uma breve justificativa sobre a escolha do tema a ser trabalhado. Por fim, explicitamos como está composta a estrutura do trabalho, com o intuito de auxiliar e guiar o leitor durante a leitura.

1.1 Contextualização

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade social, vivenciada e compartilhada pelos seus cidadãos pelas mais diversas formas de expressão. Alguns exemplos podem ser observados se pensarmos em diferenças culturais, étnicas, religiosas e relacionadas a sexualidade que, por muitas vezes, são motivações que levam ao preconceito. Infelizmente, uma parte da população ainda trata a(s) diferença(s) como algo nocivo, perpetuando, dessa forma, a discriminação e a intolerância, podendo levar à violência e à exclusão social.

Esses ataques negativos relacionados à orientação sexual, sejam eles manifestados de modo verbal ou não verbal, ainda são praticados com frequência no contexto brasileiro¹. Por mais que o assunto tenha conseguido mais espaço na mídia e nas discussões em geral, a facilidade de expressão que a internet proporciona pode também ser terreno fértil para que usuários manifestem opiniões discriminatórias e descreditem sujeitos LGBTs. Além disso, as eleições do ano de 2018 e os discursos excludentes expressados durante o processo da campanha eleitoral acabaram por legitimar diversos preconceitos.

Ainda assim, as relações homoafetivas vêm sendo mais discutidas no âmbito da sociedade brasileira, seja por meios televisivos e jornalísticos ou por discussões dentro dos diversos ambientes que propiciam essa oportunidade de diálogo. Um fato que recentemente ilustra esse aumento de discussões envolvendo a temática LGBT foi uma questão na prova de Linguagens do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2018. A questão abordava a

¹ O Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> e <https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/> Acesso em: 30/10/2018.

linguagem usada por gays e travestis, chamada pajubá e foi notícia em diversos sites informativos².

É importante ressaltar que essa crescente discussão acerca da temática é muito importante para um possível combate à homofobia e para assegurar direitos a sujeitos LGBT, porém sabemos que somente discussões não proporcionam ou garantem segurança e liberdade para os sujeitos pertencentes a esse grupo.

Dada à relativa escassez de estudos que focalizem e reflitam sobre a fala de lésbicas e gays³, especificamente e conjuntamente, este trabalho se justifica por trazer à tona essas discussões. Para isso, esta pesquisa alinha-se com os estudos de terceira onda da Sociolinguística variacionista (cf. Seção 2.1). Intenta-se levantar e discutir questões envolvendo identidade e estilo sobre a comunidade LGBT, de forma mais ampla, e sobre mulheres e homens que se autodeclararam lésbicas e gays.

Para dar conta dessa tarefa, foram realizadas entrevistas com mulheres autodeclaradas lésbicas e homens autodeclarados gays, a fim de captarmos as percepções de nossos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) e também acerca da fala como marcador dessa(s) identidade(s).

Um dos espaços que tem sido bastante frutífero para promover esse debate no Brasil é o contexto acadêmico, a partir de pesquisadores que têm procurado, na última década, refletir sobre esses grupos menos privilegiados da sociedade, a fim de contribuir, em alguma medida, para agregar e fomentar essa discussão (ALONSO, 2010; MENDES, 2012, 2018; VIANA, 2010; FELIX, 2016; FIGUEIREDO, 2016; BARROSO, 2017; SILVA, 2017; SANTANA, 2018, dentre outros). O assunto em si é bastante complexo e pode ser abordado e discutido por diferentes perspectivas e/ou linhas teóricas, mas ainda há muito espaço para a problematização desse tema, o qual abordaremos a partir de uma perspectiva sociolinguística.

Quando tomei conhecimento, ainda na graduação, da área da Sociolinguística, fiquei fascinada com a possibilidade de relacionar língua e sociedade. Até aquele momento, não concebia a ideia de que dentro da ampla área da Linguística haveria espaço para contemplar

² Dentre os sites que noticiaram a questão sobre o pajubá, destaca-se: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/11/enem-2018-conheca-a-origem-do-pajuba-diaeto-de-gays-e-travestis-citado-no-exame-cjo4maix90ben01pih135nzhn.html>. Acesso em: 05/11/2018. A polêmica aconteceu, pois muitas pessoas acharam que a questão deveria tratar de temas mais profundos e culturais e não da linguagem de travestis. O Presidente Jair Bolsonaro chegou a dizer que no próximo ano quer fiscalizar o conteúdo da prova do ENEM, para evitar questões que envolvam identidade de gênero e afins.

³ Optamos por usar esses dois termos para nos referirmos aos nossos sujeitos de pesquisa, para diferenciarmos mulheres e homens e suas orientações sexuais. Essa escolha foi de ordem estritamente pessoal.

essa discussão, para conectar esses dois polos tão distintos, porém com tanto em comum. Como sabemos, é através da língua que os sujeitos se comunicam e se posicionam no mundo.

Meu interesse só aumentava conforme conhecia e compreendia melhor essa correlação. Ainda enquanto aluna no curso de licenciatura em Letras Português/Inglês, na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), conheci a professora Tatiana Pimpão, que me inspirava enquanto ‘ser’ acadêmico e também ministrava a disciplina de Sociolinguística. A partir disso, procurei envolver-me de maneira mais efetiva, atuando como bolsista do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), coordenado pela mesma professora. Para além de minhas funções como estagiária do Núcleo, tinha de desenvolver alguma pesquisa acadêmica, e foi nesse contexto que decidi tentar estudar a fala de sujeitos homossexuais. Digo tentar, pois nem eu mesma sabia exatamente o que queria com aquela pequena pesquisa; como não tinha amadurecimento acadêmico, eu apenas possuía a vontade de investigar o tema.

O estudo da época, ainda bastante embrionário, foi crescendo. Prestei a seleção para o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o intuito de continuar trabalhando com o tema, de melhorar e aperfeiçoar tanto meu entendimento sobre a fala de sujeitos homossexuais, quanto para comunicar esse entendimento da melhor forma que eu pudesse. As professoras Edair Görski e Carla Valle me acolheram nessa empreitada e desde então têm me proporcionado incontáveis discussões e direcionamentos.

Minha motivação sempre foi muito pessoal, pois eu, como mulher lésbica e pertencente ao universo LGBT, percebia a necessidade de mais estudos que abordassem essa temática. Principalmente na área da Sociolinguística, visto que esse assunto é costumeiramente mais discutido nas áreas de Análise do Discurso, Educação, Psicologia, Pragmática, entre outras.

Portanto, inicialmente, a motivação era apenas pessoal e, com o desenvolver da pesquisa, foi se tornando uma motivação também acadêmica. Hoje, compreendo melhor minha própria pesquisa e o que quero que ela seja e represente, tanto para mim quanto para a esfera acadêmica. O processo de escrita tem me feito refletir sobre mim mesma, sobre as diversas lutas enfrentadas pela comunidade LGBT ao longo do tempo e sobre os inúmeros preconceitos imbricados na sociedade. Acredito que essas inúmeras reflexões são de extrema importância para qualquer trabalho acadêmico, para que lembremos, sempre, que somos seres humanos.

Isso posto, com esta dissertação intento levantar discussões que relacionem língua e sociedade, partindo da observação da percepção de lésbicas e gays sobre a existência de possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) – procurando investigar se os sujeitos de

pesquisa se identificam com essa(s) identidade(s) e em quais contextos se sentem confortáveis para performá-las e também a percepção de lésbicas e gays sobre a fala como marcador de identidade(s), investigando usos linguísticos tidos como típicos do universo LGBT, fatores contextuais que propiciem esses usos, formas de referência e apropriação e ressignificação de usos linguísticos, tidos como típicos do universo LGBT, por sujeitos heterossexuais. Me proponho, dessa forma, a desenvolver no âmbito acadêmico um trabalho que possa dar espaço para as percepções de mulheres lésbicas e de homens gays.

1.2 Objetivos, questões e hipóteses

Objetivos gerais e específicos

Partimos de dois objetivos centrais para esta pesquisa (1 e 2), que se desdobram em alguns objetivos específicos:

1. Investigar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre a existência de possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s), averiguando:
 - i) em que medida eles se identificam com essa(s) identidade(s), tendo em vista as diferentes semioses que constituem os sujeitos; e
 - ii) em quais contextos/ambientes eles se sentem mais ou menos confortáveis para performar sua(s) identidade(s).
2. Investigar a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca da fala como marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s) e gay(s), considerando:
 - i) usos linguísticos tidos como típicos do universo LGBT;
 - ii) fatores contextuais que propiciam possíveis diferenças na fala de lésbicas e gays;
 - iii) formas de referência a lésbicas e gays e fatores envolvidos no uso dessas formas; e
 - iv) a apropriação e ressignificação de usos linguísticos, tidos como típicos do universo LGBT, por sujeitos heterossexuais.

Questões de pesquisa e hipóteses gerais

Este estudo visa responder às seguintes questões de pesquisa:

- 1) Qual a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre a existência de possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s)?
- 2) Qual a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca da fala como marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s) e gay(s)?

As seguintes hipóteses orientam o estudo:

- (i) O imaginário popular parece associar determinados usos linguísticos à fala de sujeitos homossexuais (MENDES, 2012) e esses usos podem ser atravessados ou motivados por questões identitárias e de pertencimento ao universo LGBT. Acredita-se que as identidades dos sujeitos na pós-modernidade são fluidas, múltiplas e dinâmicas (RAMPTON, 2006) e, por isso, por mais que existam estereótipos limitadores, há a pluralidade de identidades lésbicas e gays. Espera-se que os sujeitos da pesquisa manifestem essa percepção sobre identidade(s) lésbica(s) e gay(s).
- (ii) É sabido que existem determinados usos linguísticos que são comumente empregados por lésbicas e gays. Alguns desses usos são exclusivos ou mais restritos à comunidade LGBT, como já apontado por estudos sobre a língua/dialeta pajubá de Barroso (2017) e Lau (2017). A condição dessa restrição se dá porque a compreensão desses usos é viabilizada através do contato e/ou pertencimento ao grupo. Além disso, usos mais inovadores, como os abordados por Felix (2016) e Santana (2018), indicam uma ressignificação dos usos dentro da comunidade. Itens, como por exemplo, *chiquérrimo*, *lacrou* e *arrasou*, ganham, nesse grupo, significados diversos dos já existentes.⁴ Espera-se que os sujeitos da pesquisa manifestem essa percepção sobre os usos linguísticos empregados por lésbicas e gays serem mais restritos à comunidade LGBT, bem como a ressignificação que acontece com alguns desses usos.

1.3 Estrutura do trabalho

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. Na introdução, contextualiza-se, de forma ampla, a pesquisa, juntamente com uma breve justificativa sobre a escolha da temática e também apresenta os objetivos, questões e hipóteses que norteiam o trabalho, além de descrever brevemente a estrutura da dissertação.

⁴ Os trabalhos referidos na formulação da hipótese (ii) são resenhados adiante (cf. Seção 2.5).

O segundo capítulo é reservado para a fundamentação, no qual discorreremos sobre: as três ondas da Sociolinguística variacionista, estilo e identidade, comunidade de prática, etnografia linguística, gênero e sexualidade, comunidade LGBT, lésbicas e gays especificamente e também sobre estudos correlatos.

O terceiro capítulo é destinado aos encaminhamentos metodológicos da pesquisa, em que detalhamos como foram os passos para a geração dos dados, a realização das entrevistas, o perfil do grupo e de cada sujeito de pesquisa e também o tratamento e análise que demos para o nosso *corpus*.

O quarto capítulo é constituído da análise dos dados da pesquisa, contendo uma discussão acerca da percepção de nossos sujeitos em relação a identidade e usos linguísticos.

No quinto e último capítulo do trabalho são feitas as considerações finais acerca da pesquisa, bem como sugeridos alguns possíveis encaminhamentos futuros. Em seguida, se encontram as referências e os apêndices do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são expostos os referenciais teórico-metodológicos que servem de base ao presente estudo. Como ponto de partida, na primeira seção, discorre-se brevemente sobre as três ondas de estudos da Sociolinguística variacionista, com atenção particular aos estudos de terceira onda (ECKERT, 2000, 2005, 2012, 2016). Na seção seguinte, são abordados os conceitos de estilo e identidade, comunidade de prática (LIVIA e HALL, 1997; ECKERT, 2006, 2008, 2012, 2016; ECKERT & MCCONNELL-GINET, 1992; IRVINE, 2001; COUPLAND, 2007, KIESLING, 2013; DRUMMOND & SCHLEEF, 2016, PREECE, 2016) e etnografia linguística (RAMPTON et al., 2004; CREESE, 2008; RAMPTON et al., 2014). Em seguida, é acionado o campo conceitual relacionado a gênero e sexualidade (BUTLER, 1993, 2003 [1990]; FOUCAULT, 1988 [1999]; LANZ, 2014), com enfoque especial para a comunidade e sujeitos LGBT. Por último, é feita uma revisão da literatura de trabalhos que se alinham com o objeto de estudo da presente pesquisa, como os de Alonso (2010), Mendes (2012), Viana (2012), Felix (2016), Figueiredo (2016), Barroso (2017), Silva (2017) e Santana (2018).

2.1 As três ondas da Sociolinguística variacionista

Os estudos sistemáticos na área da Sociolinguística variacionista (doravante SV) foram iniciados principalmente por Labov (1966), e pretendiam correlacionar usos linguísticos variáveis presentes em comunidades de fala a condicionadores extralinguísticos, firmando assim a ideia de que língua e sociedade não podem ser estudadas separadamente, pois uma está imbricada na outra. No início desses estudos, o foco social de análise estava em macrocategorias (como classe social, etnia, sexo/gênero e faixa etária), partindo do pressuposto de que era possível estratificar os falantes dentro de categorias sociais previamente estabelecidas e estudar fenômenos de variação linguística correlacionados a essas categorias extralinguísticas. Com o avanço dos estudos na área, outros pesquisadores passaram a dar diferentes tratamentos a seus trabalhos, diversificando o *locus* da pesquisa (comunidades de fala, redes sociais, comunidades de prática), o foco no significado social (vinculado a macrocategorias preestabelecidas, a significado definido localmente, a significado construído no grupo social) e também a extensão da população investigada (com foco na comunidade ou no(s) indivíduo(s).)

Essas diferentes abordagens levaram Eckert (2005, 2012, 2016) a organizar uma sistematização dos estudos realizados na área, conhecida como as três ondas da SV, considerando basicamente o *significado social* envolvido, que, como veremos, vai ficando cada vez mais fortemente associado ao *significado estilístico*.

É importante ressaltar que as “ondas” não são substitutivas e nem sucessivas, mas se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas particulares, a depender do foco de investigação de cada estudo. As diferentes abordagens são complementares e não excludentes.

Os estudos de primeira onda – cujo marco inicial é o trabalho de Labov (2006 [1966]) *Social Stratification of English in New York City* e que continuam sendo fortemente associados à vertente laboviana – procuram compreender de que forma e por quais motivos a variação se dá na comunidade de fala, a partir de pesquisas identificadas por Eckert (2005, 2012) como do tipo *survey* (quantitativas), em que os pesquisadores buscavam gravar entrevistas com falantes previamente estratificados, na tentativa de encontrar a sua fala mais espontânea (vernáculo) e, então, investigar determinado fenômeno linguístico de uso variável. Correlações amplas entre as variáveis linguísticas e as categorias macrosociológicas são estabelecidas e, em decorrência disso, padrões sociolinguísticos de uso são identificados.

Nessa perspectiva de primeira onda, o *significado social* é pautado e entendido a partir de categorias bastante amplas, de modo que os resultados obtidos nas análises se referem ao comportamento linguístico de determinado grupo, dentro do qual, como já dito, os indivíduos são alocados de acordo com sua faixa etária, sexo/gênero e classe social. Nos termos de Labov, o significado social diz respeito a “traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea” (LABOV, 2008 [1972], p. 313), sendo depreendido, portanto, da correlação entre um fenômeno variável e as categorias macrosociológicas. Nos estudos dessa fase, a variação estilística é correlacionada ao grau de atenção prestada à fala, do que resulta uma produção linguística com diferentes níveis de formalidade, sendo associada a valores sociais de prestígio e estigma. A título de ilustração: o significado social da variável concordância verbal no português brasileiro (PB) poderia ser depreendido, hipoteticamente, da correlação entre presença de marca de concordância e alto nível de escolaridade, faixa etária mais alta, gênero feminino e classe socioeconômica alta; já o significado estilístico poderia ser depreendido do nível de formalidade associado.

A segunda onda de estudos variacionistas desloca o foco para comunidades menores e é comum o emprego de abordagens etnográficas⁵, em que se procura investigar de que forma as configurações locais e grupos sociais menores se encaixam nas macrocategorias sociais. Desse modo, a escolha por atentar-se a determinado grupo social (e até ao fenômeno linguístico a ser estudado) parte da experiência do pesquisador advinda em *locus*, em uma dada comunidade. Segundo Eckert (2005):

Os estudos etnográficos concentram-se em comunidades menores por períodos de tempo relativamente longos e visam descobrir, em vez de pressupor, categorias sociais salientes localmente. Essas categorias podem ser instanciações locais das categorias que orientam os estudos de pesquisa, elas podem ser diferentes categorias – mas o mais importante, as categorias são descobertas em virtude de seu lugar na prática social. Como resultado, os estudos etnográficos nos trouxeram uma visão mais clara de como os modos de falar estão imbuídos de significado local⁶ (ECKERT, 2005, p. 7).⁷

O uso de determinadas variáveis linguísticas é constituinte da prática das comunidades e é, a partir disso, que o *significado social* é adquirido, podendo ser equivalente ou não aos construídos num âmbito mais amplo. Portanto, há uma forte relação entre usos linguísticos e identidade. Nesse sentido, ao *significado estilístico* é dado um tratamento diferente do que é dado nos estudos de primeira onda, pois entende-se que os indivíduos fazem uso de certas variantes como forma de demonstrar uma variedade de afiliações, características, posturas e ideais (ECKERT, 2005).

Um trabalho tido como representativo dessa perspectiva é o de Eckert (2000). A autora realizou um estudo etnográfico em uma escola pública de Detroit, nos Estados Unidos, com dois grupos ideologicamente distintos de adolescentes, os *jocks* e os *burnouts*.⁸ Em linhas gerais, o grupo dos *jocks* é formado por alunos oriundos da classe média e que

⁵ Apesar de comumente utilizado por antropólogos, pesquisadores de diversas áreas têm usado o método etnográfico como forma de estudar e entender modos de vida de sujeitos em uma determinada cultura. O intuito do etnógrafo é, portanto, procurar compreender a visão de mundo, as atitudes, os significados e as experiências de um grupo social (ROSA; LUCENA; CROSSETI, 2003). Os etnógrafos têm a oportunidade de explorar profundamente o cenário de investigação e também podem funcionar como vozes de grupos sociais que, muitas vezes, não têm esse espaço na sociedade. Nesse sentido, Lucena (2015) aponta que o olhar etnográfico tem permitido, portanto, que problematizemos realidades sociais que surgem a partir da complexidade semiótica e cultural do campo aplicado.

⁶ “Ethnographic studies focus on smaller communities for relatively long periods of time, and aim to discover, rather than to presuppose, locally salient social categories. These categories may be local instantiations of the categories that guide the survey studies, they may be different categories – but most important, the categories are discovered in virtue of their place in local social practice. As a result, the ethnographic studies have brought us a clearer view of how ways of speaking are imbued with local meaning.”

⁷ Esta e todas as traduções ao longo do texto são de minha responsabilidade. Os excertos originais são apresentados em notas de rodapé.

⁸ Vale pontuar que esse estudo de Eckert é visto pela própria autora como situado no entremeio da segunda para a terceira onda.

mantinham um vínculo local forte com a esfera escolar e suas respectivas atividades; por outro lado, o grupo dos *burnouts* é formado por alunos oriundos da classe trabalhadora e que rejeitavam a esfera escolar como espaço de suas vidas sociais. Os valores ideológicos e socioculturais dos dois grupos eram bastante distintos e demonstrados através de uma infinidade de maneiras:

A oposição *jock-burnout*, portanto, é hostil, e é mantida através de uma ampla variedade de meios simbólicos: vestuário, postura e movimento corporal, maquiagem, cabelo, território, uso de substâncias, atividades de lazer, participação na escola, orientação urbana. Estas não são diferenças de superfície, mas refletem diferenças ideológicas fundamentais – as relações *jock* são hierárquicas, enquanto as *burnouts* enfatizam o igualitarismo; os atletas expandem suas redes para aumentar seu público escolar, enquanto as redes de amizade dos *burnouts* estão firmemente baseadas no bairro e se expandem para obter acesso à área urbana. Por isso, os *jocks* acreditam que os *burnouts* são irresponsáveis e anti-sociais, enquanto os *burnouts* acreditam que os *jocks* são desleais e orientados para o status (ECKERT, 2016, p. 11)⁹.

A partir das observações, Eckert investigou a realização variável do ditongo /ay/ e percebeu que, de acordo com os valores socioculturais do grupo a que os estudantes pertenciam, diferentes significados sociais eram atribuídos. O uso das variantes linguísticas era visto pelos alunos – conscientemente ou não – como parte da prática do grupo e, a partir disso, o significado social era adquirido, especialmente entre as meninas. A autora explica esse acontecimento a partir da sujeição das meninas do grupo *jock* às normas locais socialmente aceitas sobre o comportamento feminino e, por outro lado, pela rejeição das do grupo *burnouts* a essas mesmas normas.

Essa noção de significado estilístico pode ser associada, mesmo que indiretamente, à teoria da acomodação proposta por Giles (1973), que defende que os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. Essa acomodação de seus estilos linguísticos se daria de maneira estratégica para se aproximar (convergência) ou se distanciar (divergência) do interlocutor. Dessa maneira, essa teoria busca determinar como os falantes se acomodam

⁹ “The jock-burnout opposition therefore is a hostile one, and is maintained through a wide variety of symbolic means: clothing, posture and body movement, makeup, hair, territory, substance use, leisure activities, participation in school, urban orientation. These are not surface differences, but reflect fundamental ideological differences – Jock relations are hierarchical, while the Burnouts emphasize egalitarianism; the jocks expand their networks to increase their school-based constituency, while the burnouts’ friendship networks are firmly based in the neighborhood and expand to gain access to the urban area. Hence the Jocks believe that the Burnouts are irresponsible and antisocial while the Burnouts believe that the Jocks are disloyal and status-oriented.”

linguisticamente ao interlocutor. O foco, portanto, são os aspectos interpessoais da diversidade da fala e a proposta é dar conta de tipos específicos de diversidade de fala. Com isso, busca explicar o motivo pelo qual os falantes modificam sua fala, a sua pronúncia, devido ao fato de estarem diante de outros.

Prosseguindo o movimento que caracteriza os estudos de segunda onda, a terceira onda distancia-se mais das categorias ditas estáticas (faixa etária, sexo/gênero e classe social), pois o indivíduo torna-se o foco e isso é visto como reflexo das identidades sociais, ou seja, o sujeito passa a ocupar, cada vez mais, um papel de agente nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas, o que configura estudos com caráter mais dinâmico. Nessa onda, os *significados sociais e estilísticos* ocupam um espaço central, visto que a variação é parte de um sistema social semiótico, em que não só a língua é considerada, mas toda a bagagem que o sujeito possui a partir da vivência em sociedade (ECKERT, 2012, 2016).

Ao passo que se considera que o sujeito experiencia diversas situações em sua vida, as categorias não teriam como ser estáticas e fixas, já que o indivíduo modifica-se e reorganiza-se o tempo todo, a depender dos contextos sociais, interlocutores, gêneros discursivos etc.– entre os quais transita – e, em decorrência disso, seu uso da língua é marcado por essa fluidez tanto social quanto estilística. Nesse sentido, Eckert (2005, p. 24) aponta que “[...] o significado da variação reside no seu papel na construção de estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente colocar variáveis em estilos, mas em entender esse posicionamento como parte integrante da construção do significado social”¹⁰.

Dessa forma, o olhar para variação em estudos de terceira onda extrapola o uso linguístico, visto que a

[a] variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar toda a gama de questões sociais de uma comunidade. É como essas questões mudam continuamente, as variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; pelo contrário, sua propriedade central deve ser a mutabilidade indexical. Essa mutabilidade é alcançada na prática estilística, na medida em que os falantes fazem movimentos sócio-semióticos, reinterpretando variáveis e combinando-os e recombinao-os em um processo contínuo de *bricolagem* (Hebdige 1984) (ECKERT, 2012, p. 84)¹¹.

¹⁰ “[...] the meaning of variation lies in its role in the construction of styles, and studying the role of variation in stylistic practice involves not simply placing variables in styles, but in understanding this placement as an integral part of the construction of social meaning.”

¹¹ “Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community’s social concerns. And as these concerns continually change, variables cannot be consensual markers of fixed meanings; on the contrary, their central property must be indexical mutability. This mutability is achieved in stylistic practice, as speakers make social-semiotic moves, reinterpreting variables and combining and recombining them in a continual process of *bricolage* (Hebdige 1984).”

Nessa perspectiva, Podesva (2007) discorre sobre o uso do falsete como forma de construir uma persona. Seu estudo de caso foi feito com um sujeito – Heath – e Podesva investigou, dentre outros aspectos na fala de Heath, a aspiração do /t/, a fim de explorar o valor indexical associado à hiperarticulação. Heath é homem, gay e estudante de medicina e foi instruído a gravar sua fala em diversas situações, contanto que ele e seus interlocutores estivessem à vontade com a gravação.

A partir da análise das gravações, Podesva verificou que, no ambiente de trabalho, Heath adota uma persona competente e educada, já no churrasco com os amigos, uma persona ‘diva’ alegre. O estudante usa significativamente mais /t/ na clínica do que no churrasco, mas os /t/ que ele produz no churrasco têm emissões mais longas de aspiração. Podesva (2007, p. 497) argumenta que “[...] o falsete tem um significado expressivo e que esse significado pode ser usado para construir uma persona diva e talvez uma identidade gay”¹².

Em síntese proposta por Eckert no artigo *Variation, convention, and social meaning* (2005), a *primeira onda* é entendida como o desenvolvimento do cenário global e possui as seguintes características: (i) grandes estudos de levantamento de comunidades geograficamente definidas; (ii) a hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; (iii) variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e carregando traços de prestígio/estigma; e (iv) estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação em direção ao prestígio/estigma¹³ (p. 3). A *segunda onda* é entendida como o desenvolvimento do cenário local e possui as seguintes características: (i) estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente; (ii) categorias locais como elo para as demográficas; (iii) variáveis como indicadores de categorias localmente definidas; e (iv) estilo como atos de filiação¹⁴ (p. 15). A *terceira onda* é entendida como a perspectiva estilística e possui as seguintes características: (i) estudos etnográficos de comunidades de prática; (ii) categorias

¹² “[...] that falsetto bears an expressive meaning, and that this meaning can be used to construct a diva persona and perhaps a gay identity.”

¹³ “The First Wave: Developing the big picture • Large survey studies of geographically defined communities • The socioeconomic hierarchy as a map of social space • Variables as markers of primary social categories and carrying class-based prestige/stigma • Style as attention paid to speech, and controlled by orientation to prestige/stigma.”

¹⁴ “The Second Wave: Developing the local picture • Ethnographic studies of geographically defined communities • Local categories as links to demographics • Variables as indexing locally-defined categories • Style as acts of affiliation.”

locais construídas através de posições comuns; (iii) variáveis como indicadores de posições, atividades, características; e (iv) estilo como construção da persona¹⁵ (p. 30).

É importante pontuar novamente que (i) a sistematização em ondas é apenas um modo de organizar a diversidade de enfoques que tem caracterizado as pesquisas no campo variacionista, e que (ii) os estudos, muitas vezes, não podem ser somente identificados como pertencentes a uma onda em específico, visto que os conceitos, as metodologias e as análises acabam por se aproximar e mesmo se misturar ao longo dos trabalhos, à medida que o objeto de estudo vai requerendo determinadas concepções para ser mais bem explicado. Ou seja, a depender do interesse de investigação da pesquisa, pressupostos de outras áreas do conhecimento podem ser acionados. Dito isso, consideramos que a presente pesquisa alinha-se, em termos gerais, com os estudos de terceira onda de estudos variacionistas, pois procuramos relacionar a percepção de nossos sujeitos de pesquisa sobre identidade e também usos linguísticos tidos como característicos de lésbicas e gays, com os significados sociais, estilísticos e identitários que perpassam esses usos.

Como foi explanado nesta seção, o campo da Sociolinguística é bastante vasto e frutífero para pesquisadores que desejam estudar a variação linguística. Seja por um viés macrosociológico e quantitativo, seja por uma abordagem mais etnográfica e relativamente local, ou ainda em uma visão mais fluida e identitária dos sujeitos e do uso da língua, numa análise mais qualitativa. Os significados sociais e estilísticos da variação assumem características relativamente distintas em cada onda de estudos, porém, com as identidades dos sujeitos cada vez mais fluidas e dinâmicas, como bem aponta Rampton (2006), é difícil pensar nos usos da língua correlacionados apenas a macrocategorias, pois, assim, pode-se deixar de captar uma gama enorme de possibilidades que existem nas microcategorias, nos sujeitos situados política, histórica e socialmente.

Nas seções subsequentes, são abordadas questões envolvendo estilo e identidade, comunidade de prática, etnografia linguística e também gênero e sexualidade.

2.2 Estilo e Identidade

Nesta seção explicitamos o embasamento teórico desta pesquisa referente a aspectos de natureza estilística e identitária. Para dar conta dessa tarefa, são considerados,

¹⁵ “The Third Wave: The stylistic perspective • Ethnographic studies of communities of practice • Local categories as built on common stances • Variables as indexing stances, activities, characteristics • Style as persona construction.”

basicamente, as/os autores Eckert (2006, 2008, 2012, 2016), Eckert & McConnell-Ginet (1992), Irvine (2001), Coupland (2007), Kiesling (2013), Drummond e Schleeff (2016), Mendes (2018) e Oushiro (2019), entre outros. Dessa forma, são acionadas as seguintes noções correlacionadas: estilo, significado social, construção de identidade e ideologia.

Como já explanado na seção anterior, a noção de estilo e sua relação com o significado social tem sido compreendida de maneiras relativamente diferentes, ao passo que os estudos na área da SV vão avançando. Nesta dissertação, nos atentamos a concepções que buscam compreender o *estilo* como indissociável do *significado social* e como uma propriedade que pode ser observada tanto no próprio indivíduo quanto num grupo, marcando uma *identidade*.

Nessa abordagem, toda variação é uma variação estilística e, nessa ótica, Eckert (2005, p. 24) assinala que “estilo (assim como a língua) não é uma coisa, mas uma prática. É a atividade em que as pessoas criam significado social. Nem a língua nem o mundo social são estáticos [...]”¹⁶. Para a autora, é nas *práticas linguísticas/estilísticas*, em que os sujeitos são (in)conscientemente agentes de suas próprias produções, que o estilo se conecta fortemente com a *ideologia*. Nesse sentido,

[a] ideologia está no centro da prática estilística: de uma forma ou de outra, cada movimento estilístico é resultado de uma interpretação do mundo social e dos significados dos elementos desse mundo, assim como um posicionamento do estilizador com respeito ao mundo (ECKERT, 2008, p. 456).¹⁷

Nas práticas linguísticas são marcados posicionamentos dos sujeitos quanto ao mundo em que vivem. Tais posicionamentos são indiciados por usos, conscientes ou não (pois os sujeitos não se percebem a todo instante e nem frente a toda situação comunicativa em que se inserem) de recursos estilísticos, motivados por fatores distintos, como o grau de formalidade e de intimidade, a ideologia e a experiência do sujeito e, principalmente, sua intenção. Por exemplo, uma mulher lésbica ou um homem gay que já sofreram muito preconceito ao longo de suas vidas podem decidir não expor linguisticamente características que a partir do imaginário popular são vinculadas à orientação sexual. E o contrário também pode acontecer.

Eckert (2008) disserta sobre a importância do conceito de estilo para o estudo da variação linguística, porque para a autora:

¹⁶ “And style (like language) is not a thing but a practice. It is the activity in which people create social meaning. Neither language nor the social world is static [...]”

¹⁷ “Ideology is at the center of stylistic practice: one way or another, every stylistic move is the result of an interpretation of the social world and of the meanings of elements within it, as well as a positioning of the stylizer with respect to that world.”

O estilo *persona* é o melhor nível para abordar o significado da variação, por que é neste nível que conectamos estilos linguísticos com outros sistemas estilísticos, como roupas e outros sinais comoditizados e com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que assim povoam a imaginação social (ECKERT, 2008, p. 456)¹⁸.

Portanto, além da prática estilística relacionada ao uso da língua, também é interessante investigar outros sistemas estilísticos são desempenhados pelos sujeitos, como roupas, acessórios, etc, e como esses dois planos estilísticos podem (ou não) conversar entre si. Além disso, é também interessante explorar de que ordem são as construções ideológicas que os sujeitos se filiam e por meio das quais eles analisam o mundo exterior.

Porém, como esses processos estilísticos, de fato, acontecem na vida cotidiana dos sujeitos?

Esse processo começa quando o agente estilístico percebe um estilo individual ou de grupo - talvez o estilo traga sua atenção para aqueles que o usam; talvez os usuários chamem atenção para o estilo. Mas a percepção do estilo e a percepção do grupo ou indivíduo que o usa são reforçadas mutuamente, e o significado do estilo e de seus usuários é recíproco. O estilo em si será percebido na forma de recursos que o agente estilístico separa para aviso prévio (ECKERT, 2008, p. 457)¹⁹.

Ao redimensionar o olhar para o(s) estilo(s), a terceira onda da sociolinguística pôde vislumbrar o estudo da variação a partir de uma perspectiva mais ampla e, conseqüentemente, mais abrangente.

A pesquisa da terceira onda começa frequentemente com uma investigação de estilos, e não de características individuais. Como resultado da associação do significado social a um estilo, os variacionistas da terceira onda ampliaram significativamente o escopo da investigação para incluir qualquer tipo de material linguístico que ajude na construção de estilos, em vez de focar apenas em características mutáveis ou estáveis de variáveis (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 54)²⁰.

¹⁸ “*Persona* style is the best level for approaching the meaning of variation, for it is at this level that we connect linguistic styles with other stylistic systems such as clothing and other commoditized signs and with the kinds of ideological constructions that speakers share and interpret and that thereby populate the social imagination.”

¹⁹ “This process begins when the stylistic agent perceives an individual or group style – perhaps the style will bring his or her attention to those who use it; perhaps the users will call attention to the style. But the noticing of the style and the noticing of the group or individual that uses it are mutually reinforcing, and the meaning of the style and its users are reciprocal. The style itself will be noticed in the form of features that the stylistic agent separates out for notice.”

²⁰ “Third-wave research starts frequently with an investigation of styles, rather than individual features. As a result of the association of social meaning with a style, third-wave variationists have extended significantly the scope of investigation to include any kind of linguistic material that helps in the construction of styles, rather than focusing only on changing or stable variable features.”

Para a antropóloga Judith Irvine (2001, p. 42), estilo é “[...] um fenômeno verdadeiramente sociolinguístico, uma organização de distintividade que opera num plano linguístico e é ainda constitutiva de distinção social ao fazê-lo.”²¹. Portanto, conforme os sujeitos vão desempenhando diferentes estilos, eles também vão projetando diferentes *identidades/personas*. Dessa forma,

[n]a sociolinguística variacionista de terceira onda, identidades são consideradas como sendo construídas e reconstruídas; elas são *dinâmicas e mutáveis*. Língua e identidade não podem ser separadas ou correlacionadas; elas são co-constitutivas. [...] A identidade emerge de várias maneiras, indo da ação deliberada à prática habitual e como resultado de processos interacionais (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53, grifo nosso)²².

É importante ressaltar que Eckert (2008) não despreza as categorias macrosociológicas e as considera importantes para explorar os vínculos entre elas e os indivíduos, que são produzidos no interior das práticas sociais “[...] nas quais as pessoas moldam seus modos de falar, movendo seus estilos dessa maneira ou outra, enquanto eles movem suas *personas* através de situações de momento a momento, de dia para dia e ao longo da vida” (ECKERT, 2008, p. 463)²³.

Com o avanço da modernidade e da pós-modernidade, diversos movimentos que antes não possuíam representatividade ou notoriedade começaram a ter algum espaço na sociedade e as questões levantadas por esses grupos são importantes no que concerne às *identidades sociais*, pois pautas que eram antes marginalizadas começam a ter algum espaço.

Os movimentos sociais de liberação das mulheres, dos negros, dos gays e lésbicas, que nasceram e floresceram no século passado, ao politizarem a vida social e ao questionarem modos cristalizados e antiéticos de desempoderar aqueles historicamente inferiorizados, também têm fornecido contribuição singular para a compreensão das identidades sociais (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002, p. 13).

A partir desses movimentos, portanto, é necessária uma certa revisão de conceitos, pois muitas lógicas antes naturalizadas começam a ser questionadas e outros diferentes

²¹ “[...] style as a truly sociolinguistic phenomenon, an organization of distinctiveness that operates on a linguistic plane yet is constitutive of social distinctiveness as it does so”.

²² “In TWVS (third-wave variationist sociolinguistic), identities are regarded as being constructed and reconstructed; they are dynamic and changeable. Language and identity cannot be separated or correlated; they are co-constitutive. [...] Identity emerges in a variety of ways, ranging from deliberate action to habitual practice and as the result of interactional processes”.

²³ “[...] in which people fashion their ways of speaking, moving their styles this way or that as they move their *personae* through situations from moment to moment, from day to day, and through the life course.”

modos de vida acabam por construir novos horizontes de possibilidades (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002).

Nessa perspectiva mais ampliada,

[p]recisamos entender como as pessoas usam, promulgam ou performam estilos sociais para uma variedade de propósitos simbólicos. Estilos sociais (incluindo estilos de dialeto) são um recurso para as pessoas fazerem muitos diferentes tipos de significados pessoais e interpessoais (COUPLAND, 2007, p. 3)²⁴.

Em outras palavras, busca-se compreender de que maneira os sujeitos performam seus estilos, investigando que fatores propiciam esses usos da língua, bem como quais seriam as motivações ideológicas e simbólicas imbricadas em seus usos. Conforme apontam Drummond e Schlee (2016), “explorar o significado social de um recurso pode nos ajudar a entender o papel que a língua desempenha na *construção da identidade*”²⁵ (p. 53).

Drummond e Schlee (2016) fazem um resumo dos cinco princípios discutidos por Bucholtz e Hall (2010) para o estudo da identidade:

- A identidade emerge no discurso, em vez de precedê-lo.
- A identidade inclui não apenas categorias macrosociológicas do tipo censo, mas também posicionamentos etnográficos e interacionais.
- A identidade é constituída por meio de uma variedade de processos indexicais.
- A identidade não está localizada com o indivíduo; identidades são construídas intersubjetivamente através de uma variedade de relações.
- A identidade é parcial. É 'produzida através de configurações contextualmente situadas e ideologicamente informadas do eu e do outro' (BUCHOLTZ e HALL, 2010, p. 25). Ela muda continuamente dentro de interações e entre contextos.²⁶ (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53-54).

Seguindo essa lógica, Kiesling (2013, p. 450) entende que “[...] *a identidade é como os indivíduos se definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros*

²⁴ “We need to understand how people use or enact or perform social styles for a range of symbolic purposes. Social styles (including dialect styles) are a resource for people to make many different sorts of personal and interpersonal meaning.”

²⁵ “Exploring the social meaning of a feature can help us understand the role language plays in identity construction.”

²⁶ “• Identity emerges in discourse, rather than preceding it. • Identity includes not only census-type macrosociological categories, but also local ethnographic and interactional positionings. • Identity is constituted by means of a variety of indexical processes. • Identity is not located with the individual; identities are constructed inter-subjectively through a variety of relations. • Identity is partial. It is ‘produced through contextually situated and ideologically informed configurations of self and other’ (ibid.: 25). It shifts continually within interactions and across contexts.”

indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”²⁷ (grifo no original). Isso quer dizer que é a partir da relação consigo mesmo, com outros sujeitos e também com as vivências em grupos sociais que a identidade dos sujeitos (re)constrói-se e (re)modifica-se, sejam essas relações efetivamente reais ou apenas imaginadas.

Portanto, nem a língua nem a identidade dos sujeitos podem ser tomadas como fixas, o que vai ao encontro do apontamento de Joseph de que “não existe linguagem de forma homogênea ou imutável. É através da variação que a identidade dos indivíduos é indexada e interpretada: quem eles são, com o que se importam e de que gostam e o que aspiram” (JOSEPH, 2016, p. 19)²⁸. Ou seja, a partir da variação é que a(s) identidade(s) dos sujeitos é indexada e, dessa forma, são expressas suas visões de mundo. Ainda segundo o mesmo autor “cada um de nós performa um repertório de identidades que estão mudando constantemente e que negociamos e renegociamos de acordo com as circunstâncias” (p. 24).

Numa mesma direção, sobre o tópico identidade, Oushiro (2019) aponta que

[...] os falantes não falam do modo como falam como *reflexo* inevitável de categorias a que “pertencem”, mas que tais categorias identitárias são *elaboradas*, de forma mais ou menos consciente, pelos falantes durante suas interações sociais. Também implica assumir que as identidades são sempre múltiplas, plurais, e que um falante não pode ser reduzido a uma única dimensão (“ser mulher”, “ser nordestino” etc.) (OUSHIRO, 2019, p. 307).

Após apresentar e discutir sobre algumas definições de identidade de autores como Mendoza-Denton (2002), Battisti (2014), Kiesling (2013) e Gumperz (1971) a autora conclui que a identidade

não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce total controle. (OUSHIRO, 2019, p. 309).

Belsey (1980) sugeriu que os indivíduos devem ser vistos como “não fixados, insatisfeitos ... não uma unidade, não autônoma, mas um processo, perpetuamente em

²⁷ “[...] *identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationships with other individuals and groups*, whether these others are real or imagined.”

²⁸ “No language exists in a homogeneous or unchanging form. It is through variation that the identity of individuals is indexed and interpreted: who they are, what they care about and like, and what they aspire to.”

construção, perpetuamente contraditório, perpetuamente aberto à mudança” (BELSEY, 1980, p. 132)²⁹.

Uma das identidades que os sujeitos possuem é a orientação sexual. Sobre as identidades relacionadas a esse aspecto identitário, Joseph (2016) pontua que

[a]s identidades gays tendem a ser interpretadas em termos dos índices estabelecidos para as identidades heterossexuais masculinas e femininas e, como os atos homossexuais masculinos são ilegais por grande parte da história e permanecem assim em partes do mundo, essas identidades também estão ligadas a códigos "secretos" e índices que devem ser interpretados por pessoas de dentro da identidade, mas indecifráveis para pessoas de fora (JOSEPH, 2016, p. 26)³⁰.

Assim como as identidades, por vezes, não são de fácil compreensão para pessoas de fora de certa comunidade ou grupo, o mesmo acontece com a língua usada por essas pessoas, que também se torna indecifrável para pessoas distantes dessa realidade. De acordo com Baxter (2016), “a língua [...] atua como uma força reguladora para pressionar as pessoas a se ajustarem aos padrões socialmente aprovados de fala e comportamento” (BAXTER, 2016, p. 37)³¹.

Eckert (2008) também aciona o conceito de ordem indexical desenvolvido por Silverstein (2003) para discutir sobre a relação entre os fatos macrossociológicos e a prática linguística. Esse conceito proporciona uma maneira diferente de estudar a variação, pois leva em conta a bagagem ideológica dos sujeitos.

A diferença entre a noção de marcador usada nos estudos de variação e o índice do tratamento de Silverstein está na incorporação *ideológica* do processo pelo qual a ligação entre forma e significado é estabelecida e refeita. A participação no discurso envolve uma interpretação contínua de formas em contexto, uma atribuição instantânea de valores indexados a formas linguísticas. (ECKERT, 2008, p. 463, *grifo nosso*)³².

²⁹ “unfixed, unsatisfied ... not a unity, not autonomous, but a process, perpetually in construction, perpetually contradictory, perpetually open to change.”

³⁰ “Gay identities have tended to be interpreted in terms of the indices established for male and female heterosexual identities and, since male homosexual acts were illegal for much of history and remain so in parts of the world, these identities are also linked to ‘secret’ codes and indices meant to be interpretable by insiders to the identity but indecipherable to outsiders.”

³¹ “Language [...] acts as a regulatory force to pressurise individuals to conform to socially approved patterns of speech and behaviour.”

³² “The difference between the notion of marker as used in variation studies and the index of Silverstein’s treatment is in the ideological embedding of the process by which the link between form and meaning is made and remade. Participation in discourse involves a continual interpretation of forms in context, an in-the-moment assigning of indexical values to linguistic forms.”

Nessa perspectiva, diferentes formas podem indexicalizar significados diversificados. O que nos leva a noção de campo indexical, que segundo Eckert (2008, p. 464) é “[...] uma constelação de significados ideologicamente vinculados. Como tal, é inseparável do campo ideológico e pode ser vista como uma personificação da ideologia na forma linguística”³³. Por esse motivo “os estudos da terceira onda geralmente começam com estilos, buscando o que os diferencia, na tentativa de preencher os tipos de recursos e significados que dão à língua sua vida social.” (ECKERT, 2012, p. 96)³⁴.

A autora também pontua que para podermos entender o significado da variação na prática, precisamos investigar o campo ideológico que, por sua vez, está em constante reconstrução dos valores indexicais de uma variável, para então, criar um campo indexical (ECKERT, 2008).

As variáveis têm campos indexais em vez de significados fixos, porque os falantes usam variáveis não apenas para refletir ou reafirmar seu lugar pré-ordenado específico no mapa social, mas para fazer movimentos ideológicos. O uso de uma variável não é simplesmente uma invocação de um valor indexical preexistente, mas uma reivindicação indexical que pode invocar um valor preexistente ou colocar uma reivindicação em um novo valor (ECKERT, 2008, p. 464)³⁵.

Porém, é importante ressaltar que uma mesma variável pode ser usada para fazer movimentos ideológicos por diferentes sujeitos, situações e propósitos e, dessa forma, o significado da variável na prática não será igual para toda a população.

O trabalho de Camacho e Salomão-Conchalo (2016) é um exemplo importante no que se refere à discussão ente língua e identidade para os estudos de terceira onda da Sociolinguística brasileira. Os autores discutem *a variação de plural no SN como um indexador de identidade*. Baseados nos construtos teóricos propostos por Eckert (2000, 2005, 2008, 2012) os autores objetivam a análise das dinâmicas e das práticas sociais de dois grupos de estudantes de uma escola de São José do Rio Preto, ideologicamente opostos, os

³³ “[...] a constellation of meanings that are ideologically linked. As such, it is inseparable from the ideological field and can be seen as an embodiment of ideology in linguistic form.”

³⁴ “Third-wave studies often begin with styles, seeking out what makes them distinctive, in an attempt to fill out the kinds of resources and meanings that give language its social life.”

³⁵ “Variables have indexical fields rather than fixed meanings because speakers use variables not simply to reflect or reassert their particular pre-ordained place on the social map but to make ideological moves. The use of a variable is not simply an invocation of a pre-existing indexical value but an indexical claim which may either invoke a pre-existing value or stake a claim to a new value.”

funkeiros e os ecléticos, a fim de examinar como o processo variável da concordância nominal pode consistir num campo de significados potenciais.

O trabalho é um estudo etnográfico, visto que toda pesquisa é direcionada para a variação no *indivíduo*, ou em microgrupos, as comunidades de prática (CP), em que se estabelecem as redes de relações sociais dos indivíduos envolvidos. Para tanto, dois tipos de procedimentos foram adotados para o desenvolvimento do trabalho: i) uma análise qualitativa de base etnográfica para explorar as diferenças e as semelhanças entre os vários grupos de jovens existentes na comunidade escolar e ii) uma análise quantitativa baseada no processamento estatístico dos dados fornecidos ao pacote estatístico Goldvarb X.

Sobre a pesquisa etnográfica, os autores pontuam:

A pesquisa etnográfica teve a finalidade específica de verificar como esses estudantes constroem a sua *identidade linguística e social* por meio de suas práticas sociais e de suas relações simbólicas. O método de análise consistiu basicamente no contato direto do pesquisador com a situação investigada, onde se constroem as relações cotidianas, com base nos padrões das ciências sociais, ou seja, mediante observação participante, preenchimento de questionários, entrevistas e gravações com os alunos (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 51, *grifo nosso*).

A hipótese era de que deveria haver uma correlação entre centralidade e perifericidade grupal e a realização da concordância nominal. O resultado permitiu que os autores considerassem que a variação de número no SN, naquela amostra, é um indexador dos valores ideológicos e das práticas sociais que organizam a identidade, que perpassa um processo de ressignificação tanto para o grupo dos funkeiros quanto para o grupo dos ecléticos. Ou seja, “a variação de pluralidade é apenas um recurso estilístico de construção de identidade, ao indexar distanciamento de outros grupos, e mesmo um perfil individual e próprio, que se destaca dos demais membros do mesmo grupo” (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 60). Isto é, os padrões de variação no SN encontrados nas duas comunidades de prática fazem parte de uma produção estilística dos sujeitos, como um recurso de diferenciação social e marca de suas identidades sociais.

O trabalho de Mendes (2018) também é um exemplo de trabalho da terceira onda da Sociolinguística. Seu trabalho intitulado “Percepção e performance de masculinidades: e feitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal” discute questões de percepção e performance da masculinidade(s) a partir de duas variáveis linguísticas-

fonológicas. O estudo de percepção deu-se por meio de quatro experimentos desenvolvidos com a técnica *matched-guise*³⁶.

No primeiro experimento, os participantes da pesquisa ouviram quatro homens, por meio de estímulos que continham apenas ocorrências de concordância padrão (CNp) ou não padrão (CNØ). Diante da concordância não padrão (CNØ), todos os quatro homens tendem a serem percebidos como mais masculinos. No segundo experimento, foram incluídas duas vozes femininas e duas masculinas e (CN) tem efeito na percepção de masculinidade/feminilidade para apenas um rapaz e uma moça e não faz diferença para os outros dois. No terceiro experimento, os estímulos foram definidos pela variável (EN), contendo as mesmas vozes do segundo experimento; e “os resultados são semelhantes: a pronúncia ditongada de [ejn] contribui para a percepção de que uma das mulheres soe mais feminina e um dos rapazes soe menos masculino” (MENDES, 2018. p. vi). Já o quarto experimento combina as duas variáveis (CN) e (EN) nos estímulos, com apenas dois falantes, um homem e uma mulher. Para o homem, existe um efeito de (CN) na percepção de sua masculinidade e para ela, (EN) se correlaciona à percepção de feminilidade.

No trabalho, também é feito um estudo de produção que analisa o emprego das variantes das variáveis (CN) e (EN) por quatro rapazes, em entrevistas sociolinguísticas. As análises mostram que o estudo de alternância de estilos (no sentido de conjuntos de elementos pelos quais os falantes negociam suas posições e objetivos num sistema de distinções e possibilidades – Irvine 2001) e de construção de personae tem alcance limitado quando se utiliza de entrevistas sociolinguísticas.

2.3 Um pé na Antropologia

Nas próximas duas seções, traremos alguns conceitos comumente presentes no campo da Antropologia, como a noção de *comunidade de prática* e de *etnografia linguística*, pois acreditamos serem noções importantes para o desenvolvimento desta dissertação.

2.3.1 Comunidade de Prática (CP)

A concepção de CP foi trazida da antropologia para a sociolinguística por Eckert e McConnell-Ginet (1992), com o intuito de correlacionar linguagem e gênero. O termo

³⁶ O teste de equivalência é uma técnica experimental sociolinguística usada para determinar os verdadeiros sentimentos de um indivíduo ou comunidade em relação a um idioma, dialeto ou sotaque específico.

comunidade de prática refere-se a “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992], p. 102). Em outras palavras, os participantes de uma CP compartilham interpretações sobre outras comunidades, sobre suas próprias práticas em relação àquelas comunidades e o desenvolvimento de um *estilo* que perpassa essas interpretações (ECKERT, 2006).

Assim sendo, dentro das comunidade(s) de prática(s)³⁷, os usos linguísticos podem revelar significados sociais e, dessa forma, uma relação mais estreita entre língua e identidade pode ser estabelecida. Os estilos individuais de cada sujeito funcionam como marcas de identidades sociais e ocupam um lugar central no estudo da variação linguística. Reconhece-se que a identidade não é algo fixo, assim como os usos linguísticos e seus significados também podem não ser.

No interior das comunidade(s) de prática(s), ou seja, dentro de um grupo de sujeitos envolvidos em experiências compartilhadas, é possível depreender qual é o valor da noção de CP:

O valor da noção para a sociolinguística e para a antropologia linguística reside no fato de que ela identifica um agrupamento social não em virtude de características abstratas compartilhadas (por exemplo, classe, gênero) ou co-presença simples (por exemplo, vizinhança, local de trabalho), mas em virtude de práticas compartilhadas. No decorrer da atividade conjunta regular, uma comunidade de prática desenvolve maneiras de fazer as coisas, visões, valores, relações de poder, modos de falar. E os participantes se envolvem com essas práticas em virtude do seu lugar na comunidade de prática, e do lugar da comunidade de prática na ordem social maior (ECKERT, 2006, p. 683)³⁸.

Não estabelecer relações entre língua e sujeitos baseadas apenas em características abstratas como classe, gênero, idade, possibilita um mergulho profundo nas práticas dos sujeitos pertencentes a uma CP, a fim de compreender como funciona a dinâmica interna do grupo, de modo a investigar quais são as visões, os valores e os modos de falar de uma CP

³⁷ Consideramos apropriado usar o termo no plural comunidade(s) de prática(s), visto que os sujeitos transitam por diversas CPs durante suas vidas.

³⁸ “The value of the notion to sociolinguistics and linguistic anthropology lies in the fact that it identifies a social grouping not in virtue of shared abstract characteristics (e.g., class, gender) or simple copresence (e.g., neighborhood, workplace), but in virtue of shared practice. In the course of regular joint activity, a community of practice develops ways of doing things, views, values, power relations, ways of talking. And the participants engage with these practices in virtue of their place in the community of practice, and of the place of the community of practice in the larger social order.”

em específico e de que forma eles interagem e pensam sobre a sociedade em um contexto mais amplo.

Um dos propósitos para estudar CPs é para relacionar as formas de falar dos sujeitos com as formas que eles participam do mundo social, ou seja, investigar de que forma o significado social passa a ser incorporado na linguagem. As formas de falar dos sujeitos expressam, em maior ou menor grau, suas visões de mundo e é a partir da linguagem que eles se posicionam e interagem com o mundo social.

Dois requisitos precisam ser preenchidos para termos a composição de uma CP, são eles: experiência compartilhada ao longo do tempo e um compromisso de compreensão compartilhada (ECKERT, 2006, p. 683)³⁹. Dito isso, é preciso que sujeitos mantenham relações e experiências compartilhadas por algum período de tempo e que também tenham compreensões compartilhadas, como visões de mundo, valores, etc.

A constituição de CP também é uma ferramenta crucial para (re)construção da identidade de seus participantes, o que também influencia em seus repertórios linguísticos, uma vez que:

Uma comunidade de prática, que é central para a maior parte da construção da identidade de seus participantes, é um importante *locus* para o estabelecimento da história conjunta, promovendo a construção complexa de estilos linguísticos (ECKERT, 2006, p. 684)⁴⁰.

À medida que os sujeitos participam de diversas CPs durante suas vidas, é natural que, no interior delas, eles (re)modifiquem e (re)construam suas identidades de modo contínuo. Fato este que reverbera em suas produções linguísticas e estilísticas, também constantemente atravessadas por suas experiências.

Nessa perspectiva, Wenger (1999) nos apresenta uma figura ilustrativa que busca descrever de forma mais detalhada o que é necessário para a composição de uma CP.

Figura 1 – Comunidade de Prática (CP)

³⁹ “[...] shared experience over time and a commitment to shared understanding.”

⁴⁰ “A community of practice that is central to many of its participants’ identity construction is an important locus for the setting down of joint history, allowing for the complex construction of linguistic styles.”



Fonte: Adaptado de Wenger (1999, p. 73).

A figura é formada por três pilares maiores e centrais: *empreendimento conjunto*, *repertório compartilhado* e *engajamento mútuo*. No que se refere ao empreendimento conjunto, a autora pontua algumas características que formam esse pilar: empreendimento negociado, responsabilidade mútua, interpretações, ritmos e resposta local. Já sobre o pilar engajamento mútuo, as seguintes características são pontuadas: diversidade engajada, produzir coisas juntos, relacionamentos, complexidade social e manutenção da comunidade. Sobre o pilar repertório compartilhado é formado pelas características de: histórias, artefatos, estilos, ações, ferramentas, discursos, conceitos e eventos históricos.

Dessa forma, trabalhar com comunidades de práticas possibilita ao pesquisador um trabalho de cunho etnográfico, para entender e perceber todas as nuances que perpassam as experiências de seus participantes, visto que

[o] construto "comunidade de prática" é uma maneira de localizar o uso da língua etnograficamente, de modo a criar um vínculo responsável entre a prática local e a associação em categorias extralocais e amplas (ECKERT, 2006, p. 684)⁴¹.

⁴¹ "The construct 'community of practice' is a way of locating language use ethnographically so as to create an accountable link between local practice and membership in extralocal and broad categories."

Na presente pesquisa, entendemos que nossos sujeitos de pesquisa compõem uma comunidade de prática não prototípica⁴², pois todos se conhecem entre si, já transitaram por espaços em comum e compartilham algumas visões de mundo e também modos de falar. Essas características que apontam para a formação dessa CP são mais detalhadas na Seção 3, reservada aos encaminhamentos metodológicos da pesquisa.

2.3.2 Etnografia linguística

A etnografia linguística (EL) foi desenvolvida por grandes avanços da antropologia linguística, em meados do século XX nos Reino Unido. Na presente pesquisa, consideramos que existem algumas características de um trabalho de natureza etnográfica.

Algumas linhas teóricas que influenciaram a EL foram a etnografia da comunicação, a sociolinguística interacional e a microetnografia.

A etnografia linguística tipicamente assume uma orientação pós-estruturalista ao criticar os relatos essencialistas da vida social. Ao unir os dois termos 'linguístico' e 'etnografia', ela se alinha a uma visão epistemológica específica da língua no contexto social (CREESE, 2008, p. 229)⁴³.

A EL afirma que, em um grau considerável, a língua e o mundo social se moldam mutuamente e que uma análise minuciosa do uso da língua situada pode fornecer *insights* fundamentais e distintos sobre os mecanismos e a dinâmica da produção social e cultural na atividade cotidiana (RAMPTON et al., 2004.)⁴⁴. Em consonância com os pressupostos da terceira onda da Sociolinguística, acredita-se que a língua é fonte de estudo em sua prática social e cultural, a partir dos sujeitos que a usam e a ressignificam a todo instante.

Podemos dizer que tanto objeto, usos linguísticos de lésbicas e gays, como os sujeitos desta pesquisa são estudados também por essa perspectiva social e situada da língua postulada pela etnografia linguística, uma vez que procuramos compreender os significados e as dinâmicas sociais imbricados nas percepções dos sujeitos de pesquisa quanto a assuntos

⁴² Entendemos que nossos sujeitos formam uma CP não prototípica, pois embora todos tenham cursado o curso de Letras e a maioria tenha frequentado a Universidade no mesmo período, um de nossos sujeitos, Pedro, não chegou a frequentar a Universidade conjuntamente com os outros sujeitos de pesquisa.

⁴³ “Linguistic ethnography typically takes a poststructuralist orientation by critiquing essentialist accounts of social life. In conjoining the two terms ‘linguistic’ and ‘ethnography’ it aligns itself with a particular epistemological view of language in social context.”

⁴⁴ “linguistic ethnography generally holds that to a considerable degree, language and the social world are mutually shaping, and that close analysis of situated language use can provide both fundamental and distinctive insights into the mechanisms and dynamics of social and cultural production in everyday activity.”

como identidade e usos linguísticos. Além disso, buscamos também investigar quem são esses sujeitos no mundo e quais suas visões sobre o que acreditam estar no imaginário popular acerca de lésbicas e gays.

Nesse sentido, buscamos explorar um pouco das vidas e das opiniões desses sujeitos, levando em conta a complexidade constitutiva de cada um, bem como a vasta gama de percepções que cada um pode manifestar, a depender das próprias vivências em sociedade.

Acreditamos que ao proporcionar também uma reflexão acerca da(s) identidade(s) de lésbicas e gays entre os sujeitos de pesquisa e capturar suas percepções sobre o assunto, temos a oportunidade de realizar uma discussão sobre o tema, que é costumeiramente tão carregado de estereótipos limitadores.

A partir das discussões propostas, podemos contribuir para desnaturalizar certos estereótipos sobre a temática da identidade e perceber quão limitadora – porém ainda recorrente no imaginário popular – é a ideia de que identidade é uma característica fixa dos sujeitos. Nesse sentido, consideramos que

[se] a pesquisa linguística ajudar a transcender as muitas desigualdades de língua e competência no mundo de hoje, deve ser capaz de analisar essas desigualdades. Em particular, uma linguística prática tão motivada [deveria] ir além dos meios de fala e tipos de comunidade da fala, até uma preocupação com [as] pessoas e a estrutura social (RAMPTON et al., 2004, p. 10 apud HYMES, 1977, p. 204-5).

Com a abordagem da etnografia linguística é possível desmistificar desigualdades, trazendo atenção para elas, colaborando assim para a discussão de temas frequentemente localizados – e largados – às margens da sociedade. Nosso intuito também segue essa linha, ao passo que procuramos ouvir sujeitos que podem ser marginalizados em um contexto social mais amplo.

Segundo Rampton et al. (2014, p. 2), a etnografia “[...] tenta entrar no mundo da vida dos sujeitos e abstrair (algumas de) suas características estruturantes”⁴⁵. Nessa perspectiva,

a etnografia tenta compreender os entendimentos tácitos e articulados dos participantes em quaisquer processos e atividades que estão sendo estudados, e tenta fazer justiça a esses entendimentos em seus relatórios para pessoas de fora (RAMPTON, 2014, p. 2-3)⁴⁶.

⁴⁵ “tries to enter the informants’ life-world and to abstract (some of) its structuring features.”

⁴⁶ “ethnography tries to comprehend both the tacit and articulated understandings of the participants in whatever processes and activities are being studied, and it tries to do justice to these understandings in its reports to outsiders.”

A partir do contato com os sujeitos, do encaminhamento e da realização de entrevistas e do extenso trabalho de transcrição e revisão – com vistas a compreender as percepções dos participantes acerca de tópicos relacionados à identidade e usos linguísticos –, é possível considerar que esta pesquisa, em alguma medida, apresenta algumas características de um trabalho de natureza etnográfica.

Na próxima seção, são apresentadas e discutidas questões sobre o campo conceitual relacionado a gênero e sexualidade.

2.4 Gênero e Sexualidade

Nesta seção são acionadas as discussões envolvendo gênero e sexualidade, visto que esses conceitos são bastante caros ao presente estudo, uma vez que nossos sujeitos de pesquisa são lésbicas e gays autodeclarados e, ao nosso ver, possuem histórias e vivências que são permeadas e atravessadas por essas questões.

Diversas discussões e teorizações acerca do tema têm sido produzidas. Autores importantes como Michel Foucault (1988 [1999]) e Judith Butler (2003 [1990]), por exemplo, se propuseram a discutir os conceitos de gênero e sexualidade na sociedade e, com isso, apresentaram relevantes contribuições nesse campo.

No que se refere às concepções de *gênero e sexualidade*, nos atentamos brevemente (i) às reflexões propostas por Butler (1993, 2003 [1990],) sobre *performatividade de gênero*; (ii) à concepção de *sexualidade* defendida por Foucault (1988 [1999]); e também (iii) às contribuições de Lanz (2014) acerca das *definições* de termos a serem utilizados neste trabalho.

Os estudos sobre gênero e sexualidade começaram a ser abordados pelas Ciências Humanas a partir das produções científicas que emergem dos movimentos feministas no final do século XIX:

Estes movimentos questionaram a opressão e a subordinação das mulheres, confrontaram os modelos de família e o padrão de sexualidade, bem como instituíram uma “política do corpo” com capacidade de tensionar a biologização do sexo e o binarismo de gênero (IRINEU, 2014, p. 156).

O movimento feminista teve início durante o século XIX na França e teve como uma de suas maiores influências a Revolução Francesa e as mudanças sociais que eclodiram naquele momento. A partir dessas mudanças, as mulheres começaram a perceber e enxergar as desigualdades que vivenciavam e, com o passar do tempo, começaram a questionar e contestar os modelos sociais estabelecidos na época, o que impulsionou a luta contra a disparidade política e de direitos a que eram submetidas. Esse período ficou conhecido como a primeira onda do feminismo e estimulou outros movimentos em diversos países ao redor do mundo (IRINEU, 2014).

Ainda segundo Irineu, a partir dos movimentos feministas, abriu-se espaço para problematizações advindas de diversos outros movimentos sociais que “questionaram a opressão e a subordinação das mulheres, confrontaram os modelos de família e o padrão de sexualidade, bem como instituíram uma ‘política do corpo’ com capacidade de tensionar a biologização do sexo e o binarismo de gênero” (IRINEU, 2014, p. 156).

O movimento feminista contemporâneo é decorrente das diversas correntes feministas que foram sendo construídas ao longo do tempo, conforme apontam Narvaz e Coller (2006, p. 648):

O movimento feminista contemporâneo, reflexo das transformações do feminismo original - predominantemente intelectual, branco e de classe média - configura-se como um discurso múltiplo e de variadas tendências, embora com bases comuns. As feministas destacam que a opressão de gênero, de etnia e de classe social perpassa as mais variadas sociedades ao longo dos tempos.

Nessa perspectiva contemporânea do movimento feminista, as contribuições da filósofa Judith Butler foram de extrema importância, ao passo que a autora procurou desconstruir o conceito de gênero no qual boa parte da teoria feminista estava baseada. Dessa forma, Butler contribuiu de forma significativa para os estudos feministas e para as pesquisas de gênero e sexualidade nas Ciências Humanas, pois trouxe para a discussão os conceitos de *performance* e *performatividade*. Inspirada pelo trabalho do filósofo da linguagem John Austin (1962), Butler (2003 [1990]) nos propõe a ideia de gênero como performativo. Essa ideia oferece-nos uma perspectiva para se pensar para além dos conceitos canônicos que constituem binarismos tais como sexo e gênero, corpo e mente, natureza e cultura.

Como já apontado, os pensamentos de Butler partem da proposição estabelecida por Austin, que se baseiam em uma crítica à ideia de língua como mera transmissão de

significados, o que abre caminho para se pensar a construção de identidades, de corpos e de sujeitos. Ou seja, ainda de acordo com a autora, da mesma maneira que se pode pensar na noção de gênero como performativo, também é possível se pensar na língua como performativa. Esse conceito, portanto, concebe a língua como uma espécie de regulamento de ação, fazendo com que os limites e fronteiras presentes na relação entre língua e mundo possam ser repensados e desfeitos, para dar lugar a uma concepção de língua como prática social que se constitui frente a certos contextos sociais e culturais específicos.

Segundo Butler (2003 [1990]), as *performances de gênero* ou *sexuais* não podem ser vistas como um prolongamento, uma continuação de um corpo já dado pela biologia (fêmea/macho). A filósofa recusa a anterioridade desses corpos através de uma discussão que revê também a distinção entre sexo e gênero, em que o primeiro é entendido como ‘fato natural’ e o segundo é tido como interpretação cultural imposta sobre esta natureza biológica.

Para Butler (2003 [1990]), é no interior de seus atos e práticas discursivas que o indivíduo se constitui como sujeito que importa *no* e *para* o mundo. No entanto, entender que o sujeito é fruto de ações acaba por estabelecer uma linha muito tênue entre os conceitos de *performance* e *performatividade*, o que pode levar a identidade de gênero a ser entendida, de forma simplista, como um mecanismo linguístico e social desregulado e sem controle. Em resumo, Borba (2014) aponta que

performatividade não é um jogo livre nem uma auto apresentação teatral; não pode também ser igualada à *performance*. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (BORBA, 2014, p. 449 apud BUTLER, 1993, p. 93, grifo nosso).

Essa instância reguladora a que Butler refere-se é constituída pela chamada heterossexualidade compulsória e os discursos que a sustentam e demarcam nossas *performances* de gênero. Essas *performances* ocorrem em situações em que a matriz de inteligibilidade imposta pela sociedade pode ser revista, repensada e desconstruída. Para entender performatividade, portanto, é preciso entender que ela é o que possibilita, potencializa e limita a *performance*. A compreensão de gênero, sexo, sexualidade e desejo como performativos não deve pressupor, nem implicar que eles sejam meramente concebidos como uma *performance* (num sentido estritamente teatral). Esses construtos são produzidos paralelamente e como resultado das inúmeras *performances* do indivíduo e devem ser

desvinculados de quaisquer noção de ‘essência’ que os levem a ser tomados como pré-concebidos e determinados.

A matriz de inteligibilidade de gênero é socialmente imposta e constituída por normas que impõem a existência indiscutível de uma ligação linear entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade. A existência dessa matriz implica que, “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2003 [1990], p. 37). Essas noções são resultados de um conjunto de normas sociais baseadas num sistema heteronormativo onde só há a possibilidade de um indivíduo ser e perceber-se conforme a seguinte configuração: como homem ou como mulher e manter relações necessariamente com pessoas do sexo oposto, sem brechas para desvios, controvérsias, conflitos e desinteligências.

Butler (2003 [1990], p. 24) entende a heteronormatividade como instituição compulsória e naturalizada das normas binárias de gênero, normas estas reguladas pela heterossexualidade, condutoras da diferenciação entre os estereótipos do feminino e do masculino e consolidadoras dessa correspondência interna e linear entre sexo, gênero e orientação. A partir dessa desestabilização é possível se pensar questões sobre o corpo, mais especificamente, que significados estão circunscritos e como ele, entendido por Foucault (1988 [1999]) como unidade de poder, pode ser um instrumento para agir no mundo. É sob essas discussões que Butler (1993) entende o corpo como o local de materialização da subjetividade, que não se limita a representações puramente biológicas, onde gênero e sexualidade, tomados como atos performativos, são instaurados.

Nesse sentido, a autora disserta:

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma.⁴⁷ (BUTLER, 1993, p. 10).

⁴⁷ “Construction not only takes place in time, but is itself a temporal process which operates through the reiteration of norms; sex is both produced and destabilized in the course of this reiteration.⁷ As a sedimented effect of a reiterative or ritual practice, sex acquires its naturalized effect, and, yet, it is also by virtue of this reiteration that gaps and fissures are opened up as the constitutive instabilities in such constructions, as that which escapes or exceeds the norm, as that which cannot be wholly defined or fixed by the repetitive labor of that norm.”

Isso posto, podemos apontar que Butler compreende que gênero e sexualidade se constituem materialmente através de atos performativos, ou seja, atos de linguagem que não descrevem, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos. Essa ideia dialoga com a concepção de sexualidade defendida por Foucault:

A sexualidade é o nome que pode se dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1988 [1999], p. 100).

A sexualidade é, portanto, algo construído socialmente e não algo dado *a priori*, já imbricado nos sujeitos no momento de seus nascimentos. Pelo contrário, cada sujeito, inserido em dado contexto e dada sociedade, vai construindo a sua sexualidade conforme o passar do tempo e de suas experiências. É nesse processo dinâmico que nossas identidades, seja de gênero ou sexual, são construídas, desestabilizando, dessa forma, o pensamento predominante do padrão heteronormativo.

Com base em Louro (2000), é importante compreender que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas a vivência de um processo de construção social e político. É algo construído por cada um ao longo da vida de modo diferente e único, mas atrelado e submetido ao contexto social (BROCHADO JÚNIOR; SOUZA-LEITE, 2016).

Dessa forma, a sexualidade e a identidade dos sujeitos estão fortemente conectadas, ao passo que compõem um essencial traço individual de suas vidas.

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social permeada por inúmeras questões. Através dela, todo um universo de desejos, crenças e valores são articulados, definindo um amplo espectro de que entendemos como sendo nossa identidade. (SEVERO, 2013, p. 69).

Como bem apontam Brochado Júnior e Souza-Leite (2016), “tem-se a identidade e nela está a sexualidade também como parte que a constitui; é resultado da assimilação da cultura, do local e do tempo em que o sujeito está inserido” (p. 188).

A construção da identidade de sujeitos LGBT perpassa essas questões, ao passo que são esperadas determinadas *performances* (condutas) desses indivíduos. Por exemplo, em linhas gerais, de uma mulher é esperada a feminilidade e de um homem a masculinidade. E

no que se refere a mulheres lésbicas, o imaginário popular as associa a masculinidade e parecido acontece com homens gays, que frequentemente são associados à feminilidade. Porém, mesmo com essas *performances* socialmente esperadas, nem todas as mulheres lésbicas e nem todos os homens gays constroem e performam essa identidade que se encontra no senso comum, visto que transgridem a configuração de sujeito prevista.

É importante destacar, neste momento, as diferenciações entre sexo, gênero e orientação sexual. Segundo Lanz (2014), o termo *sexo* está relacionado unicamente com a biologia, com o órgão genital do sujeito, podendo ser classificado em macho, fêmea, intersexuado e nulo. O termo *gênero* está fortemente relacionado com a construção social, o que coincide com as ideias de Butler (2003 [1990]) e de Foucault (1999). O termo *orientação sexual* diz respeito ao desejo afetivo do ser humano. A orientação não está relacionada somente com o sexo da pessoa, nem com a sua identidade de gênero, tem relação unicamente com a atração física e emocional entre pessoas. A relação heterossexual é aquela entre pessoas de sexos biológicos opostos e a relação homossexual é aquela entre pessoas do mesmo sexo biológico, bem como a própria etimologia das palavras aponta, em que *homo* = igual e *hetero* = diferente.

Na cultura ocidental, há apenas dois gêneros reconhecidos, o feminino e o masculino, e, conseqüentemente, ambos representam o sexo biológico. Portanto, nesse sistema culturalmente binário, é socialmente imposto àqueles que nascem com a biologia masculina, a identificação com o gênero masculino e àquelas que nascem com a biologia feminina, a identificação com o gênero feminino.

Porém, neste trabalho, entendemos gênero como construção de papel social e isso “[...] envolve a maneira do sujeito se relacionar com o mundo – interno e externo. E esse encontro com o mundo atravessa e constitui também a construção da identidade. Passamos a nos inventar no encontro com o Outro social” (BROCHADO JÚNIOR; SOUZA-LEITE, 2016, p. 194).

Os autores recorrem a Costa (1994) para ampliar o entendimento sobre orientações sexuais existentes em nossa sociedade:

[...] o termo orientação sexual é utilizado para designar o tipo de relacionamento que se estabelece com alguém do sexo oposto, do mesmo sexo ou com pessoas de ambos os sexos. Dessa forma, a orientação sexual está relacionada com a heterossexualidade, a homossexualidade (ou homoafetividade como preferem alguns por se tratar de questões de ordem afetiva e não somente sexual), a bissexualidade e todas as outras possíveis

classificações de direcionamento do desejo (BROCHADO JÚNIOR; SOUZA-LEITE, 2016, p. 197).

Porém, mesmo com essas orientações sexuais existindo em nossa sociedade, Louro (1997) salienta que existe muita confusão a respeito das relações entre orientação sexual e identidade de gênero, mas parece que não existe essa relação – são coisas independentes.

Estudos mais antigos envolvendo relações amplas entre língua e gênero também são interessantes de serem pontuados. Um exemplo é o trabalho de Lakoff (2010 [1973]), intitulado originalmente *Language and Woman's Place*, em que a autora disserta sobre como somos usados pela linguagem, tanto quanto a usamos e, assim, aponta que nosso comportamento linguístico funciona como um diagnóstico dos nossos sentimentos sobre as coisas. Seguindo nessa lógica, a linguista discute que desde muito pequenas as meninas são ensinadas a não expressarem raiva ou demonstrarem oscilações temperamentais, o que não acontece com os meninos. Isso ocorre também, segundo a autora, no uso de adjetivos, com emprego distinto: homens usam adjetivos considerados neutros (legal, bacana etc.) e mulheres usam adjetivos mais elaborados (adorável, encantador etc.). E, ainda, se um homem usar esses adjetivos associados às mulheres, ele pode colocar sua 'reputação' em jogo, parecendo homossexual.

Aqui, pode-se estabelecer uma relação com a fala de homens homossexuais, que, no imaginário popular, possuem uma fala que se aproxima mais da feminina. O mesmo acontece com mulheres homossexuais, que, nesse mesmo imaginário, possuem uma fala que se aproxima mais da masculina. Nesse sentido, ainda segundo a autora:

Se uma menininha “fala grosso” ou de modo rude como um menino, ela vai normalmente ser isolada, xingada ou ser motivo de gozação. Dessa forma, a sociedade, por intermédio do pai, da mãe e dos amigos de uma criança, a mantém “na linha”, em seu lugar. Esse processo de socialização é, na maior parte de seus aspectos, inofensivo e frequentemente necessário, mas nessa instância particular – o ensinamento de usos linguísticos específicos para meninas – causa sérios problemas (LAKOFF, 2010 [1973], p 15).

Desse modo, a autora explicita como o uso da língua pode ser um fator de discriminação, em que a linguagem das mulheres é geralmente associada à fragilidade e delicadeza e que elas tendem a usar uma linguagem mais contida e menos direta, enquanto não se espera o mesmo comportamento por parte dos homens.

O apontamento de Zwick (1997) corrobora com a ideia de que, no imaginário popular, homens gays buscam ou se aproximam de um comportamento feminino e de que mulheres lésbicas buscam ou se aproximam um comportamento masculino, o que não é inteiramente uma verdade.

É uma crença popular generalizada de que você pode distinguir pessoas não-heterossexuais [...] pelo comportamento deles, em particular pelo discurso. Essa crença é provavelmente um corolário de outra crença popular, que a homossexualidade é uma identificação (inadequada) com o outro sexo, que lésbicas pensam e agem como homens e que gays pensam e agem como mulheres (ZWICK, 1997, p. 26)⁴⁸.

Essas expectativas e/ou especulações relacionadas ao comportamento de lésbicas e de gays são culturalmente imbricadas nas expectativas quanto a feminilidade e a masculinidade e podem dificultar as vivências dos sujeitos, por serem diferentes e não conseguirem se enquadrar nas normas socialmente impostas a eles. Nesse sentido,

A diferenciação social, que tende a se sobrepor à diferença sexual, na medida em que serve como instrumento de classificação e ordem, atribui aos indivíduos uma representação de si mesmos com a qual acreditam que devem se conformar (PASTRE, 1997, p. 369)⁴⁹.

Ao tentar se encaixar naquilo que lhes é previamente estabelecido, lésbicas e gays podem experimentar um certo sentimento de frustração e impotência, pois não conseguem alcançar os padrões esperados.

Numa direção semelhante, o estudo de Cameron (2010 [1998]) intitulado originalmente *Perfoming Gender Identity: Young Men's Talk and the Construction of Heterosexual Masculinity* problematiza o desempenho da identidade de gênero em uma conversa entre rapazes. Cameron recorre à filósofa Judith Butler (1990) e sua obra intitulada *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*, em que discorre sobre o gênero como performativo e usado pelas pessoas como constituinte da identidade que elas pretendem apresentar para outras pessoas. Butler também afirma que feminino e masculino não são

⁴⁸ “It is a widespread folk belief that you can pick out nonstraight people [...] by their behavior, in particular by their speech. This belief is probably a corollary of another folk belief, that homosexuality is an (inappropriate) identification with the other sex, that lesbians think and act like men and that gay men think and act like women.”

⁴⁹ “Social differentiation, which tends to superimpose itself on sexual difference, insofar as it serves as an instrument of classification and order, assigns individuals a representation of themselves to which they believe they must conform.”

características que possuímos, mas sim efeitos que produzimos a partir das coisas que fazemos. A concepção de Butler amplia a visão feminista tradicional de que gênero não é natural, mas sim socialmente construído e é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas às normas culturais que definem masculinidade e feminilidade.

Cameron, portanto, pontua uma vantagem importante a partir da perspectiva de gênero de Butler, pois ela

permite que se reconheça a instabilidade e a variabilidade das identidades de gênero e, dessa forma, do comportamento que exibe a performatividade dessas identidades. [...] As pessoas são, segundo ela, agentes conscientes que podem – apesar de, com frequência, com certo custo social – optar pelo engajamento em atos transgressores, subversivos ou que denotem resistência (CAMERON, 2010 [1998], p. 132-133).

Ao explorar a conversa dos cinco rapazes, Cameron (2010 [1998]) percebeu que muitos dos assuntos discutidos por eles caracterizavam-se como fofoca, o que não é “esperado” vindo de homens. O grupo de rapazes conversou sobre alguns colegas gays, ou supostamente gays, porém o critério que o grupo usou para caracterizá-los não tinha relação com as preferências ou práticas sexuais das pessoas sobre as quais estavam fofocando. Por esse motivo, a autora acredita que, para os rapazes, ser gay significa não atingir os padrões de masculinidade(s) determinados pelo grupo (envolvendo desde a aparência até o modo de vestir-se e de falar). Sobre um colega supostamente gay, um dos rapazes chega a declarar: “ele é a antítese de homem” (p. 137). A autora também comenta sobre a generalização dos tipos de fala masculina e feminina, em que a fala dos homens é competitiva, enquanto a das mulheres é colaborativa; homens falam para conseguir *status* e mulheres buscam *intimidade* e *conexão*. Porém, os falantes podem transitar entre os tipos de fala e alternar entre esses diferentes modos de expressão.

Levon e Mendes (2016), ao trazerem algumas contribuições de Chesebro (1981)⁵⁰, assinalam que “identificando como lésbicas e gays usam a língua permitiria à pesquisa entender o que significa ser lésbica ou gay.⁵¹”. Ainda ao discorrer sobre esse trabalho, os autores pontuam que o arcabouço teórico em que Chesebro baseou-se parte de duas suposições fundamentais:

⁵⁰ Chesebro é notoriamente um dos primeiros estudiosos a estudar língua e sexualidade, publicando *Gayspeak: Gay Male and Lesbian Communication*, em 1981.

⁵¹ “Identifying how lesbians and gays use language would thus allow research to understand what it means to be lesbian or gay.”

A primeira é que existe uma comunidade ou subcultura de lésbicas/gays, e que ser membro dessa comunidade e ter experiências compartilhadas nela que definem a “identidade de lésbicas/gays”. A segunda suposição é que essa identidade compartilhada dá origem a um conjunto distinto de práticas sociais e linguísticas (LEVON; MENDES, 2016, p. 3-4)⁵².

Baseando-nos em conceituações diferenciadas, porém complementares, entendemos nesta pesquisa que a conceituação de gênero trata-se de uma construção social, política, histórica, cultural e religiosa, que atravessa e perpassa os sujeitos e suas práticas a todo o momento.

2.4.1 Comunidade LGBT

As discussões envolvendo tanto gênero quanto sexualidade vêm sendo crescentes no âmbito nacional, visto que, à medida que a sociedade pós-moderna vai abrindo espaço para problematizações acerca de assuntos que antes eram tidos como tabus, conseqüentemente, os sujeitos geram discursos que visam questionar o modo de funcionamento da sociedade.⁵³ Tendo isso em vista, esta seção traz à tona discussões sobre o ‘ser’ LGBT, principalmente no âmbito brasileiro, e ainda abordamos questões sobre preconceito e inferiorização desses sujeitos.

Primeiramente, é importante justificar por que usamos tal nomenclatura – LGBT – e de onde a mesma surgiu. Segundo Viana (2015), são muitas as representações envolvidas para reunir em forma de sigla a comunidade. Sem contar as diversas mudanças que a sigla representativa desse movimento no Brasil já sofreu. A mais comum, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), foi substituída por GLBT (com a inclusão de Bissexuais e Transgêneros e exclusão dos Simpatizantes). A sigla aqui adotada, tanto pela autora e por nós, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), segue deliberação da I Conferência Nacional LGBT, realizada em 2008. Há controvérsias quanto à nomeação de todos os Ts, quanto à inclusão de um Q (para *queers*) ou um A (para assexuais) e quanto à inclusão de um I (para intersexos), mas há consenso na busca por inclusão das mais variadas dimensões da construção das desigualdades, trazendo à tona pertencimentos sexuais e de

⁵² “The first is that there exists a lesbian/gay community or subculture, and that it is membership in this community and the shared experiences therein that define lesbian/gay “identity.” The second assumption is then that this shared identity gives rise to a set of distinctive social and linguistic practices.”

⁵³ Ressalve-se, no entanto, que na situação política atual no Brasil percebe-se um movimento na direção de restringir o espaço para problematizações dessa natureza, o que se espera seja contingencial.

gênero. Sendo assim, embora tenhamos ciência de toda a discussão em torno das siglas, optamos por usar a sigla LGBT por nos parecer mais usual.

No que concerne às diversas lutas por direitos que essa comunidade vem tentando conquistar, recorremos a Canabarro (2013), quando o autor aponta que, no Brasil, a luta por direitos humanos de sexos diversos surge mais tarde que na América do Norte ou Europa. No início da década de 1980, o país passa por uma reabertura democrática, ao passo que a ditadura perdia a sua força. Pouco a pouco, os movimentos democráticos vão (re)aparecendo e nesse período surgem vários grupos do denominado Movimento Gay.

Ainda no final da década de 1970, são criados interessantes movimentos como o *Jornal Lampião da Esquina*, em 1978 (FERREIRA, 2010), que circulava na época falando de “coisas de bicha”, desafiando a censura e questionando a heteronormatividade compulsória. Na década de 1980, eclode a epidemia da AIDS – batizada pela imprensa de “Peste Gay” e “Câncer Gay” – e os grupos militantes veem-se diante de uma situação inesperada, pois o que antes era uma luta por liberdade, torna-se, diante da morte de tantos amigos militantes, uma luta pela vida. Nesse momento, acontece um marco para o Movimento LGBT: a parceria com o Estado, em especial, com as áreas governamentais da Saúde (PARKER, 2000). As ONGs LGBTs que surgem àquela época deixam de ter o caráter de movimento social e passam a trabalhar em conjunto com o governo.

Nas décadas de 1980 e 1990, surgem vários grupos brasileiros com o mesmo intuito, atuando até hoje, como o GGB – Grupo Gay da Bahia, que surge em 1980, pioneiro na realização de pesquisas e estudos. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retira de seus catálogos médicos (DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e CID – Código Internacional de Doenças) o *homossexualismo* (o sufixo -ismo remete à doença), passando-se a denominar homossexualidade, como condição de ser e orientação individual do desejo (ABGLT, 2013).

Como vimos, muitas movimentações envolvendo a comunidade LGBT vêm sendo feitas e a produção acadêmica acompanha os avanços e retrocessos que emergem das demandas da sociedade.

No que se refere à fala de sujeitos LGBT, ponto central desta pesquisa, podemos dizer que alguns membros da comunidade, pela necessidade de comunicarem-se de forma mais velada, sem que outros entendam do que se trata, ou mesmo para falar de forma “engraçada” (como reforçando de forma caricata o estereótipo que lhes é reservado), utilizam o chamado “bichês” (LAU, 2017). Segundo o autor, por se tratar de uma linguagem informal, diferente do “português padrão”, falada por pessoas de classes sociais inferiores, é vista como uma

linguagem a ser evitada e somente falada com teor humorístico, até mesmo com intenção de “imitar” de maneira “debochada” a forma de se expressar de gays que correspondem ao estereótipo, chamados de “poc-poc” ou “pão-com-ovo”, termos do próprio “bichês” para se referir de forma negativa a esses sujeitos LGBT.

As gírias⁵⁴ usadas por homossexuais são, muitas vezes, informais, simbólicas, engraçadas e funcionam como marcas específicas do mundo LGBT e também como características desse mundo e, portanto, exercem uma função que, de certa forma, se delimita a usuários específicos. Apesar disso, as gírias também variam, como bem aponta Lau (2017):

Por mais que as variações linguísticas sejam diversas, em cada região há um significado diferente para a linguagem, para as gírias e dialetos é a mesma coisa. Bourdieu (2008, p. 25) fala da língua(gem) como “desvio individual em relação à norma linguística”, ou seja, juntamente com a questão identitária do sujeito, não utilizamos uma forma de linguagem para nos comunicar. (LAU, 2017, p. 168).

Esse uso de uma variedade específica também expõe comportamentos humanos. Segundo Rampton (2006):

Em termos do comportamento e desenvolvimento humanos, as ideias clássicas sobre nossas ações e seus significados adquiridos com base em suas funções no sistema social foram substituídas pela visão de que o que fazemos tem um papel primordial em moldar os lugares onde vivemos, e, longe de sermos compreendidos como socializados com base nas normas de um grupo social cujo monitoramento subsequentemente nos mantém moralmente alinhados, há agora a compreensão de que nos “agrupamos” com base em uma grande quantidade de opções mutáveis, decidindo o que é correto ou errado para nós mesmos (RAMPTON, 2006, p. 113, apud LAU, 2017, p 168).

Nesse sentido, um dos aspectos relacionados à disparidade entre a fala de homossexuais e de heterossexuais é o uso de gírias, conforme já apontado e explicitado aqui, por trabalhos anteriores. Uma das possíveis motivações para esse uso diferenciado é a questão de enfrentamento e distanciamento da sociedade heteronormativa. Como apontam Brisolara e Torino (2013):

⁵⁴ Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 1453), o termo é definido como: 1. Linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional 2. Dialeto usado por determinado grupo social que busca se destacar através de características particulares e marcas linguísticas em nível lexical.

Os indivíduos pertencentes a grupos gays vivem em permanente atrito com os grupos mais conservadores da sociedade. Dessa ameaça, surgem estratégias discursivas de autopreservação. Para subverter essa situação, emerge um discurso cifrado, acessível apenas aos iniciados. Trata-se de uma estratégia para construir a imagem do indivíduo e do grupo, criar uma face diferente, e garantir um território próprio (p. 51).

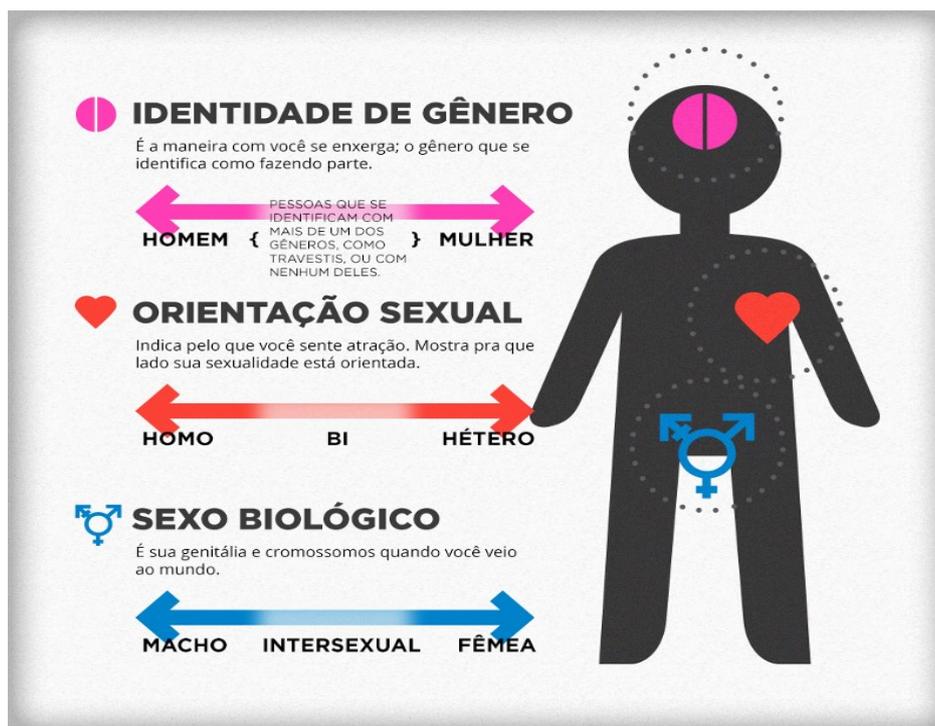
Após uma longa caminhada para conquistar direitos humanos, a população LGBT segue na luta para obter conquistas, que, por muitas vezes, não são compreendidas pela população em geral. O preconceito embutido na sociedade ainda transparece em pequenas (ou grandes) ações ou discursos cristalizados, o que pode travar muitos desses sujeitos de quererem lutar por seus próprios direitos.

2.4.2 Lésbicas e gays

Retomamos, neste momento, as conceituações fornecidas por Lanz (2014). A autora aponta que a orientação sexual não está relacionada com o sexo biológico do sujeito e, também, não possui relação com sua identidade de gênero. A orientação, portanto, tem relação somente com a atração física e emocional dos sujeitos. A partir do entendimento – ou não – de sua orientação sexual, os sujeitos começam a se relacionar afetiva e sexualmente. Retomando, em termos práticos, a relação heterossexual é aquela entre sujeitos de sexos biológicos opostos e a relação homossexual é aquela entre sujeitos do mesmo sexo biológico, bem como a própria etimologia das palavras aponta, em que *homo* = igual e *hetero* = diferente.

Diversas dessas terminologias relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico ainda não são totalmente compreendidas por grande parte da população brasileira. A figura, a seguir, intenta explicar de forma mais clara essas nomenclaturas:

Figura 2 – Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico



Fonte: Livraria Florence.⁵⁵

De certa forma, é sabido que a sexualidade é ainda vista por muitos como algo ‘vergonhoso’, mas isso se deve ao fato de o assunto ainda ser um tabu na sociedade, pelo menos em significativa parte dela. E isso não se dá de maneira aleatória:

A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulação das populações”. A sexualidade é um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade (ALTMANN, 2001, p. 576).

No movimento de discutir essas questões, na presente pesquisa, lidamos com sujeitos de duas orientações sexuais: mulheres lésbicas e homens gays. Assim sendo, ora nos remetemos, de forma mais ampla, a sujeitos pertencentes à comunidade LGBT, ora, exclusivamente, a mulheres lésbicas e homens gays, que são, especificamente, nossos sujeitos de pesquisa.

⁵⁵ Disponível em: <https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/> Acesso em 10 out. 2019.

Muitas abordagens nas ciências sociais e humanas estão voltadas para questões que envolvem o sujeito e as relações interpessoais que os atravessam constantemente. De acordo com Goffman (1959), a grande maioria de nossas ações e condutas são reguladas durante um processo de representação do Eu na relação com o Outro. É para desempenhar determinados papéis sociais que conduzimos diferentes *performances* durante nossa vida cotidiana. Isso implica que mesmo que partamos do pressuposto de que um sujeito possa estar inserido no meio social imerso através de uma lógica que o precede, ainda assim ele é capaz de se ressignificar. Seguindo essa perspectiva, é nesses papéis que esses indivíduos são capazes de conhecer uns aos outros; é nesse fluxo natural que há a possibilidade de conhecerem a eles mesmos como seres reais.

Cada papel representado por sujeitos, LGBT ou não, revela uma nova máscara social. Durante esse percurso, essa máscara pode vir a se fundir aos traços pessoais já existentes do indivíduo, como um refinado sistema dentro da sua própria personalidade. Esse processo performático faz com que o sujeito seja capaz de transformar-se, de desconstruir-se e remontar e cada nova peça desse ‘quebra-cabeça corporificado’ e, dessa forma, os sujeitos constroem diferentes *personas*⁵⁶ para essa representação. Portanto, todos os aspectos, as nuances, as ações apresentadas e realizadas publicamente pelo sujeito para o mundo são materializadas pelas *personas*. Para alguns sujeitos LGBT é necessário fazer uso dessas máscaras e/ou papéis sociais, para que possam conviver mais harmoniosamente com o que é ‘esperado’ ou imposto, em suas mais diversas formas, pela sociedade.

Desse modo, Stuart Hall (2006) entende que somos diferentes a todo momento, por que assumimos, durante nossa vida cotidiana, diversos papéis sociais, e, portanto, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. Somos diversas pessoas em uma só, pois ora somos informais, ora formais, ora trabalhadores, ora estudantes, ora filhos etc. Borba (2014) também compreende identidade sob esse prisma, isto é, como um construto histórico e culturalmente situado em que

o que o sujeito faz e diz não é a expressão de uma realidade interior, de uma essência pré-existente que funciona como origem de suas ações e subjetividade; o que o sujeito repetidamente diz e faz o constitui como real e natural. A realidade do sujeito que diz, do corpo que fala e age, é performativamente produzida in situ pelo que é dito e feito (BORBA, 2014, p. 448).

⁵⁶ Segundo a concepção de Jung (1975), a *persona* é uma máscara que o sujeito assume quando se depara frente a demandas e convenções socialmente estabelecidas e ela representa uma parcela significativa do comportamento do sujeito enquanto entidade coletiva.

Butler (1993) entende que as repetidas *performances* desempenhadas pelos sujeitos geram condições para eles mesmos repensarem quais significados podem estar associados ao uso de seus corpos e isso lhes permite criarem novas concepções sobre si mesmos, que perpassam a lógica biológica, binária e estática de configuração social e, dessa forma, podem ser capazes de pensar para além dos rótulos ‘masculino’ e ‘feminino’ e vislumbrar outras possibilidades de ser, estar e conviver no mundo.

De acordo com Donald Hall (2003, p. 2), “a linguagem [...] fornece o material de base de nossas identidades e os parâmetros e limites de nossa habilidade de saber e agir [...]”⁵⁷. Entretanto, esse processo de construção e reconstrução identitária que emerge das e nas práticas discursivas dos sujeitos é constantemente atravessado por certos tipos de relações de poder. Essas relações acabam por dar subsídios para as marcações de diferença e de exclusão sociais. Tendo isso em vista, segundo o autor, é preciso olhar de forma ampla para a produção discursiva e seus efeitos, pois ela tanto é capaz de elaborar práticas que podem ser socialmente legitimadas quanto silenciadas. A linguagem, sendo uma elaboração da *performance*, não é anterior à mesma.

Desse modo, ao pensarmos no processo de (re)construção identitária dos sujeitos LGBT, levando em conta todo o *background* de discriminação e inferiorização que esses sujeitos têm enfrentado ao longo do tempo, é impossível que não nos atentemos ao fato de que, durante esse percurso de vida, a(s) identidade(s) desses indivíduos não tenha(m) sido afetada(s) pela configuração binária e heteronormativa de sociedade e seu discurso opressor.

A necessidade de atender às expectativas impostas por esse sistema acaba gerando modelos previsíveis de sujeitos, com pouco espaço para a agentividade, uma vez que são projetados para atender a regras do sistema hegemônico. Como resultado de um processo simbólico e representativo de violência e poder, muitos sujeitos LGBT acabam adotando alguns estigmas e estereótipos, assumindo para si um tipo de *performance* identitária sexual⁵⁸. No entanto, essas normas discursivas impostas são produções e, por isso mesmo, muitos sujeitos resistem a elas, criando processos de subjetivação singulares, não hegemônicos, contemplando uma proposta expressiva e pós-estruturalista de identidade, que Butler (1993) denomina como *performatividade de gênero*.

⁵⁷ “Language [...] provides the base matter of our identities, and the parameters and limitations of our ability to know and act [...]”

⁵⁸ A *performance* identitária sexual acontece quando os sujeitos LGBT acabam por reforçar os estereótipos e estigmas que concernem a suas condutas sexuais, restringindo, dessa forma, o ser homossexual única e exclusivamente à prática sexual.

No que concerne a esta pesquisa, tomando como pontos centrais questões sobre gênero e sexualidade aliadas a estilo e identidade, torna-se pertinente e instigante investigar como nossos sujeitos de pesquisa, mulheres autodeclaradas lésbicas e homens autodeclarados gays, compreendem esses assuntos e como essas questões são manifestadas – ou não – em suas falas.

A seguir, é feita uma revisão da literatura acerca de estudos que, em alguma medida, são correlatos ao objeto investigado nesta dissertação.

2.5 Estudos correlatos

Devido à contínua e crescente produção de trabalhos envolvendo o tema da homoafetividade e sua relação com a língua, uma revisão na literatura foi feita, a fim de buscar trabalhos que tenham abordado, de alguma forma, a temática LGBT. No decorrer da seção, apresentamos, brevemente, os trabalhos de Alonso (2010), Mendes (2012), Viana (2012), Felix (2016), Figueiredo (2016), Barroso (2017), Silva (2017) e Santana (2018).

Podemos tomar a pesquisa de Nilton Tadeu de Queiroz Alonso (2010) como um exemplo de trabalho com a temática homoafetiva. Sua tese foi intitulada *Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana* e o ponto de partida foi a hipótese de que o riso pode funcionar como um recurso expressivo capaz de evidenciar tanto uma marca do entendimento do sentido criptológico⁵⁹ da gíria empregada pelo interlocutor quanto uma marca comportamental, talvez subversiva, dos mesmos falantes. Nesse sentido, o autor tinha três objetivos norteadores: a) estudar a gíria da diversidade sexual paulistana; b) investigar os aspectos sociolinguísticos presentes no uso da gíria como signo de grupo e c) estudar o caráter criptológico da gíria, sua expressividade e a ocorrência do riso como efeito de sentido.

O *corpus* da pesquisa foi formado a partir de visitas, em sua maioria, noturnas, nas regiões do Centro e Jardins, na cidade de São Paulo e com a criação de um glossário, que foi constituído a partir do diálogo com homossexuais masculinos. Nessas visitas, o pesquisador conversou com homossexuais masculinos, procurando perceber as gírias usadas por eles e fez anotações das referidas conversas, sendo essa a metodologia do trabalho.

O resultado atingido pelo pesquisador foi o de que o riso é, de fato, um efeito (de sentido) obtido também pelo sentido criptológico, com objetivos de ostentar um

⁵⁹ Para o autor, o sentido criptológico da gíria refere-se a um entendimento mais restrito, por a gíria ser um signo de grupo que, por muitas vezes, é apenas compreendido em um grupo social específico.

comportamento irreverente (associado ao riso) e de manter um sentimento de superioridade em relação aos não integrantes (associado ao sentido restrito).

Mendes (2012) realizou o trabalho intitulado “Diminutivos como marcadores de sexo/gênero” que partiu da hipótese de que o uso dos diminutivos no português brasileiro costuma ser entendido como um fato linguístico associado a sexo/gênero. O autor analisou qualitativa e quantitativamente ocorrências em 104 entrevistas sociolinguísticas, com a intenção de investigar padrões de produção, e pontua que homens (gays ou não) que tendem a marcar sua masculinidade, assim como lésbicas que se autoconsideram menos femininas, aparentam limitar ou até evitar o emprego de diminutivos.

Dentre outras questões, o trabalho do pesquisador propôs que os sujeitos da pesquisa escutassem a gravação de cinco leituras de um mesmo texto, feita por cinco homens diferentes. A partir disso, foi pedido aos entrevistados que atribuíssem uma nota de 1 a 5 (1 soar menos gay até 5 soar mais gay) para cada leitura. Também, após escutarem e avaliarem as leituras, os entrevistados puderam justificar as suas avaliações. As avaliações de natureza linguística mais presentes entre os diferentes entrevistados foram: (i) “certas vogais parecem mais longas”; (ii) “a entonação ‘sobe e desce’ muito”; (iii) “as palavras são mais cuidadosamente pronunciadas; gays falam mais ‘direitinho’, cometem menos ‘erros’”; (iv) “homens gays e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada” (MENDES, 2012, p. 114).

O autor ressalta que é importante lembrar que os sujeitos falantes num grupo não têm, todos igualmente, a mesma “projeção” psicossocial, que se baseia nas relações que os indivíduos mantêm com a sociedade para o desenvolvimento de suas mentes. Alguns homens gays fazem questão de se colocar como gays, contudo outros não gostam de deixar suas preferências evidenciadas. E o mesmo acontece com mulheres lésbicas.

Mais um trabalho envolvendo o tema é a dissertação de Elisângela Oliveira Viana (2012) intitulada *Estratégias de construção do ethos gay masculino no blog katylene.com: um estudo da multimodalidade e das gírias gay*. Os objetivos da pesquisa foram: a) analisar os mecanismos utilizados por Katylene e seus seguidores no processo de manifestação do *ethos* gay masculino; b) discutir o conceito de *ethos* como a construção da imagem de si no discurso e das estratégias textual-discursivas observadas durante o processo de construção dessa imagem; e c) verificar quais recursos multimodais são mobilizados pelos usuários do blog e a manifestação de gírias gays que revelam traços orais da fala dos gays masculinos (p. 22-23).

A amostra da pesquisa foi construída a partir do blog katylene.com, o qual serviu como ambiente de base para a coleta de dados. As postagens (posts iniciais e posts respostas) selecionadas fazem parte das onze katchigurias (categorias dentro do blog), em que foram selecionados dois posts iniciais de cada katchiguria que apresentavam os maiores números de posts respostas. Os procedimentos metodológicos foram a aplicação do modelo de análise proposto na gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006) para a identificação da metafunção composicional (valor de informação, Saliência e *framing*) no blog katylene.com, o recorte dos posts localizados na margem superior de cada post resposta e a observação dos posts que apresentam maior saturação de estratégias de escrita fonética.

Desse modo, os resultados obtidos pela pesquisadora foram que a construção do *ethos* gay masculino se dá a partir da observação do design visual (moldura do site; imagens; vídeos e textos linguísticos) apresentado no blog katylene.com. E que, a depender da postagem realizada por Katylene, os elementos multimodais que caracterizam cada um dos *ethé* se alternam como itens mais ou menos salientes na composição do blog. Além disso, ao utilizarem estratégias de escrita fonética que imitam a forma de falar dos gays masculinos, Katylene e seus seguidores constroem, dentro da cenografia, uma identidade, compartilhando de um mesmo *ethos* gay masculino.

Outro trabalho interessante de ser pontuado é a dissertação de Rafael de Almeida Arruda Felix (2016) intitulada *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. A hipótese que norteou sua pesquisa foi a seguinte: por conta do superlativo se tratar de uma forma linguística fortemente estigmatizada e estereotipada, seu uso pode estar relacionado a questões de identidade e estilo. Para tanto, o trabalho foi norteado a partir de três objetivos: a) apresentar uma descrição e análise do que seria a fala gay; b) analisar a fala de homens gays através de entrevistas sociolinguísticas, a fim de verificar se o uso de superlativo poderia configurar uma característica real e/ou indiciária de um falar gay e c) verificar se gays utilizam, de fato, tantos superlativos como sugere o estereótipo social desse grupo (p. 5).

O autor analisou amostras de fala de 24 informantes do sexo masculino, que se autoidentificam como gays, oriundos da cidade de Ribeirão Preto, em confronto com a utilização das entrevistas da Amostra Censo do banco de dados Iboruna. Os grupos de fatores extralinguísticos controlados foram: a) escolaridade: médio, superior; b) idade: 18 a 30, 31 a 40, acima de 40; e, para as rodadas cruzando os com os dados do Iboruna, c) sexo/gênero: masculino, feminino, gay. A metodologia adotada foi baseada em entrevistas que abrangeram

quatro tipos de texto oral, de acordo com os gêneros discursivos definidos: a) narrativa de experiência pessoal; b) narrativas recontadas; c) texto descritivo; d) relatos de opinião.

A partir disso, os resultados obtidos pela pesquisa foram de que o uso dos sufixos superlativos feito por gays não se dá com tanta frequência como sugere o estereótipo. No entanto, ao comparar as duas amostras, foi possível notar uma diferença sutil no uso desses superlativos, o que permitiu ao autor afirmar que essa pode sim ser uma característica da fala de gays. O autor reconhece, portanto, que esse uso pode envolver questões de estereótipo sociolinguístico e de identidade, em que homens optam por se afastar ou se aproximar do ‘estilo de fala gay’.

Outro trabalho a ser pontuado, da área da Psicologia, é a dissertação de Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo (2016) intitulada *Homofobia entre gays: um estudo sobre a reprodução de discursos e práticas heteronormativas*, que parte da hipótese de que diferentes ‘identidades gays’ podem influenciar na homofobia entre homossexuais masculinos. O autor estabelece seis objetivos, sendo eles: a) compreender como ocorre a homofobia entre gays e sua relação com os aspectos psicossociais da identidade gay; b) entender que aspectos da experiência da homossexualidade estão relacionados com a reprodução do preconceito homofóbico entre gays; c) compreender as formas de construção dos grupos gays a partir de estereótipos e os discursos que operam na hierarquização de tais grupos sociais; d) investigar as consequências da hierarquização para os grupos gays referente às relações sociais, como amizade, relações sexuais casuais e relacionamentos estáveis; e) avaliar a relação entre o nível de pertencimento e reconhecimento da identidade gay com o discurso acerca das identidades gays bem como os relacionamentos estabelecidos entre gays e f) avaliar a relação entre a internalização da homofobia com a representação acerca das identidades gays e nos relacionamentos estabelecidos entre gays (p. 19).

A amostra da pesquisa foi baseada num formulário virtual (google docs), que foi respondido por 254 homens autoidentificados homossexuais, brasileiros com média de 27,17 anos de idade. A metodologia da pesquisa consistiu em uma revisão da literatura e em um formulário virtual, em que foram criadas seis variáveis: dois índices de Homofobia internalizada – interna e externa; dois índices da necessidade de identificação – pertencimento e autodefinição; o nível de masculinidade/feminilidade. Também foi construída a variável nível de abertura da sexualidade⁶⁰. Após, foi feita uma análise dos dados

⁶⁰ O nível de abertura da sexualidade refere-se ao grau de exposição de um sujeito sobre sua orientação sexual.

obtidos através do formulário virtual e foram criados mapas dos perfis dos participantes a partir das informações sociodemográficas.

A partir dessa análise das respostas do formulário virtual, os resultados indicaram uma influência da homofobia internalizada e do reconhecimento e pertencimento à identidade gay nos relacionamentos namoro e sexo com gays afeminados. Também foi observado que homossexuais masculinos – reproduzem, a partir do “padrão gay” e de determinadas características, o preconceito contra os subgrupos de gays, ou melhor, as identidades gays em seus discursos sobre tais subgrupos sociais e nos tipos de relacionamento com tais categorias. Outro ponto resultante foi de o de que a homofobia intragrupal ocorre em virtude da padronização do “ser gay” em determinadas características fundamentadas em aspectos da idade, da condição socioeconômica, da estética e das questões de gênero – esta por última diz respeito à heteronormatividade.

A dissertação de Renato Régis Barroso (2017) intitulada *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT* partiu da hipótese/pergunta sobre como poderíamos classificar o pajubá dentro da esfera linguística e, para tanto, buscou comprovar esse código como uma gíria e sua importância no processo de identidade da comunidade LGBT. A pesquisa partiu de quatro objetivos centrais, sendo eles: a) analisar o código falado pela comunidade LGBT, mais precisamente, o pajubá; b) estudar esse elemento como um código linguístico de resistência da comunidade homoafetiva; c) traçar um viés com a antropologia, no intuito de mostrar a sua importância no processo do *habitus bourdiesiano* e d) estudar a relação com a sociolinguística no processo de eufemizar certas expressões faladas pelos homoafetivos, e como esse código auxilia no combate à homofobia.

A referida pesquisa contou com 20 entrevistados (de 18 a 63 anos), autoidentificados de acordo com sua identidade de gênero, de diferentes graus de escolaridade e profissão e também contou com uma enquete virtual com 423 pessoas de lugares variados do Brasil (327 LGBT e 96 heterossexuais) e ainda com debates em grupo: dois grupos com seis participantes, 12 no total. Como procedimentos metodológicos foram usadas entrevistas (semiestruturadas e estruturadas) individuais e em grupos, relatos de experiência, observação participativa e enquetes virtuais.

Os resultados encontrados por Barroso (2017) comprovaram a classificação linguística do pajubá – no início, como língua, depois, como dialeto e, finalmente, como *gíria* – e também justificam o porquê do pajubá funcionar como uma “língua de resistência” e “identidade linguística”; além de atestar que o *habitus bourdiesiano* se caracteriza pela transmissão oral passada dos membros LGBT mais velhos para o mais novos.

Na área da Educação, a dissertação de Darkson Kleber Alves da Silva (2017) intitulada *Reconhecimento e reflexividade da alteridade gay na sala de aula* também é outro exemplo de um trabalho que discute a temática homoafetiva. O pesquisador optou por não apresentar uma única maneira para problematização central da pesquisa sob forma de pergunta ou hipótese, pois no decorrer do trabalho, a questão norteadora fica subentendida, a partir dos objetivos e da formulação da problemática da pesquisa. Essa escolha do pesquisador é justificada pelo entendimento de que a construção da pesquisa qualitativa não se restringe apesar de se manter próxima a uma ideia central, a uma pergunta-de-origem. Entende-se que essa pergunta vai se alterando, sem perder a centralidade da motivação inicial da pesquisa, principalmente, não se distanciando da problemática na qual se insere o questionamento inicial e os questionamentos posteriores (SILVA, 2017, p. 26-27).

A pesquisa contou com dois objetivos, sendo o primeiro a) descrever e analisar os fenômenos do reconhecimento e da reflexividade da alteridade gay⁶¹ em sala de aula produzidos pelo professor e o segundo b) analisar o que dizem, sentem e vivenciam os professores ante a alteridade gay no contexto escolar de interação pedagógica (p. 17). Os informantes eram professores autodeclarados homossexuais, com experiência na docência acima de três anos e com idades entre 20 e 45 anos. Dessa forma, a pesquisa contou com um total de 13 depoimentos de professores gays. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e tomou como instrumento de pesquisa tanto o diário de campo, quanto o relato oral de vida pessoal e profissional de cada professor. A entrevista intensiva semidirigida e um roteiro de entrevista composto por cinco eixos temáticos, guiado por um plano semiestruturado de perguntas foram também utilizados⁶².

No que concerne aos resultados da pesquisa, constatou-se que os professores entrevistados ocultavam-se, negavam-se e entravam em contradição com seus próprios discursos (reconhecimento e reflexividade). Também foi bastante comum perceber outros registros e significados frente à alteridade gay em sala de aula (e as questões do reconhecimento e da reflexividade), em contextos de interação cotidiana, a exemplo de expressões corriqueiras produzidas pelos professores entrevistados, fora da cena de entrevista, em uma roda de conversa entre colegas e amigos. Nesse sentido, a questão da

⁶¹ Os fenômenos do reconhecimento e da reflexividade da alteridade gay na sala de aula referem-se ao reconhecimento do professor enquanto gay e também à possível alteração dessa identidade gay na interação com os alunos.

⁶² Durante o trabalho, não é fornecida uma explicação acerca do termo “entrevista intensiva semidirigida” e também, a mesma não é fornecida em anexo/apêndice. Porém, entendemos que o roteiro de perguntas elaborado em eixos temáticos é o que compõe a entrevista intensiva semidirigida.

(in)visibilidade de tal alteridade no espaço escolar ocorre por dois eixos: tipos de contato e modos de interação, ocorridos em sala de aula entre professores e alunos gays.

Ainda, outro trabalho que discute questões envolvendo a comunidade LGBT é o de Wenderson Phelipe da Silva Santana (2018) intitulado *Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay*. O trabalho é pautado em cinco hipóteses, sendo elas: i) a variação de gênero gramatical em predicação faz parte da linguagem gay e cada variante é motivada por fatores específicos; ii) são fatores externos motivadores para a ocorrência de cada variante a) o grau de proximidade entre os interlocutores, b) idade dos sujeitos e c) o grau de formalidade da situação comunicativa, e ficando a forma feminina restrita a uso a) entre interlocutores próximos/intimos, b) em situações informais de interação, e c) por indivíduos mais jovens; iii) pode haver uso do nome *pessoa* combinado à estrutura predicativa, pois, assim, este se torna o elemento com o qual o termo predicador entra em concordância de gênero, preservando-se, dessa forma, o emissor da escolha pessoal e iminente por um gênero ou outro; iv) cada variante em uso expressa a projeção de uma *persona* distinta, isto é, o falante pretende expressar identidades diferentes ao utilizar uma forma ou outra; v) o uso do gênero gramatical feminino é, em variação com a sua forma concorrente masculina, característica identitária e distintiva do grupo social a que pertencem os informantes do estudo.

Para tanto, a pesquisa teve por objetivo geral produzir e documentar conhecimento científico acerca da linguagem gay, contribuindo para o avanço da investigação acadêmica no que tange à relação entre variação linguística, gênero e identidade. Já os objetivos específicos do estudo foram: a) verificar a existência da variável gênero em predicação na linguagem gay; b) identificar contextos linguísticos e/ou extralinguísticos que atuam no uso de cada forma variante; c) analisar se há significado(s) estilístico(s) associado(s) à variável linguística em questão e d) discutir a relação entre a variável gênero gramatical em predicação e a identidade gay (p. 26). Em termos metodológicos, a pesquisa envolveu o preenchimento de uma ficha social dos informantes, entrevistas sociolinguísticas (dispostas em cinco blocos temáticos) e também testes de atitude. A amostra contou com doze entrevistas com homens autoidentificados como homossexuais (seis deles com idade entre 18 e 30 anos e seis com idade acima de 35 anos), sendo seis deles mais próximos do entrevistador e os outros seis desconhecidos dele. Em relação ao local de residência, todos os informantes deveriam morar no estado de Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul. É interessante ressaltar que durante o processo de construção da ficha social dos participantes, os mesmos escolheram um nome fictício pelo qual foram referidos ao longo do trabalho.

Por fim, os resultados da pesquisa apontaram que as três variáveis independentes externas possuem ligação direta com o fenômeno analisado, sendo elas: (i) a *idade* dos sujeitos, já que a variação de gênero gramatical se caracteriza apenas nos indivíduos mais jovens; (ii) o *grau de formalidade* da situação interativa, visto que a marcação de gênero feminino é usada em situações de informalidade; e (iii) o *grau de proximidade* entre interlocutores, sendo que a variação de gênero gramatical somente ocorre na interação entre indivíduos muito próximos. Ainda, conforme os dados analisados, o uso do gênero gramatical feminino em predicação representa, aliado ao uso de outros signos sociais e linguísticos, a projeção da *persona gay* dos indivíduos, ou seja, uma das diferentes personalidades que compõem a sua identidade.

Como vimos, trabalhos envolvendo o tema da homoafetividade e sua relação com a língua vêm sendo produzidos na academia, o que é de grande valia para uma possível desmitificação e desconstrução de estereótipos, bem como de preconceitos em relação ao assunto.

No próximo capítulo, são apresentados e detalhados os encaminhamentos metodológicos da presente pesquisa.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da presente pesquisa. O capítulo está dividido em três seções. Na primeira seção, procuramos explicitar como deu-se a geração⁶³ dos dados para constituição de nosso *corpus*, que foi dividida em três etapas: i) elaboração da ficha social, ii) elaboração do roteiro de entrevista e iii) recrutamento e pareamento dos sujeitos. Na segunda seção, detalharemos como se deu a realização das entrevistas. Em seguida, na terceira seção, procuramos explicar o tratamento dado às entrevistas realizadas, bem como às etapas de transcrição e análise.

3.1 Passos para a geração dos dados

Os estudos variacionistas de terceira onda apoiam-se em pressupostos teórico-metodológicos alinhados com as demandas da pós-modernidade, em que se percebe a identidade dos sujeitos como fluida, assim como seus pensamentos e ideias, como aponta Rampton (2006). O resultado disso é que os sujeitos, suas práticas e relações interpessoais são deslocados das margens e situados como *locus* de análise.

Nesse sentido, as identidades dos sujeitos são múltiplas, fragmentadas e fluidas e essa é uma característica que precisa ser levada em consideração ao se pensar em procedimentos metodológicos a serem adotados. Por conta disso, as metodologias não devem ser tomadas como fixas e, por isso, não podem ser apenas replicadas sem uma relativização acerca das singularidades de cada pesquisa. Em estudos que se alinham com a terceira onda da Sociolinguística Variacionista, a abordagem metodológica é construída a partir das práticas estilísticas desempenhadas pelos sujeitos.

Dito isso, a amostra da presente pesquisa conta com oito entrevistas com um total de dezesseis sujeitos (oito homens autodeclarados gays e oito mulheres autodeclaradas lésbicas). Os sujeitos de pesquisa são todos naturais do Rio Grande do Sul, com faixa etária entre 20 e 40 anos e nível de escolaridade entre superior incompleto e completo.

No intuito de propiciar o surgimento de usos linguísticos de lésbicas e gays e também reflexões sobre tais usos e sobre as identidades dos sujeitos de pesquisa, propusemos um instrumental de geração de dados para a composição do nosso *corpus* de análise. Esse modelo

⁶³ Optamos por usar a expressão “geração de dados” ao invés de “coleta de dados”, pois entedemos que nossas entrevistas e também o intuito da pesquisa prezaram por uma postura mais agentiva por parte dos sujeitos entrevistados.

consiste na concatenação de três aspectos para a realização das entrevistas: *interação*, *intimidade* e *informalidade*. No que concerne a *interação*, as entrevistas foram todas realizadas em duplas (dois homens autodeclarados gays e duas mulheres autodeclaradas lésbicas), na tentativa de fazer com que os participantes se sentissem mais confortáveis e desenvolvidos durante a conversa. Quanto a *intimidade*, as duplas foram dispostas com base nos graus de maior e menor proximidade e intimidade⁶⁴, ou seja, metade das duplas foram compostas por sujeitos com maior intimidade entre si e a outra metade das duplas foram compostas por sujeitos com menor intimidade entre si. Relativamente a *informalidade*, o roteiro de perguntas foi elaborado de maneira a tornar a conversa mais informal. Nesse sentido, o desenho metodológico do presente trabalho foi pensado em etapas distintas, a fim de levantarmos elementos suficientes para alcançarmos nossos objetivos e respondermos as nossas perguntas de pesquisa. Tais etapas são descritas a seguir.

a) Primeira etapa: elaboração da ficha social

Em um primeiro momento, foi elaborada uma ficha social (Apêndice 1) para que os sujeitos de pesquisa preenchessem seus dados mais gerais, de modo que pudéssemos obter maiores informações pessoais de cada participante, como idade, sexo, formação acadêmica, naturalidade ou local de residência atual, ocupação e status de relacionamento. Nessa ficha social, os participantes também escolheram um pseudônimo para serem referidos durante a presente pesquisa, pois acreditamos que esse movimento proporciona aos próprios sujeitos de pesquisa certa agentividade com relação a esse trabalho e ainda possibilita a autoidentificação na leitura do texto, similarmente ao que propôs Santana (2018).

b) Segunda etapa: elaboração do roteiro de entrevista

A elaboração das perguntas do roteiro da entrevista (Apêndice 2) foi pensada para funcionar de maneira informal e, dentro do possível, descontraída. O roteiro foi desenvolvido em blocos temáticos, a fim de englobar questões sobre o âmbito político nacional, o preconceito, a identidade, os usos linguísticos e um bate-volta. A escolha dos blocos temáticos foi baseada no trabalho de Santana (2018) e, para a presente pesquisa, foram feitas

⁶⁴ Aqui entendemos intimidade com base nos seguintes critérios: mais íntimo – amigos, colegas de faculdade/trabalho, pertencentes ao mesmo grupo; menos íntimo – conhecidos, mas com pouco contato, ou totalmente desconhecidos.

modificações nas perguntas, no intuito de conseguirmos elementos suficientes para atender nossos objetivos e hipóteses.

Para isso, buscamos elaborar e estruturar o roteiro a partir de assuntos de ordem mais ampla e coletiva, como o *âmbito político nacional* e a *representatividade LGBT* tanto na política quanto na mídia brasileira. Esse primeiro movimento foi pensado para propiciar uma discussão, em que os sujeitos de pesquisa expressassem suas visões e percepções acerca da política e da representatividade LGBT no contexto brasileiro. Na sequência, o bloco *preconceito* é constituído de perguntas de ordem mais individual, com temas sobre descoberta e aceitação da orientação sexual e sobre possíveis experiências homofóbicas e/ou preconceituosas. Esse bloco foi construído para que os sujeitos de pesquisa expressassem suas vivências enquanto lésbicas e gays.

Em seguida, no bloco *identidade*, procuramos abranger questões tanto coletivas quanto individuais sobre a identidade lésbica e gay e os possíveis estereótipos envolvendo esse grupo. Também foram abordadas questões sobre fluidez de gênero e formas de referência a outros homossexuais. No penúltimo bloco, *usos linguísticos*, demos enfoque especial à investigação dos possíveis modos de falar de lésbicas e gays e, para isso, formulamos perguntas para que os sujeitos de pesquisa pudessem discorrer sobre o tópico e também para relatarem e exemplificarem usos linguísticos característicos desse grupo. Além disso, outras perguntas desse bloco foram elaboradas para investigar quais fatores poderiam condicionar esses usos linguísticos e se eles se dão de forma espontânea ou planejada.

Na sequência, no último bloco, *bate-volta*, procuramos proporcionar um momento mais descontraído no contexto da entrevista, para que os sujeitos de pesquisa nos fornecessem suas percepções acerca de seus defeitos e qualidades e seus signos e ascendentes. Além disso, também foram questionados sobre o que é amor e sobre uma palavra que os defina. Por fim, a última pergunta se referia à percepção dos sujeitos de pesquisa quanto a ser lésbica/gay.

c) Terceira etapa: recrutamento e pareamento dos sujeitos

Os sujeitos foram recrutados de duas maneiras distintas: a metade deles – isto é, quatro mulheres autodeclaradas lésbicas e quatro homens autodeclarados gays – foram convidados a participar do estudo diretamente pela pesquisadora, ou seja, esses oito sujeitos iniciais tinham certa intimidade com a pesquisadora. Depois dessa seleção, cada um desses sujeitos foi

solicitado a indicar uma pessoa de mesmo sexo e orientação sexual, compondo, dessa forma, o total de 16 sujeitos a serem entrevistados⁶⁵.

O primeiro contato foi estabelecido via redes sociais, já que os possíveis sujeitos de pesquisa estavam no estado do Rio Grande do Sul e a pesquisadora no estado de Santa Catarina. Sem fornecer muitos detalhes, eles foram informados de que se trataria de uma entrevista sobre questões que possivelmente envolvessem o uso da língua por lésbicas e gays. Todos os sujeitos demonstraram-se empolgados com o convite e também bastante interessados com o teor da pesquisa, o que foi recompensador e estimulante para dar continuidade ao trabalho. Conforme aceitavam o convite para participar da pesquisa, as datas foram sendo combinadas de acordo com a disponibilidade de cada participante e também da pesquisadora. Alguns contratempos ocorreram, como desistências ou remarcações das entrevistas, em decorrência de compromissos pessoais dos participantes. Como as entrevistas eram feitas em duplas, também foi, de certa forma, trabalhoso encontrar datas e horários que fossem compatíveis com cada par de sujeitos. Outro ponto que talvez tenha dificultado a realização das entrevistas foi o fato de que a maioria delas aconteceu no final do mês de dezembro de 2018, que acabou por coincidir com final de semestre, início de férias, festas de fim de ano, entre outros eventos. Mesmo diante de alguns percalços durante essa etapa e a inevitável (re)organização de algumas duplas, o *corpus* foi constituído com sucesso.

Isso posto, os sujeitos foram dispostos em oito duplas, sempre do mesmo gênero biológico e orientação sexual, sendo quatro delas com o par mais próximo entre si e as outras quatro com o par menos próximo entre si (intimidade).

Quadro 1 – Pareamento dos sujeitos de pesquisa

Pareamento dos sujeitos de pesquisa	
Entrevista 1	Par de <i>lésbicas</i> com <u>maior intimidade</u> entre si.
Entrevista 2	Par de <i>lésbicas</i> com <u>maior intimidade</u> entre si.
Entrevista 3	Par de <i>gays</i> com <u>maior intimidade</u> entre si.
Entrevista 4	Par de <i>gays</i> com <u>maior intimidade</u> entre si.
Entrevista 5	Par de <i>lésbicas</i> com <u>menor intimidade</u> entre si.
Entrevista 6	Par de <i>lésbicas</i> com <u>menor intimidade</u> entre si.
Entrevista 7	Par de <i>gays</i> com <u>menor intimidade</u> entre si.
Entrevista 8	Par de <i>gays</i> com <u>menor intimidade</u> entre si.

Fonte: a autora.

⁶⁵ A pessoa convidada não necessariamente faria dupla com quem a convidou, pois duplas com menor intimidade entre si também foram feitas.

3.2 A realização das entrevistas

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH – UFSC), nº CAAE 03603318.0.0000.0121, as entrevistas foram conduzidas na cidade de Rio Grande (cf. Seção 3.2.1), no Rio Grande do Sul, em local agradável e confortável, acertado com cada dupla. Depois dos contatos e acertos com cada sujeito da pesquisa, a maioria⁶⁶ das entrevistas foram realizadas no apartamento da pesquisadora na cidade de Rio Grande/RS. O preenchimento da ficha social e a realização da entrevista em blocos ocorreram com cada dupla em um único encontro com a pesquisadora, que registrou o áudio da conversa em um aparelho celular da marca Apple modelo iPhone 7, pois problemas com o gravador impossibilitaram o uso do equipamento inicialmente previsto.

As entrevistas foram realizadas em torno de uma mesa localizada na sala do apartamento. Não havia disposição pré-estabelecida e os sujeitos de pesquisa eram convidados a acomodarem-se nas cadeiras da maneira que se sentissem mais à vontade. Tendo em mãos o aparelho de celular, o roteiro de entrevista e o diário de campo, começava-se a entrevista. A entrevistadora explicava como funcionaria a dinâmica: cada pergunta, uma de cada vez, seria feita para cada um dos participantes, porém, a intenção era de propiciar a interação entre eles, ou seja, os participantes poderiam se intercalar a qualquer momento.

O papel da entrevistadora era direcionar as perguntas a cada componente da dupla, para que ambos respondessem as perguntas do roteiro, como uma espécie de mediadora da conversa. O roteiro foi elaborado para propiciar determinadas discussões e também a interação entre o par entrevistado, o que aconteceu em diversos momentos da entrevista. Em média, as entrevistas duraram por volta de 45 a 90 minutos.

Todas as entrevistas ocorreram de forma bastante descontraída e tranquila, já que os participantes pareciam estar se sentindo bastante à vontade com as perguntas propostas no roteiro. Além do mais, os sujeitos de pesquisa pareciam estar empolgados e entusiasmados para darem suas visões, opiniões e vivências sobre diversos assuntos que são importantes para eles, como preconceito, homofobia, identidade, fala etc.

As oito entrevistas com os 16 sujeitos de pesquisa foram todas realizadas com sucesso. Algumas tiveram uma duração maior, principalmente quando a dupla tinha maior intimidade

⁶⁶ Duas entrevistas foram realizadas na residência de um dos participantes da dupla.

entre si, e outras tiveram uma duração menor, com um pouco menos de interação entre as duplas.

Além da entrevista, um diário de campo foi utilizado pela pesquisadora, para anotar possíveis informações que não fossem fornecidas via fala, como trejeitos, reações, fisionomias, tatuagens, piercings etc. Essa estratégia foi pensada para buscarmos compreender melhor a gama semiótica que envolve os sujeitos de pesquisa, visto que, no escopo da terceira onda, a investigação da variação estilística se dá para além da forma linguística, o que possibilita redirecionar o olhar para outras semioses. Por fim, cada integrante da dupla preenchia sua ficha social e assinava o termo de consentimento (TCLE) de uso dos dados da entrevista (Apêndice 3).

3.2.1 Perfil do grupo

Não só obtivemos sucesso na constituição do nosso *corpus*, como o conteúdo das discussões percebidas nas entrevistas foi bastante rico e denso, para além do que era inicialmente esperado. Por conta disso, alguns recortes precisaram ser feitos, para darmos conta de analisar de forma mais satisfatória e aprofundada esse conteúdo, em função de nossas questões de pesquisa.

Em vista disso, o primeiro recorte deu-se nos blocos temáticos da entrevista que foram analisados. Focamos a atenção nos blocos temáticos *identidade e usos linguísticos*, com o intuito de refletirmos sobre a relação entre usos linguísticos, estilo e identidade, por um viés qualitativo, ou seja, partimos das visões e percepções dos sujeitos de pesquisa acerca dos dois tópicos em questão.

O segundo recorte deu-se em função das entrevistas analisadas. Decidimos trabalhar apenas com as duplas com maior intimidade entre si, por consideramos que a interação entre os participantes das duplas proporciona discussões mais aprofundadas e naturais.

Portanto, a partir da reorganização do nosso *corpus*, realizamos a transcrição e a análise de quatro entrevistas, sendo duas delas com mulheres autodeclaradas lésbicas e as outras duas com homens autodeclarados gays, estabelecendo, dessa forma, um total de oito sujeitos de pesquisa, conforme mostra o quadro a seguir, já com os pseudônimos escolhidos pelos participantes.

Quadro 2 – Oito sujeitos de pesquisa e pseudônimos

Mulheres lésbicas	Homens gays
Ametista e Adore	Júlio e Pedro
Gezebel e Catarina	Scorpio e Dino

Fonte: a autora.

Mais detalhamentos sobre os nossos oito sujeitos de pesquisa são fornecidos na seção 3.2.2.

A cidade de Rio Grande

O município de Rio Grande está localizado no litoral extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, a cidade possui uma população de 208 641 habitantes. A área total da cidade é de 2 817,48 km², sendo a área urbana de 31,7 km².

Fundada em 1737, é a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul e que dá nome ao estado. A cidade está situada entre a Lagoa Mirim, a Lagoa dos Patos (a maior laguna do Brasil) e o oceano Atlântico. O mapa a seguir mostra a localização da cidade:

Figura 3 – Localização da cidade de Rio Grande



Fonte: Wikipedia – Rio Grande (Rio Grande do Sul).⁶⁷

Rio Grande está dividida em 5 distritos. O 1º Distrito, Rio Grande, está subdividido em Cidade do Rio Grande (1º Subdistrito) e Balneário Cassino (2º Subdistrito). O 2º Distrito, Ilha dos Marinheiros, tem como sede a Vila do Porto do Rei, que abrange, além da Ilha dos Marinheiros, as ilhas das Pombas, dos Cavalos, da Pólvora, do Leonídio, Caldeirão, Cabras e Constância. O 3º Distrito, Povo Novo, tem como sede a Vila do Povo Novo e abrange, também, as ilhas Torotama, Carneiros, Mosquitos e Martin Coelho. O 4º Distrito, Taim, tem como sede a Vila do Taim, abrangendo as ilhas Grande e Pequena. E o 5º Distrito, Vila da Quinta, tem como sede a própria Vila da Quinta.

A cidade conta também com um distrito industrial bastante sólido, onde opera um polo industrial diversificado com indústrias, de madeira, fertilizantes, alimentos, energia e química, logística, terminais graneleiros, metalúrgica entre outras.

Além disso, o porto da cidade – o quarto em movimentação de cargas do Brasil – é outra importante fonte de emprego e movimentação para a população. Rio Grande também é sede da Refinaria de Petróleo Riograndense, antiga Refinaria Ipiranga.

Alguns pontos turísticos merecem destaque, como as diversas praças da cidade, as construções oriundas da colonização portuguesa, o cais do porto, os museus, a Biblioteca Riograndense, o mercado municipal, os molhes da Barra e a Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo.

⁶⁷ Disponível em: [www.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://www.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_(Rio_Grande_do_Sul)) Acesso em: 28 out. 2019.

Figura 4 – Vista aérea da cidade de Rio Grande



Fonte: Grupo Rio Grande RS.⁶⁸

Todos os nossos oito sujeitos de pesquisa são nascidos ou residem na cidade de Rio Grande. As quatro mulheres autodeclaradas lésbicas, Ametista, Adore, Gezebel e Catarina são riograndinas e residem na cidade. Entre os homens autodeclarados gays, Júlio é natural da cidade vizinha, São José do Norte, e Dino é natural de Santa Vitória do Palmar, Pedro e Scorpio são riograndinos, e todos eles residem na cidade de Rio Grande.

Outro ponto em comum entre esses oito sujeitos é que todos eles frequentam ou frequentaram a universidade da cidade, descrita a seguir.

A Universidade Federal de Rio Grande – FURG

A Universidade Federal do Rio Grande está localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. A FURG foi fundada em 8 de julho de 1969.

A FURG tem 61 cursos de graduação, nas mais diversas áreas do conhecimento. Além disso, a universidade disponibiliza 18 cursos de especialização, 31 cursos de mestrado, 13 cursos de doutorado, 14 cursos de residência e cerca de 150 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq.

⁶⁸ Disponível em: www.gruporiogranders.wordpress.com Acesso em: 8 out. 2019.

Figura 5 – Logo da FURG

Fonte: FURG.⁶⁹

A Universidade tem mais de 9 mil alunos de graduação presencial, além de 300 alunos de graduação a distância e cerca de 2.500 alunos de pós-graduação. Sobre os servidores, são cerca de 900 docentes e mais de 1.200 técnicos administrativos em educação. A FURG possui uma estrutura multicampi e está presente nas cidades de Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul e Santa Vitória do Palmar.

A FURG movimentava bastante a cidade de Rio Grande, pois muitos estudantes vêm de outros estados do Brasil para estudar na Universidade. Essa movimentação acaba por constantemente trazer novas pessoas para a cidade, o que ajuda no contínuo crescimento da mesma.

Figura 6 – Vista aérea da FURG

Fonte: FURG.⁷⁰

⁶⁹ Disponível em: www.furg.br Acesso em: 15 set. 2019.

⁷⁰ Disponível em: www.furg.br Acesso em: 16 set. 2019.

Todos nossos oito sujeitos de pesquisa estudam ou estudaram na FURG e, além disso, todos cursaram o mesmo curso: Letras, tendo apenas diferenças quanto à ênfase da língua estrangeira.

Todos os sujeitos de pesquisa se conhecem entre si, pois todos foram ou são alunos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Além disso, todos eles são da área de Letras, da mesma Universidade. Ou seja, eles conviveram por algum tempo na universidade, no interior do Instituto de Letras e Artes (ILA/FURG), em disciplinas ofertadas no curso e em eventos que ocorreram na universidade.

Pedro cursou Letras Português/Francês entre os anos de 2006 e 2009. Júlio cursou Letras Português/Inglês entre os anos de 2012 e 2017. Ametista cursou Letras Português/Inglês entre os anos de 2009 e 2016. Adore cursou Letras Português/Inglês entre os anos de 2015 e 2018. Scorpio e Dino cursaram ambos Letras Português/Inglês entre os anos de 2014 e 2017. Gezebel cursou Letras Português/Inglês entre os anos de 2015 e 2018. Catarina cursou Letras Português/Espanhol entre os anos de 2013 e 2017.

Scorpio e Dino, que foram entrevistados juntos, se conheceram na Universidade, começaram a namorar durante o curso de Letras e estão juntos até hoje. Com Adore e Gezebel, que não foram entrevistadas juntas, também aconteceu a mesma coisa. Adore foi estagiária de Português em uma turma de Ametista no Instituto Federal de Rio Grande (IFRS). Júlio, Scorpio, Dino e Catarina se formaram no curso de Letras juntos, em 2017. Gezebel e Adore também se formaram juntas no curso de Letras em 2018. Júlio trabalhava como atendente em um cursinho pré-vestibular coordenado por Pedro.

As entrevistas obedeceram à mesma dinâmica. As duplas de sujeitos pareciam estar se sentindo bastante à vontade com a conversa, interagindo com frequência entre si, completando as falas uns dos outros e também adicionando ideias ao fluxo da conversa. A intimidade da dupla com certeza foi um fator que fez com que a entrevista se desenrolasse da forma mais espontânea possível, já que não precisavam conter-se em nenhum assunto.

A entrevista que mais produtiva, em nossa opinião, foi a de Júlio e Pedro, em que a entrevistadora quase não teve que interferir muito ao longo da conversa. Houve bastante interação e também descontração entre os participantes dessa dupla. Acreditamos que a entrevista de Gezebel e Catarina foi aquela na qual foi mais necessário intervir, para que elas não desviassem demais das perguntas feitas pela entrevistadora.

A entrevista de Ametista e Adore possui, em determinados momentos, falas bastante longas de cada uma das participantes da dupla, com turnos grandes de fala entre uma participante e a outra.

A duração das entrevistas e as suas transcrições regularam, mais ou menos, em minutos e em páginas. A conversa inteira com Ametista e Adore foi a que teve a maior duração e no total foram 1 hora e 47 minutos de conversa. Porém, com o recorte para os blocos temáticos *identidade e usos linguísticos*, usamos 37 minutos dessa entrevista, transcritos em 21 páginas. O segundo diálogo com maior duração foi o de Scorpio e Dino, com 1 hora e 5 minutos de conversa. Já com o recorte para os blocos selecionados, usamos 33 minutos dessa entrevista, transcritos em 27 páginas. A terceira dupla com maior duração foi a de Gezebel e Catarina, com 1 hora e 1 minuto de duração. Mas com os recortes feitos, usamos 19 minutos dessa entrevista, transcritos em 16 páginas. A quarta e última conversa com maior duração foi a de Júlio e Pedro, com 51 minutos de conversa. Após o recorte nos blocos que trabalhamos, usamos 26 minutos dessa entrevista, transcritos em 26 páginas.

A seguir, no quadro 3, estão copiladas as informações sobre duração e páginas de transcrição das entrevistas.

Quadro 3 – Duração e transcrição das entrevistas

Dupla	<i>Ametista e Adore</i>	<i>Scorpio e Dino</i>	<i>Gezebel e Catarina</i>	<i>Júlio e Pedro</i>
<u>Duração</u>	37 minutos	33 minutos	19 minutos	26 minutos
<u>Transcrição</u>	21 páginas	27 páginas	16 páginas	26 páginas

Fonte: a autora.

Recapitulando o que foi explanado nesta seção, podemos dizer que os laços que unem os nossos oito sujeitos de pesquisa, em suma, são quatro:

- 1) orientação sexual – homossexualidade;
- 2) residir na cidade de Rio Grande;
- 3) frequentar a FURG;
- 4) ser da área de Letras.

A seguir, será feito um detalhamento sobre cada sujeito da pesquisa, em que usaremos das respostas deles tanto da ficha social quanto do bate-volta realizado durante a entrevista e ainda das anotações do diário de campo feito pela pesquisadora.

3.2.2 Os sujeitos de pesquisa

Primeiramente, detalharemos as informações pessoais dos nossos oito sujeitos de pesquisa, advindas da ficha social respondida por eles. Em seguida, também explicitaremos algumas informações decorrentes do diário de campo e ainda alguns relatos sobre as experiências deles no processo de descoberta e aceitação de suas orientações sexuais. Também adicionaremos algumas respostas do bloco bate-volta.

- **Júlio**

Júlio é um homem gay de 27 anos e é natural da cidade gaúcha de São José do Norte. Na época da entrevista, ele residia na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Júlio possui duas formações acadêmicas: é bacharel em Administração e graduado em Letras Português/Inglês. A ocupação dele era de atendente. Sobre o status de relacionamento, ele assinalou estar solteiro.

Júlio é de altura mediana e de pele morena. Usa barba e tem os cabelos longos e lisos, em um tom castanho escuro. Ele possui algumas tatuagens no braço, mas não tem nenhum *piercing*.

Ele relata que sempre soube da sua orientação sexual, mas por ver outros padrões, achava que era errado. Mesmo sabendo que era gay, só se assumiu com 18 anos, por medo de ser expulso de casa. Ele e seus pais não dialogam sobre relacionamentos afetivos que Júlio já teve.

No bloco bate-volta, Júlio diz que duas qualidades que ele possui são ser empático e sincero. Sobre dois defeitos, ele relatou ser sincero e desmotivado. Quando perguntado sobre o que é amor para ele, o entrevistado apontou que amor é querer bem, mesmo sem estar junto. Ele revelou que uma palavra que define ele é “limpeza”. Por último, Júlio disse que ser gay para ele é, em termos de sociedade, ser uma minoria.

- **Pedro**

Pedro é um homem gay de 34 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A sua formação acadêmica é de Mestre em Linguística e ocupa a função

de professor da educação básica pública e privada. Sobre o status de relacionamento, ele assinalou estar solteiro.

Pedro é bastante alto e de pele clara. Não usa barba e tem os cabelos lisos e curtos, em um tom escuro, com alguns cabelos brancos. Não possui tatuagens ou *piercings*.

Ele conta que descobriu sua orientação sexual com cerca de 6 ou 7 anos de idade, porém só foi assumir para si mesmo e se aceitar com uns 16 anos. Com 20 anos, assumiu para a família e saiu de casa para viver com seu primeiro companheiro. O entrevistado relata que a relação com a maior parte da família sobre o assunto é falsa, já que os familiares fingem que a orientação sexual dele não existe.

No bloco bate-volta, Pedro disse que duas qualidades que ele possui são ser amigo e honesto. Sobre dois defeitos, ele relatou ser indeciso e, às vezes, arrogante. Quando perguntado sobre o que é amor para ele, apontou que amor é respeito. Ele revelou que uma palavra que o define é “atividade”. Por último, Pedro disse que ser gay para ele é ser igual a todos.

- **Ametista**

Ametista é uma mulher lésbica de 30 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A sua formação acadêmica é de graduada em Letras Português/Inglês e também é mestranda em Literatura. A ocupação atual dela é de professora substituta no IFRS – Campus Rio Grande). Sobre o status de relacionamento, assinalou estar solteira.

Ametista é de altura mediana e de pele clara. Tem o cabelo curto e liso, em um tom escuro. Possui diversas tatuagens e também *piercings*.

Com 13 ou 14 anos, ela conta que se encantou por uma menina, mas que não tinha consciência do que era aquilo. Continuou ficando com caras, até entrar, com uns 17 anos, em um pré-vestibular e conhecer outra menina e ter novamente esse encantamento. Ficou com essa menina e percebeu que era aquilo que gostava, depois namorou outra e relata que a sua aceitação sempre foi tranquila. Toda família sabe de sua orientação sexual, embora no início tenha sido complicado para sua mãe aceitar, mas, com o tempo, tudo se acertou.

No bloco bate-volta, ela disse que duas qualidades que ela possui são empatia e respeito. Sobre dois defeitos, relatou ser preguiçosa e insegura. Quando perguntada sobre o que é amor para ela, apontou que amor para ela é respeito, apoio mútuo e cumplicidade.

Ametista revelou que uma palavra que a define é “observadora”. Por último, disse que ser lésbica para ela é maravilhoso.

- **Adore**

Adore é uma mulher lésbica de 22 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é de acadêmica do 8º semestre do curso de Letras Português/Inglês. A ocupação atual dela é de estudante. Sobre o status de relacionamento, assinalou estar namorando.

Adore é de altura mediana e de pele clara. Tem o cabelo comprido, liso, em um tom avermelhado. Possui algumas tatuagens e também *piercings*.

Ela conta que sempre soube da sua orientação sexual, mas quando tinha entre 13 e 14 anos, foi objetificada juntamente com uma amiga por um cara, que pedia para elas se beijarem para ele na *webcam* e, a partir disso, percebeu que gostava de mulheres. Porém, ela se forçou a continuar na heteronormatividade e chegou a namorar 2 homens. Quando entrou na faculdade, o último namorado privava sua liberdade e depois desse relacionamento abusivo, ela começou a sair para festas e ficar com homens e mulheres, até reconhecer e afirmar para si mesma que era uma mulher lésbica. Ao se assumir, seu pai aceitou e apoiou, porém com sua mãe foi um pouco mais complicado no início e atualmente ela entende que sua mãe ainda digere a situação.

No bloco bate-volta, a entrevistada disse que duas qualidades que ela possui são sinceridade e confiança. Sobre dois defeitos, relatou ser raivosa e rancorosa. Quando perguntada sobre o que é amor para ela, apontou que amor para ela é companheirismo acima de tudo. Adore revelou que uma palavra que a define é *workaholic*, viciada em trabalho. Por último, disse que ser lésbica para ela é desafiador, mas tudo de bom.

- **Dino**

Dino é um homem gay de 25 anos e é natural de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é de graduado em Letras Português/Inglês e também é mestrando em Letras. A ocupação atual dele é de bolsista de mestrado e possui interesse em seguir na carreira docente no Ensino Superior. Sobre o status de relacionamento, assinalou estar namorando.

Dino é de altura mediana e de pele clara. Usa barba e tem o cabelo curto, em um tom escuro. Não possui tatuagens ou *piercings*.

Ele relatou que sabe ser gay desde muito cedo, desde os 6 anos de idade. O processo de aceitação foi bastante difícil, por conta de sua família ser bastante conservadora e religiosa. Somente com seus 20 anos de idade, ao sair de casa e conhecer outras pessoas LGBTs que ele começou a se aceitar e compreender que não tinha nenhum problema em ser gay. Sua mãe sabe e com o tempo começou a lidar melhor com a situação.

No bloco bate-volta, disse que duas qualidades que ele possui são lealdade e inteligência. Sobre dois defeitos, ele relatou ser preguiçoso e controlador. Quando perguntado sobre o que é amor para ele, Dino apontou que amor é querer estar junto de uma pessoa e sentir falta quando não está. O entrevistado revelou que uma palavra que define ele é mistério. Por último, disse que ser gay para ele é tão legal, tão bom, uma vida de possibilidades, já que há espaço para todos e as pessoas podem ser livres do jeito que elas são, cada um encontrando o seu caminho para a felicidade.

- **Scorpio**

Scorpio é um homem gay de 22 anos e é natural e residente de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A formação acadêmica de Scorpio é de graduado em Letras Português/Inglês e também é mestrando em História da Literatura, pois possui interesse e intenção de ser professor universitário. Sobre o status de relacionamento, assinalou estar namorando.

Scorpio é de altura mediana e de pele bastante clara. Usa barba e tem o cabelo comprido, em um tom loiro. Não possui tatuagens ou *piercings*.

Ele conta que escutava bastante em casa que ser gay era errado e reproduziu por muito tempo o que diziam; era, segundo ele, um “hétero escroto”. Ao fazer um trabalho de pesquisa para escola com 12 anos, deparou-se com um site de homens nus e seu corpo reagiu diferente, porém ainda não entendia o que estava acontecendo. No Ensino Médio, com 15, 16 anos, começou a contar para os amigos que era bissexual. Na faculdade, ao conversar com uma amiga também LGBT, teve a compreensão de que era gay. Scorpio nunca falou abertamente para seus pais sobre a sua orientação sexual.

No bloco bate-volta, disse que duas qualidades que ele possui é ser leal e engraçado. Sobre dois defeitos, relatou ser teimoso e grosso. Quando perguntado sobre o que é amor para ele, Scorpio apontou que amor vai muito além do sexo. Scorpio revelou que uma palavra que o define é “buraco negro”. Por último, disse que ser gay para ele “é ser quem tu quer ser, é

ser quem tu te sente à vontade ser, é aprender que tu consegue crescer e ser uma outra pessoa e aprender a ser quem tu é, realmente entender a tua identidade e não ficar lutando pra esconder o que tu é”.

- **Gezebel**

Gezebel é uma mulher lésbica de 22 anos e é natural e residente de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é de graduada em Letras Português/Inglês. A ocupação atual dela é desempregada. Sobre o status de relacionamento, assinalou estar namorando.

Gezebel é de altura mediana e de pele clara. Tem o cabelo comprido, liso, em um tom castanho claro. Não possui tatuagens ou *piercings*.

Ela descobriu sua orientação sexual quando tinha 13 anos e, em seguida, já quis contar para sua família, Gezebel relatou que com sua mãe foi bastante difícil, por ela ser muito nova, mas com seu pai foi mais tranquilo. Porém, sua família, principalmente sua mãe, não falou mais sobre o assunto. O processo de aceitação foi melhorando conforme ela conhecia outras pessoas LGBTs.

No bloco bate-volta, disse que duas qualidades que ela possui são paciência e organização. Sobre dois defeitos, relatou se importar com coisas muito pequenas e não enxergar as escolhas/posicionamentos das outras pessoas. Quando perguntada sobre o que é amor para ela, Gezebel apontou que amor para ela é compreender o outro. A entrevistada revelou que uma palavra que a define é estranha. Por último, disse que ser lésbica para ela é ter medo de amar.

- **Catarina**

Catarina é uma mulher lésbica de 25 anos e é natural e residente de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é de graduada em Letras Português/Espanhol. A ocupação atual dela é de estudante. Sobre o status de relacionamento, assinalou estar solteira.

Catarina é alta e de pele clara. Tem o cabelo comprido, liso, em um tom castanho claro. Possui algumas tatuagens e nenhum *piercing*.

Ela descobriu sua orientação sexual apenas quando entrou para faculdade, entre 20 e 21 anos, ao conviver com pessoas LGBTs e então se libertar do mundo hétero que vivia, segundo ela. A maior parte de sua família reagiu bem quando ela contou sobre sua orientação sexual e ela reconhece que foi/é bastante sortuda nesse sentido.

No bloco bate-volta, disse que duas qualidades que ela possui são generosidade e espontaneidade. Sobre dois defeitos, relatou ser ansiosa e desorganizada. Quando perguntada sobre o que é amor para ela, Catarina apontou que amor para ela está relacionado à família e aos amigos, às pessoas que ela se importa. A entrevistada revelou que uma palavra que a define é espontaneidade. Por último, disse que ser lésbica para ela é felicidade e também resistência.

3.3 Tratamento e análise das entrevistas

As entrevistas foram transcritas a partir da oitiva dos áudios e o Microsoft Word foi usado para o processo de digitação. Quanto à análise, examinamos os conteúdos das entrevistas a partir de um olhar de ordem qualitativa, buscando captar, sistematizar e problematizar a percepção de nossos sujeitos de pesquisa acerca dos usos linguísticos característicos de lésbicas e gays e sua relação com identidade.

É relevante ressaltar que não procuramos por um fenômeno ou um uso específico, pois acreditamos que, por mais que os sujeitos de pesquisa tenham a orientação sexual em comum, ou seja, são homossexuais, não podemos ignorar a individualidade e a vivência singular de cada um deles. Além disso, entendemos a construção de identidade(s) como um processo fluido e dinâmico, em constante (re)construção e (re)adaptação (KIESLING, 2013).

Isto é, a construção da(s) identidade(s) de nossos sujeitos de pesquisa não se dá somente por eles fazerem parte da comunidade LGBT, pois, além disso, eles também circulam e convivem em diversos outros espaços e suas práticas sociais atravessam suas relações interpessoais e também suas produções linguísticas.

Partimos do imaginário popular acerca de usos linguísticos tidos como característicos de lésbicas e gays, para, então, problematizar a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca desses usos.

O capítulo seguinte é reservado para a análise dos dados da pesquisa.

4 O OLHAR PARA OS DADOS

A partir da transcrição das quatro entrevistas, nesta seção, traremos alguns trechos de diálogos a fim de apresentar as percepções dos nossos sujeitos de pesquisa acerca dos temas que foram propostos no roteiro de entrevista. Desse modo, a abordagem da análise para com os dados será exposta em caráter qualitativo. O capítulo está dividido em duas grandes seções: percepções sobre identidade e percepções sobre usos linguísticos e cada uma delas está subdividida em subseções menores.

Faz-se pertinente reiterar que as percepções fornecidas por nossos sujeitos de pesquisa podem – ou não – recair em estereótipos sociais já previamente estabelecidos, visto que nenhum indivíduo, seja ele pertencente a um grupo minoritário ou não, está liberto de reforçar certos estigmas sociais. Fazendo alusão a essa lógica, Eckert confirma que

[n]ós distinguimos as pessoas com base em nossa percepção de suas qualidades, crenças, atitudes e ações. Nós as categorizamos com base nos agregados percebidos dessas qualidades, crenças, atitudes e ações. A categorização pode fornecer um mecanismo para nos distanciarmos dos outros ou para prever coisas sobre estranhos. Queremos saber a classe social ou o sexo de uma pessoa para obter mais informações detalhadas ou expectativas. Em outras palavras, a informação macrosocial é valiosa apenas como uma potente chave para informações mais pessoais. (ECKERT, 2016, p. 6)⁷¹.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que nossos sujeitos de pesquisa, mulheres autodeclaradas lésbicas e homens autodeclarados gays, parecem possuir clareza e bastante conhecimento sobre aspectos relacionados a preconceito e estigma social. Além disso, também mostraram ter ciência das sutis formas de ‘categorização’ tanto dos preconceitos quanto da pluralidade de identidades.

É importante ressaltar que o momento político também era bastante propício para posicionamentos críticos, visto que o ano de 2018 foi marcado por uma série de acontecimentos político-ideológicos de ordem mais conservadora. Nas entrevistas de Júlio e

⁷¹ “We distinguish people based on our perception of their qualities, beliefs, attitudes, and actions. We categorize them on the basis of perceived aggregates of these qualities, beliefs, attitudes, and actions. Categorization can provide a mechanism for distancing ourselves from others or for predicting things about strangers. We want to know a person’s social class or gender to derive more detailed information or expectations. In other words, macrosocial information is valuable only as a potential key to more personal information.”

Pedro e de Ametista e Adore, por exemplo, os sujeitos de pesquisa relataram certo medo e apreensão em relação ao cenário político do país e aos discursos preconceituosos que vinham – e vêm – sendo legitimados por parte da população.

Os diálogos transcritos e retirados das entrevistas correlacionadas às perguntas do roteiro são apresentados em trechos (1–32), juntamente com a discriminação dos pseudônimos escolhidos pela dupla a que se referem. Os diálogos dizem respeito a oito tópicos distintos:

- 1) existência de uma identidade lésbica/gay;
- 2) diferentes tipos de lésbicas e gays;
- 3) ambientes e pessoas com que se sentem confortáveis (ou não) para mostrar suas identidades;
- 4) fala como marcador de identidades lésbica/gay;
- 5) usos linguísticos característicos do universo LGBT;
- 6) fatores que podem propiciar esses usos;
- 7) formas de referência a lésbicas e gays e;
- 8) apropriação e ressignificação dos usos por sujeitos heterossexuais.

Os tópicos de 1 a 4 são analisados na seção sobre *percepções sobre identidade* e os tópicos de 5 a 8 são analisados na seção sobre *percepções sobre usos linguísticos*.

As duplas de mulheres autodeclaradas lésbicas são compostas por Ametista e Adore e Gezebel e Catarina e as duplas de homens autodeclarados gays são compostas por Julio e Pedro e Scorpio e Dino.

4.1 Percepções sobre identidade

Nesta seção, trazemos excertos de diálogos com as percepções das quatro duplas sobre questões envolvendo o tema identidade. A seção está subdividida em quatro tópicos, sendo eles: existência de uma identidade lésbica/gay, ambientes e pessoas que se sentem confortáveis (ou não) para mostrar identidades, tipos de lésbicas e gays e fala como marcador de identidades lésbica/gay.

4.1.1 Existência de uma identidade lésbica/gay

A seguir, trazemos nos trechos 1, 2, 3 e 4 os diálogos referentes ao questionamento acerca da existência de uma identidade lésbica/gay e, na sequência, uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 1 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Vocês acham que existe uma identidade lésbica ou gay? Que características vocês acham que formariam essa identidade? Em que medida vocês se identificam com essa identidade?

Ametista: Não... não, eu acho que...

Adore: **É plural, não tem como**⁷².

Ametista: **Não existe uma identidade pra nada**, acho que, ahn...

Adore: **Existe o que as pessoas tentam nos forçar, que é uma identidade, mas ela realmente não existe.**

Ametista: **Não... é, é lesbianiedaDES, porque são mulheridaDES, pluralidade de mulheres, vai levar a pluralidades de lesbianiedade**, é, vou ser bem sucinta.

Adore: É isso.

Entrevistadora: Que características vocês acham que formariam essas identidades? [risadas] Não tem como ser sucinta, né...

Ametista: Ai, ai. [risadas]

Entrevistadora: Eu já vou falar a segunda, já pra vocês já pensarem junto, em que medida que vocês se identificam com essa identidade, essas identidades?

Ametista: Ahm, ahn, cara, pluralidade de identidades e não tem como fugir da questão [pausa] que as coisas atualmente ultrapassam o biológico, entende, ultrapassam o biológico, mas o biológico ainda existe, tá? tipo, ultrapassar não é anular uma condição, sabe? então, é isso que eu tô dizendo, é uma pluralidade de mulheres, numa pluralidade de relações, numa pluralidade de lesbianiedades, então [pausa] eu nem sei explicar direito, sabe? é, tipo, tudo muito complexo, assim, mas, mas a gente, o que, sei lá eu, o que há 50, 60 anos se dizia né, que tinha até um jornal que chamava xana com xana, é uma fonte de estudo maravilhosa, não acho que a gente tem que anular essa fonte de estudo e toda a luta dessas mulheres lésbicas, mas era uma outra época, que não se pensava na questão de mulheres com pênis, por exemplo, então hoje a gente tem relações de mulheres trans, que não fizeram cirurgia né? de, não sei como é, que diz...

Adore: Resig, ai não sei falar a palavra.

Ametista: Resignação?!

Adore: Sexual.

Ametista: É, enfim, ahn, então a gente tá vendo uma nova caracterização das possibilidades lésbicas, que é uma relação que ultrapassa um órgão genital, não é genitalizado, ao mesmo tempo, tem ainda, lésbicas, sim, que negam a presença de um pênis, e eu acho que todas devem ser ouvidas também, porque existem muitas motivações por trás disso, negar um pênis não é negar a mulheridade, daquele sujeito né? mulher trans, ahn, então eu acho que tem várias pautas bem complexas, que tão, ahn, insurgentes né? e urgentes, atualmente, que vão complexar, sei lá como é que se fala isso, sei lá, tornar complexo, ahn, uma resposta ainda mais, uma resposta em relação a identidade, sabe?.

Como podemos observar, a dupla de mulheres lésbicas possui a percepção de que as identidades dos sujeitos são plurais e é demasiadamente delicado tentar encaixar esses sujeitos em categorias socialmente pré-concebidas. Segundo Ametista e Adore, não cabe limitar essas identidades, por mais que diversas generalizações sejam feitas no que diz

⁷² O destaque em negrito ressalta trechos que consideramos mais relevantes à discussão.

respeito ao assunto aqui abordado. Para as duas, existe uma pluralidade de mulheres (“mulheridaDES”), o que acaba por gerar uma pluralidade de “lesbianidaDES”.

Conforme Louro (2001), talvez possamos falar em Masculinidades e Feminilidades, assim, no plural, oferecendo mais que apenas uma possibilidade de transição de gênero de um extremo ao outro, como também toda uma graduação infinita de nuances, podendo ser mais um elemento que torna cada sujeito uma construção sócio-histórica, que interpreta o mundo e dá sentido ao corpo físico e biológico de maneira exclusiva, comportando-se e existindo de maneira ímpar (BROCHADO JÚNIOR; SOUZA-LEITE, 2016, p. 198).

Ametista ainda desvincula o tema identidade da questão biológica, ao observar que hoje em dia as relações ultrapassam o biológico e, dessa forma, criam-se novas possibilidades de relações, com mulheres trans, lésbicas que negam (ou não) a presença de um pênis etc. Ametista relata que, em sua opinião, “não existe uma identidade para nada” e, seguindo nesse pensamento, Adore acrescenta que existe uma identidade que tentam forçar os sujeitos LGBT a terem, mas que, na verdade, essa identidade não existe, dada a pluralidade de mulheres e, consequentemente, de mulheres lésbicas.

A percepção tanto de Ametista quanto de Adore está em sintonia com as concepções pós-modernas envolvendo o tema identidade, como discutido na Seção 2 da fundamentação teórica. Nesse panorama pós-moderno, as identidades dos sujeitos são tidas “como sendo construídas e reconstruídas; elas são *dinâmicas e mutáveis*” (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53, grifo nosso)⁷³. Os relatos de ambas as entrevistadas também nos apontam para uma das ideias defendidas por Joseph (2016) de que “cada um de nós performa um repertório de identidades que estão mudando constantemente e que negociamos e renegociamos de acordo com as circunstâncias” (p. 24)⁷⁴.

Trecho 2 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Vocês acham que existe uma identidade lésbica ou gay? Que características vocês acham que formariam essa identidade? Em que medida vocês se identificam com essa identidade?

Júlio: Pra sociedade não seria tipo... qual que vê com maior apreço, não? **Eu acho que os homens por se aproximarem mais das mulheres são vistos como fracos, os homens gays. E as lésbicas, eu acredito**

⁷³ “as being constructed and reconstructed; they are dynamic and changeable.”

⁷⁴ “Each of us performs a repertoire of identities that are constantly shifting, and that we negotiate and renegotiate according to the circumstances.”

[ênfatizando], não sou, não posso dizer, que por se aproximarem mais de homem hétero, talvez não sofram tanto preconceito.

Pedro: Não, mas isso aí seria um... não sei, eu entenderia isso como um estereótipo.

Júlio: É, é estereótipo, mas...

Pedro: **Mas identidade... identidade, é complexo, mesmo. [pausa] Eu acho que isso tá em construção.**

Entrevistadora: Uhum. **Mas vocês acham que teria UMA identidade?**

Pedro: **Eu acho que não...**

Júlio: **Nãoo, com certeza não.**

Pedro: **É plural, é plural.**

Júlio: **Ah, até homens gays, tem vários tipos né?, várias classificações.**

Júlio e Pedro vão na mesma direção de Ametista e Adore, pois também possuem a percepção de que as identidades são plurais. Eles discorrem sobre como as identidades são vistas, no imaginário popular, como estereótipos, em que homens gays se aproximariam de mulheres (sendo “vistos como fracos”) e mulheres lésbicas se aproximariam de homens. É interessante observar que ambos apontam, com certa facilidade, quais os estereótipos que recaem sobre mulheres lésbicas e homens gays numa perspectiva mais generalizada socialmente, para, então, relatarem que não acreditam na existência de apenas uma identidade.

Quando perguntados se existiria apenas uma identidade, tanto Júlio quanto Pedro apontam que não, que as identidades são plurais. Júlio ainda acrescenta que entre os homens gays, existem vários tipos, várias classificações, que são explicadas por ele mesmo no decorrer da entrevista. Ademais, Pedro diz considerar o tópico identidade bastante complexo e que acha que esse assunto ainda está “em construção”.

Ao passo que Júlio e Pedro concordam que não existe apenas uma identidade e que elas são plurais, também podemos relacionar suas percepções com a concepção pós-moderna de identidade. Conforme Oushiro (2019), por exemplo, “as identidades são sempre múltiplas, plurais, e [...] um falante não pode ser reduzido a uma única dimensão” (p. 307). Isto é, os sujeitos não podem ser reduzidos a uma única “categoria”, pois somos formados por diversas identidades intercambiáveis e fluidas.

Trecho 3 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: Vocês acham que existe uma identidade lésbica ou gay? Que características vocês acham que formariam essa identidade? Em que medida vocês se identificam com essa identidade?

Dino: Bah, que pergunta. [risadas] **Eu diria que tem um conjunto de traços, de coisinhas pequenas, eu não acho que tem tipo, um jeito de ser.**

Entrevistadora: Uhum.

Dino: **Que todo mundo é no fundo, mas eu diria que, sei lá, tu pode fazer uma lista de coisas e toda pessoa vai ter um, alguma coisinha assim daquela lista. Eu acho que, por exemplo, todo mundo que, muita gente passa por problema na família, ou o problema do preconceito, ou problema na família, enfim, acho que isso marca a gente de alguma forma pro resto da vida.**

Entrevistadora: Sim.

Dino: **Então, seria uma marca, por exemplo.** E de tu, ter consciência assim, de que tu existe num país, num mundo, enfim, em que o jeito que tu é, as pessoas não acham que é certo, que tu deveria ser de outro jeito, eu acho que tendo consciência disso, acho que isso é uma marca que todo gay, toda lésbica, enfim, acho que deve ter um momento assim, em algum momento da vida assim, parar pra pensar, bah mas né?, não sei.

Scorpio: Não sei, pra mim é uma faca de dois gumes, assim, porque eu acho que com mais movimentos de liberdade que a gente tenha feito, de resistência, pra conseguir ter espaço como LGBT, ao mesmo tempo **a gente criou muitos, muitas construções do que que era ser LGBT.**

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: E aí até mesmo dentro do universo gay, tu tem que tá dentro de um certo padrão, e aí o universo gay começa a espelhar a sociedade toda, e tem que agir de certa maneira, tu tem que ser de certa maneira, e aí ao mesmo tempo, tu vai lá e transforma, e aí por causa disso, transforma certo, certas ideias que seriam estereótipos, que são simplesmente pessoas, por exemplo a gay afeminada, ela não pode existir.

Dino: Uhum.

Entrevistadora: Sim.

Scorpio: Né? E quando ela tá, por exemplo, na mídia ou qualquer coisa, ela é piada, quando ela tá na vida, ela acaba sendo piada, então eu acho que é isso, a gente construiu diversas coisas, que por mais que ajudaram a trazer, é, mais atenção pro movimento, pra fortalecer o movimento, a gente também tá construindo novos construtos que as pessoas têm que seguir.

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: E é isso que pra mim é problemático, eu acho que a gente pode fazer uma lista e encontrar diversas coisas, eu já fui a pessoa que dizia ‘eu escuto Lady Gaga e eu não sou gay’, antes eu não sabia que era gay.

Dino: [risadas]

Scorpio: Ah, não, mas foi uma novidade, eu sou hétero e escuto Lady Gaga. **Então tem diversas coisas que nos identificam, justamente eu acho por representarem realmente a comunidade. Ahn, mas é aquilo, se a gente continuar fechando demais o cerco, a gente vai criar uma certa identidade que as pessoas têm que ter.**

Dino compreende identidade como algo plural e acredita que talvez exista um conjunto de traços que identifiquem os sujeitos, mas não acha que existe um único jeito de ser, ou seja, Dino converge com a percepção da pluralidade de identidades, apontada pelas duas duplas anteriores. Ele ainda sinaliza que problemas que sujeitos LGBTs passam com suas famílias podem marcar a identidade deles de alguma maneira.

Scorpio, por sua vez, discorre sobre como a comunidade LGBT acabou por criar determinadas maneiras de ser que resultaram em “muitas construções” do que é ser LGBT – ideia que está em consonância com a percepção de Dino acerca de identidade como uma noção plural –, embora acredite que existem diversas coisas que identificam o grupo, por representarem a comunidade. Ele contrapõe a ideia de pluralidade à tentativa de uma certa padronização que é imposta, ao dizer que, até mesmo no universo gay, existe “um certo padrão” em que os sujeitos precisariam se encaixar. Scorpio, no entanto, manifesta um certo

receio de colocar as pessoas em caixinhas previamente estipuladas e acredita que é possível transformar estereótipos.

O pensamento da dupla nos leva ao que dizem Drummond e Schleef (2016, p. 53-54), por exemplo, que “a identidade não está localizada com o indivíduo; identidades são construídas intersubjetivamente através de uma variedade de relações.”⁷⁵ No caso do que foi apontado por Dino, as relações dos sujeitos LGBTs, por vezes conturbada, com suas famílias, pode ser um fator que marque as suas identidades.

Dessa forma, ambos os entrevistados acreditam que é arriscado dizer que só exista uma identidade apenas que abarque os sujeitos LGBTs num todo.

Trecho 4 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Vocês acham que existe uma identidade lésbica ou gay? Que características vocês acham que formariam essa identidade? Em que medida vocês se identificam com essa identidade?

Catarina: **Ah, tipo, estereótipos assim, tipo estereótipo de sapatão, estereótipo de gay? Ah, existe sim.** Tipo, não s.. queira ou não queira, se eu tiver na rua, e eu ver uma mina tipo a Olívia, eu vou achar que ela é sapatão.

Entrevistadora: Uhum.

Catarina: **Uma mina de cabelo curto, uma mina que usa óculos, tatuada, que não tá com roupas tão femininas, queira ou não queira, eu vou dizer que ela é sapatão, sabe?.** Agora se tu me vê na rua, quando eu conto que eu sou lésbica, ninguém acredita, todo mundo fica “ah tá”, sabe?. Então tem, tem muito estereótipo, e gay tem o estereótipo da bicha poc, da que aí, é a afeminada e grita, e usa calça justa, e etceteras, sabe?. Infelizmente, tem.

Gezebel: **Eu acho que tem muito, tem muitos estilos também, parece que... se a gente fala de lésbica mesmo, tem vários assim, a gente tem, sei lá...**

Catarina: Ah, tem a do cabelinho raspado.

Gezebel: Sim, é...

Catarina: A de camisa xadrez.

Gezebel: Tipo um sidecut aqui...

Catarina: É, tipo, tem estereótipos.

Gezebel: Camisa xadrez foi uma coisa muito desde, sei lá, há tempos assim.

Catarina: Anel de coquinho.

Gezebel: Anel de coquinho, também.

Catarina: [risadas]

Gezebel: **Sei lá, parece que pelo jeito, acho que tem muito a ver com aquilo de que dizem, que existe o tal do gaydar.**

Entrevistadora: Uhum.

Catarina: Sim.

Gezebel: **E aí como a gente tá sempre se relacionando com gente que é LGBT, a gente tende a pensar que as pessoas se encaixam nesses estilos, então...**

Catarina: É!

⁷⁵ “Identity is not located with the individual; identities are constructed inter-subjectively through a variety of relations.”

Gezebel e Catarina responderam a pergunta levando a discussão para os estereótipos que recaem sobre lésbicas e gays. Elas apontam, dentre os estereótipos relacionados a lésbicas, o cabelo curto, o uso de óculos, possuir tatuagens, o uso de roupas mais masculinas, o uso de camisa xadrez, o uso de anel de coquinho etc. E quanto aos estereótipos relacionados a gays, elas apontam que são vistos como *bicha poc*, como homens afeminados e que gritam, usam calças justas, etc.

Gezebel também adiciona que existem os estilos e que acabamos por identificar sujeitos LGBT a partir deles. Além disso, pontua que, por conta do convívio entre pessoas LGBTs, se tende a pensar que essas pessoas se encaixam nesses estilos. Ela ainda acrescenta que existe o gaydar, que seria um radar para identificar sujeitos LGBT.

Essa ideia dos estilos que Gezebel levanta pode ser associada a uma das ideias de Eckert (2016) que diz que “[n]ós distinguimos as pessoas com base em nossa percepção de suas qualidades, crenças, atitudes e ações. Nós as categorizamos com base nos agregados percebidos dessas qualidades, crenças, atitudes e ações.” (p. 6).⁷⁶ Segundo a dupla, a partir de um certo construto do que é ser LGBT, elas conseguem identificar e categorizar algumas pessoas, com base no convívio com esses sujeitos e também com base em seus conhecimentos prévios.

Podemos dizer que tanto Gezebel quanto Catarina consideram que, por mais que existam estereótipos, as identidades são plurais e são manifestadas através dos estilos individuais dos sujeitos. Nessa mesma lógica, Belsey (1980) já apontava que os indivíduos devem ser vistos como “não fixados, insatisfeitos ... não uma unidade, não autônoma, mas um processo, perpetuamente em construção, perpetuamente contraditório, perpetuamente aberto à mudança” (p. 132).⁷⁷

A partir da discussão dos trechos (1-4) de diálogos das duplas, podemos perceber que todos os sujeitos de pesquisa consideram que as identidades são dinâmicas, plurais e não fixas, o que coaduna com a concepção pós-moderna sobre identidades fluidas. Dessa forma, podemos dizer que tanto nos debates mais recentes sobre o assunto quanto na opinião dos

⁷⁶ ”We distinguish people based on our perception of their qualities, beliefs, attitudes, and actions. We categorize them on the basis of perceived aggregates of these qualities, beliefs, attitudes, and actions.”

⁷⁷ “unfixed, unsatisfied ... not a unity, not autonomous, but a process, perpetually in construction, perpetually contradictory, perpetually open to change.”

sujeitos de pesquisa a identidade não pode ser tomada como fixa, pois está em constante transformação.

As opiniões das quatro duplas estão em consonância com Oushiro (2019), quando a autora diz que a identidade “não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce total controle. (p. 309).

Dessa forma, as percepções das duplas estão alinhadas com os conceitos pós-modernos que discutem identidade a partir de um viés que a considera não estática e sim dinâmica. As discussões apresentadas nos diálogos também apontam para as ideias de *performance* e performatividade, defendidas por Butler (1990, 1993). Mesmo com *performances* socialmente esperadas, nem todas as mulheres lésbicas e nem todos os homens gays constroem e performam essa identidade que se encontra no senso comum, visto que transgridem a configuração de sujeito prevista.

4.1.2 Diferentes tipos de lésbicas e gays

Os próximos trechos, 5, 6, 7 e 8, se referem aos diálogos das duplas com relação ao questionamento sobre o que estaria no imaginário popular sobre diferentes ‘tipos’ de lésbicas e gays e, na sequência, uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 5 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

Ametista: Ahn, ai, que, é que existe, né, **existe no ditado popular**, assim, também, sabe, tipo, **tem a caminhão, tem as, a que a gente chama de femme, né, que é mais feminina**, tô falando bem do modo como as pessoas representam assim, né, **tem as dykes, assim, né, que performam uma masculinidade a ponto até da subjetividade se tornar mais masculina**, que é bem, ahn, interessante de se pensar né...

Adore: Tem a ver com o processo delas, né.

Ametista: Exato, exato, sabe. É... mas não sei, não sei, eu acho que cada vez mais, eu acho que, porque ainda tem aquelas que tu olha e que sei lá tu sabe, né, não sei explicar [risadas].

Entrevistadora: Aham [risadas]

Ametista: **Ah, meu, meu sapadar, aqui, não tá errado, entendeu, tipo a gente sabe, porque tem as identidades de roupas, às vezes, de estilo**, que a gente vai comprando ou não, nem todo mundo, entende, ahn, mas aquelas pessoas que compram, a gente acaba identificando mais facilmente, mas eu acho que tem acontecido muito, atualmente, dessa identificação ser mais difícil, tenho percebido uma neutralidade, assim, sabe, de pessoas...

Adore: **Acho que tá se tornando mais fluido, né, tu não consegue mais pegar e botar essa lésbica é a caminhão, essa...**

Ametista: Aham, aham.

Adore: **Porque aí tem momentos que tu tá mais performando um estilo mais caminhão...**

Ametista: É, é!

Adore: **...outro mais femme, na questão dessas caixinhas, eu me identifico como a feminina.**

Ametista: **Chega verão, eu de saião, no inverno eu muito sapatão.**

Ametista e Adore pontuam alguns tipos de lésbicas que estão no imaginário popular, como por exemplo, a *caminhão*, a *femme*, a *dyke*. Ametista também aponta que a identidade das roupas acaba sendo um fator que facilita a identificação de sujeitos LGBT.

Adore ainda acrescenta que acredita que essas identificações estão se tornando mais fluidas e, por isso, fica difícil colocar as pessoas em caixinhas fixas, como a da *lésbica caminhão*. Segundo ela, há momentos em que lésbicas estão performando um estilo mais caminhão e em outros, um estilo mais feminino. Ametista concorda com a percepção de Adore e ainda relata que no verão ela usa saias, ou seja, é mais feminina, e no inverno ela é mais masculina. Adore diz se identificar com o tipo mais feminino e Ametista declara ora identificar-se com um tipo mais feminino, ora com um tipo mais masculino.

Os apontamentos da dupla nos levam ao que afirma Stuart Hall (2006), que entende que somos diferentes a todo momento, porque assumimos, durante nossa vida cotidiana, diversos papéis sociais, e, portanto, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. Somos diversas pessoas em uma só, pois ora somos informais, ora formais, ora trabalhadores, ora estudantes, ora filhos etc.

É interessante observar que a dupla de mulheres lésbicas foca especificamente nas classificações relacionadas a lésbicas. Além disso, também pontuam que com as identidades dos sujeitos cada vez mais fluidas, é difícil rotulá-los e fixá-los em categorias fechadas, por mais que, às vezes, a identidade das roupas possa dar subsídios para essa classificação.

Trecho 6 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

Pedro: Eu não sei os nomes.

Júlio: É, eu conheço alguns.

Pedro: Então fala.

Júlio: **Tipo, bear que tu falou, que seria uma pessoa gordinha e peluda, por isso que lembra um urso, twink seria alguém magro, sem pêlos, que pareça jovem, ahn, depois tem daddy, que seria um cara mais velho, mais forte, né, que seria o papaizinho, vamos dizer assim...**

Pedro: **Sugar daddy!**

Júlio: **É, sugar daddy.**

Pedro: Amo! [risadas]

Júlio: **E pra mulher acredito que tem as bem femininas né, tem as fanchonas, que seriam aquelas que se vestem muito parecidas com homem, homo, homo o que, heterossexuais masculinos.**

Entrevistadora: **Tipo as caminhoneiras?**

Júlio: **É, as caminhoneiras.**

Pedro: **Sim, que buscam aquele padrão heteronormativo né.**

Júlio: **Isso. E tem umas que são [pausa] eu não posso dizer normais né? Mas é, que parecem hétero.**

Pedro: **É!**

Júlio: Tipo a t... ah, não posso falar nome [risadas] Mas como que não vai falar?!

Pedro: A minha prima?

Júlio: Tipo a Margarida.

Entrevistadora: Aham, sim, eu sei quem é. Ahn, e vocês, por ventura, olha que bonito, se identificariam com algum desses tipos?

Júlio: **Não.**

Pedro: **Talvez urso.**

Júlio fornece algumas classificações sobre lésbicas e gays. Para os homens gays, ele aponta os tipos: *bear*, que seria uma pessoa gordinha e peluda, *twink*, que seria alguém magro, sem pelos e jovem, *daddy*, que seria um cara mais velho, forte, o papai. Já para as mulheres lésbicas, Júlio pontua as *bem femininas*, as *fanchonas*, que se vestem muito parecidas com heterossexuais masculinos, também chamadas de *caminhoneiras*, e também as que *parecem heterossexuais*. Os tipos apontados por Júlio recaem em estereótipos já existentes no imaginário popular.

Pedro diz que talvez se identifique com o tipo *ursa* (o que, de certa maneira, o enquadra num estereótipo), já Júlio afirma não se identificar com nenhum dos tipos elencados. É interessante perceber que por mais que Júlio saiba as classificações, ele não se identifica com nenhum dos tipos citados, o que indica, de fato, como a identidade é realmente fluida, pois as caixas não o definem. Também é interessante observar que a dupla de homens gays não foca somente nos ‘tipos’ de homens gays que consideram estar no imaginário popular, pois também exemplificam os ‘tipos’ de mulheres lésbicas.

O que os sujeitos revelam em sua conversa é que tais classificações, que são fixas e fechadas, acabam recaindo na noção de estereótipo. Nos termos Alonso (2010), o estereótipo

[...] parece estar fundamentado na expectativa dos participantes quanto ao condizente desempenho dos demais integrantes em determinado evento, em que todos esperam que os movimentos próprios e alheios sejam ordenadamente realizados, segundo as convenções vigentes (ALONSO, 2010, p. 45).

A noção de estereótipo está estritamente ligada com a expectativa dos outros indivíduos e seus respectivos desempenhos em sociedade, em que determinadas condutas são previamente estabelecidas e acabam por regradar, de certa forma, de que maneira os sujeitos devem ou não se comportar.

Trecho 7 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

Entrevistadora: Tu falou alguns aí.

Scorpio: Falei?

Dino: Tu falou das lésbicas, como é que é.

Entrevistadora: **Lipstick...**

Dino: **Lipstick.**

Entrevistadora: **Butch.**

Scorpio: **Tem a lipstick.**

Entrevistadora: Lipstick eu nunca tinha ouvido.

Scorpio: **tem a sporty, que é a que só usa camisas tipo, aí, vou pra academia.**

Dino: **Tá, mas a lipstick é o que?**

Scorpio: **A lipstick é a feminina, porque ela usa batom.**

Dino: Sei.

Scorpio: **Porque a butch não usa batom, não usa maquiagem, não usa merda nenhuma.**

Dino: **Seria o estereótipo da mulher hétero?**

Entrevistadora: Isso.

Scorpio: **Isso.**

Entrevistadora: **Eu conheço como lady.**

Dino: **Lady.**

Scorpio: É, a lady, eu tô pegando as coisas do, americana né, aí já não sei como funciona.

Entrevistadora: Aii.

Entrevistadora e Dino: [risadas]

Scorpio: Não sei como funciona na comunidade daqui. E aí é isso, **e a butch, né, que é a caminhoneira.**

Entrevistadora: **E os meninos?**

Scorpio: **Aí tem muito.**

Dino: **Bom, se tu vai pra um aplicativo padrão de, de sexo gay.**

Scorpio: **É que eu acho que o nosso é muito sexual.**

Dino: **Tem um, tem um padrão específico, que é primeiro que o cara é branco.**

Scorpio: Sim.

Dino: **Tá, sarado, de barba, e, sei lá, com tatuagem, não sei, enfim, aí tu tem a imagem do femme, que é o gay feminino.**

Scorpio: **Passivo.**

Dino: **Passivo.**

Scorpio: **Porque ele não pode ser ativo.**

Dino: **É.**

Scorpio: **Não existe.**

Dino: **Aí, e tem razão, é tudo relativo a sexo, aí tem o bear, por exemplo, que é o cara grandão, peludo, enfim, de barba.**

Scorpio: **Talvez gordo.**

Dino: Talvez gordo, geralmente.

Scorpio: Também não se espera ser bombado.

Dino: **Acho que se espera uma mistura dessas coisas, é, realmente, as imagens todas são ligadas muito com sexo.**

Scorpio: Com sexo.

Entrevistadora: É.

Scorpio: Aí depois falam que a gente é sexual e a gente reclama.

Dino: Exato.

Scorpio: Mas é muito ligado com sexo, aí depois tem tipo, aí como é que é, a...

Dino: **O gay negro também, vai se esperar que ele seja de um jeito, que seja fortão.**

Scorpio: Bom, o gay negro não tem nem estereótipo, as pessoas nem pensam, eu acho, é só o tamanho, o gay negro é só o pênis. E ainda ele não pode ser passivo, se ele for passivo, só se ele for a gay afeminada negra, que aí é a mais, é a mais da marginal ali.

Dino: Pior.

Scorpio: Ahn, aí depois tem lá, aí vai aumentando né, tem a lontra, que é o cara magro, alto e peludo também.

Entrevistadora: Lontra? Não conheço.

Scorpio: É porque é a versão bear do cara magro alto.

Entrevistadora: E vocês, por ventura, se identificariam com algum desses tipos ou não?

Scorpio: Eu já sou bear há anos.

Entrevistadora: Tu é bear?

Scorpio: É o único lugar que eu sou aceito, porque eu entrava nesse tipo de aplicativo, e aí ser gordo é sempre um problema.

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: Porque todo mundo acha um problema, é... ou tu não vai conseguir fazer sexo, ou tu não é bonito pras pessoas olharem, porque tu quer vender um namorado que tu tem, e aí tu te encaixa nesse nicho, tem que ser bear, tem que ser o gordo, pelo menos peludo, que aí a pessoa pelo menos vai ter um fetiche, pra te buscar, e aí eu acho que esse é o problema, a pessoa acaba não buscando a pessoa, ela busca “ai eu quero o bear”.

Scorpio aponta algumas classificações relacionadas às mulheres lésbicas, como *lipstick* (mais femininas), *butch* (mais masculinas) e *sporty* (academia). Sobre homens gays, Scorpio e Dino possuem a percepção de que as classificações são bastante associadas com sexo.

Eles relatam que existe um padrão específico entre os homens gays, que o tipo mais ‘aceitável’ é o cara branco, sarado, com barba e tatuagem. Mas que também existe a imagem do gay mais feminino e que dele é esperada passividade na relação sexual. Também pontuam o tipo *bear*, que seria um cara grande, gordo, peludo e de barba. Além disso, discorrem sobre o tipo *gay negro*, que se espera que seja forte. Eles também adicionam que, muitas vezes, o *gay negro* é reduzido ao tamanho do pênis e que o *gay negro afeminado* é o tipo mais marginal da comunidade. Outro tipo mencionado por eles é o tipo *lontra*, que seria um cara magro, alto e peludo também, como se fosse uma versão do *bear*, só que magro e alto.

Scorpio indica que se identifica com o tipo *bear*, mas o que é mais interessante é compreender por qual motivo ele chega a essa classificação. Segundo ele, faz isso para ser aceito e não porque deseja se encaixotar ou se classificar. Nesse sentido, o rótulo lhe é imposto, sob pena de não encontrar nenhum interessado nele. Dino acabou não respondendo com que tipo se identificaria.

A dupla aponta algumas tipificações de lésbicas e gays que conhecem e, segundo Lippman (1970), “notamos um traço que marca um tipo conhecido e enchemos o resto do quadro com estereótipos que trazemos na cabeça” (p. 156). E, dessa forma, as pessoas criam

diversas tipificações baseadas nos comportamentos humanos reais e também nos imaginados e acabam por encaixar os sujeitos baseados nesses comportamentos.

Trecho 8 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

Entrevistadora: Vocês já falaram alguns...

Catarina: É, foi o que a Maribel falou, ai, **tem a caminhoneira, tem a lady, tem a, sei lá...**

Gezebel: **A MPB, aquela que tá sempre com o violãozinho...**

Catarina: **MPB, tem a good vibes, tem a 4:20.**

Gezebel e Entrevistadora: [risadas]

Catarina: **Tem várias.**

Gezebel: Tem, essa tá muito em alta, toda elas tão querendo ser 4:20.

Catarina: [risadas] Hoje em dia todo mundo é 4:20 né.

Entrevistadora: [tosse] Vocês se classificariam, se classificariam, olha, se identificariam com algum desses tipos?

Catarina: **Ah, algumas coisas talvez, tipo...**

Gezebel: **É... não sei, eu acho. Eu gosto bastante de camisa xadrez. [risadas]**

Catarina: **É, eu, deixa eu ver, eu gosto bastante de MPB.**

Gezebel: **Teve uma vez uma coisa que eu vi no facebook que era, ah qual é o seu estilo, é mais, como é que era, não chamava caminhoneira, bofinho, tem o estilo bofinho, tem a lady e tem a que fica aqui no meio.**

Catarina: Tinha o teste de The L Word, eu fiz esse, deu que eu era a Carmem, fiquei muito feliz.

Gezebel: Qual que de deu que eu era... e aí, sei lá, **tinha um que dizia no meio assim, ah, meio termo, que é a que tanto se arruma, sei lá, às vezes e sei lá bota uma calça, uns troço assim.**

Catarina: **E realmente, tu te encaixa nisso.**

Gezebel: **É, e eu ficava meio assim, será que eu sou isso, porque eu não me vejo nesses extremos assim.**

Gezebel e Catarina focam, especificamente, na classificação de mulheres lésbicas e mencionam alguns tipos, como a *caminhoneira*, a *lady*, a *MPB* que está sempre com seu violão, a *good vibes* e a *4:20*, que é um termo usado como alusão a maconha ou ao usuário dela.

Os tipos pontuados pela dupla refletem algumas representações que convivem no meio social. Segundo Cabecinhas (2004), “as representações não são o espelho da realidade, mas sim versões hipersimplificadas da realidade. As representações nunca são neutras, pois dependem mais do observador do que do objeto, já que este define primeiro e vê depois” (p. 3). Isto é, os estereótipos nem sempre retratam fielmente a realidade, mas funcionam como representações bastante simplificadas da vida cotidiana e também dependem de quem está apontando o estereótipo.

Catarina diz se identificar com algumas coisas relacionadas a esses tipos, como por exemplo, gostar bastante de MPB. Gezebel brinca e diz gostar de camisa xadrez e levanta um ponto interessante, de que se identifica como um meio termo, entre as mais femininas e as mais masculinas, pois não se vê em nenhum desses dois extremos.

Em suma, todos os sujeitos das quatro duplas pontuam tipos de lésbicas e gays parecidos entre si, com tipos que se aproximam mais da feminilidade e tipos que se aproximam mais da masculinidade.

É pertinente ressaltar que as duas duplas de mulheres lésbicas, Ametista e Adore e Gezebel e Catarina, fornecem as classificações apenas relacionadas às mulheres lésbicas. Por outro lado, as duas duplas de homens gays, Júlio e Pedro e Scorpio e Dino, apontam classificações tanto relacionadas a homens gays quanto a mulheres lésbicas.

Outro ponto interessante a ser observado é a facilidade com que os sujeitos de pesquisa discorrem sobre as classificações, porém, ao mesmo tempo, apresentam dificuldade para se enquadrar em apenas uma delas. Esse movimento reforça a ideia de que eles consideram as identidades como fluidas e em constante (re)construção, alinhados ao que Hall (2006) disserta sobre o processo de identificação:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 9-10).

Ainda segundo o autor, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, pois dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Portanto, as percepções de nossos sujeitos de pesquisa se alinham com os conceitos teóricos que Hall (2006) já defendia.

4.1.3 Ambientes e pessoas que se sentem confortáveis (ou não) para mostrar identidades

Os próximos trechos de diálogos que se encontram a seguir, 9, 10, 11 e 12, são referentes ao questionamento sobre em que ambientes e com que pessoas os sujeitos da pesquisa não se sentem ou se sentem confortáveis para mostrar suas identidades e, na sequência, apresenta-se uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 9 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem mais confortáveis para mostrar suas identidades? E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis para isso?

Ametista: Ah, eu acho que atualmente, ahn, todo o meu processo, hoje eu me sinto muito, quer dizer, a conjuntura tá muito complicada, tudo que a gente falou lá no início da entrevista, **eu tenho estado com medo, tá, mas os espaços onde as pessoas já sabem, por exemplo, a minha família, o instituto onde eu trabalho, o meu círculo de amigos, ahn, lugares que eu frequento que já, de pessoas que me conhecem e sabem, eu me sinto extremamente confortável**, sem problema nenhum, tenho sentido um pouco de medo, ahn, de tá em, tipo, em vias públicas mesmo, sabe?, em lugares sozinha e se alguém me identificar enquanto uma sapatona e querer me confrontar ou alguma coisa, eu tenho muito medo, eu tenho sentido esse medo, sabe?.

Adore: **É, eu acho que o meu conforto é s, atualmente, é só nesse grupo bem próximo de amigos e conhecidos que compartilham da luta né**, não dizer tipo estou desconfortável com vocês, não.

Entrevistadora: Sim.

Adore: Mas, não é com qualquer conhecido, qualquer pessoa que fala comigo e tal.

Ametista: Aham.

Adore: Quando eu tô, com a Maribel⁷⁸, dentro da nossa relação, né, amorosa e companheirismo, totalmente à vontade, questões, quando surgem questões da lesbianidade, a gente conversa na boa.

Ametista: Uhum.

Adore: **E a gente performa identidade, tipo, de boa, e com a minha família, eu não me sinto à vontade, embora o meu pai demonstre aceitação, eu sempre fujo dessa performance da identidade perto dele, mas isso é projetado de mim, né?.**

Ametista: Uhum.

Adore: E, agora eu tô tendo algumas experiências de trabalho né, comecei lá no IFRS em maio, e vou tá saindo em novembro, e embora eu tenha feito o exercício de me reafirmar para eles, é muito mais se reafirmar pra mim, pra eu naturalizar o meu comportamento nos ambientes de trabalho, né?, porque eu ficava pensando, tipo, ai, ahn, será que eu falo, quando a gente tava tendo tipo as reuniões de estágio, né?, que que isso diz de mim, é, é necessário e aí eu percebi que é, necessário, mas eu ainda não consigo dizer assim, estou 100% confortável naquele espaço, estou lutando pra que eu me sinta confortável, porque eu percebo que tem que ser naturalizado, então tem que começar por mim, então eu começo a projetar, pra naturalizar pra mim.

Ametista comenta que o momento que vivemos no Brasil a deixa com bastante medo de mostrar sua(s) identidade(s). Porém, com a família, amigos e pessoas que já sabem da sua orientação sexual, ela relata se sentir bastante confortável. Ametista voltou a falar do medo, ao acrescentar que sente receio de andar sozinha na rua e ser identificada como lésbica.

Adore pontua que apenas se sente à vontade com a sua namorada e com um grupo bem próximo de amigos, que compartilham da luta e que não é com qualquer conhecido ou com qualquer pessoa que ela se sente confortável para mostrar sua(s) identidade(s). Além

⁷⁸ Maribel é o nome fictício usado para o nome da namorada de Adore.

disso, também relata que foge da performance de identidade na frente da sua família. Com relação ao ambiente de trabalho, Adore diz que tem tentado naturalizar sua orientação sexual nesse espaço, mas que ainda não se sente totalmente confortável. Nesse sentido, Butler (1993) entende que as repetidas *performances* desempenhadas pelos sujeitos geram condições para eles mesmos repensarem quais significados podem estar associados ao uso de seus corpos e isso lhes permite criarem novas concepções sobre si mesmos.

Os apontamentos de Adore e Ametista vão ao encontro dos resultados de Santana (2018) sobre informalidade e proximidade. Segundo o autor, dois aspectos são fundamentais para a marcação de gênero gramatical feminino em referência a adjetivações atribuídas a homens gays, no caso de sua pesquisa: “(i) quando o contexto interacional é de informalidade; (ii) quando os agentes da interação têm uma relação de muita proximidade” (p. 94).

Em suma, a dupla aponta que se sente mais confortável para performar suas identidades perto de pessoas próximas e em ambientes conhecidos, pois, dessa maneira, não correm o risco de sofrer algum tipo de preconceito.

Trecho 10 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem mais confortáveis para mostrar suas identidades? E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis para isso?

Pedro: **Pessoa eu não tenho, não tenho muito filtro, entendeu?**

Júlio: **Eu também não, assim, é.**

Pedro: Não tenho muito filtro, é. Lugar, prefiro...

Júlio: Eu não mostraria no ônibus.

Entrevistadora: Uhum.

Pedro: **Eu não tenho, também, não tenho, onde for, vai.**

Júlio: Tipo, sozinho, se eu tô sozinho, eu não vou falar com quem eu não conheço, né?, então...

Entrevistadora: Uhum.

Júlio: A pessoa não, só vai ficar sabendo se falar comigo [pausa] então não sei.

Entrevistadora: E... a mesma pergunta só que lugares né e com que pessoas vocês se sentiriam menos confortáveis?

Júlio: Menos confortáveis? **Ah, eu acho que se eu fosse numa igreja né.**

Pedro: É, [risadas] é verdade, é.

Entrevistadora: É, mas sei lá, tipo...

Júlio: Iam querer queimar meus demônios.

Pedro: [risadas] Iam querer te tacar fogo, né amiga?.

Júlio: [imitando a “língua dos anjos”]

Pedro: NEFASTA! [risadas]

Entrevistadora: Mas vocês vão, sei lá, no centro da cidade aqui, tipo no calçadão, vocês se sentem confortáveis pra...?!

Pedro: Ok.

Júlio: **Se eu tiver com algum amigo, eu vou... ser eu, entendeu?** Mas tipo...

Pedro: **Eu também não me importo.**

Júlio: É, tipo, é que, não sei se tem assim, como demonstrar, sendo sozinho, só se a pessoa te mirar e falar assim “ah, eu acho que ele é”, entendeu?

Júlio e Pedro apontam que não possuem muitos problemas em mostrar sua(s) identidade(s) para as pessoas em geral. Júlio relata que seria mais reservado em certos lugares, tais como no ônibus ou em uma igreja, por exemplo; mas que na presença de amigos, costuma ser mais espontâneo, ou em suas palavras, “ele mesmo”. O relato de Júlio nos leva à ideia de estilo como distintividade, conforme proposta por Irvine (2001), que pontua que o estilo só se dá a partir do confronto e na presença do outro e também de outros estilos. Isso ocorre, pois Júlio menciona que só saberiam que ele é gay se ele estivesse com mais alguém, ou seja, em oposição a outra pessoa, com um estilo diferente. Pedro concorda com a percepção de Júlio e diz que não se importa muito.

As observações da dupla podem ser relacionadas, de certa forma, com a teoria da acomodação, de Giles (1973), que defende que os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. Essa acomodação de seus estilos linguísticos se daria de maneira estratégica para se aproximar (convergência) ou se distanciar (divergência) do interlocutor. Aqui também podemos compreender que essa acomodação se dá ainda com relação aos ambientes em que os sujeitos estão, em que podem ajustar (ou não) suas falas a depender do lugar em que estão.

Trecho 11 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: Em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem mais confortáveis para mostrar suas identidades? E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis para isso?

Dino: Aham. **Eu tava numa onda de me sentir cada vez mais confortável**, de começar a dizer assim, por exemplo, na faculdade, tipo, no meio da aula, assim, de surgir uma conversa e eu falar, **hoje, com o, com a eleição e tudo mais, eu já comecei a me cuidar pra não falar**, a menos que eu tenha certeza que as pessoas que tão ali tão mais ou menos de boas com isso.

Entrevistadora: Uhum.

Dino: Mas assim, eu não falo em público, eu não falo na minha rede social, por exemplo.

Scorpio: **É, eu criei costumes muito bizarros, por exemplo, eu ando de cabelo solto, aí eu acho, por algum motivo na minha cabeça que cabelo solto é mais aceitável na rua, quando eu entro pra dentro da sala de aula e eu não me sinto a vontade, eu prendo o cabelo.**

Dino conta que costumava sentir-se bastante confortável para mostrar sua(s) identidade(s), tanto com amigos, na faculdade, etc. Porém, com a atual situação do país e a onda conservadora tomando conta da população, ele relata estar com medo de continuar se

expondo dessa maneira, a não ser que tenha certeza de que a pessoa com a qual está lidando não é preconceituosa. Ele pontua que não fala mais em público e nem na sua rede social sobre a sua orientação sexual.

Scorpio relata que mudou alguns de seus hábitos, por exemplo, ele não se sente mais à vontade em estar de cabelo solto dentro da sala de aula (ele tem o cabelo comprido), pois, por algum motivo, ele acredita que é mais aceitável estar de cabelo solto na rua.

Felix (2016) discute sobre os estilos de fala de seus informantes, o que também parece valer para o caso das observações de Scorpio e Dino:

[os informantes] se mostram bastantes conscientes com relação ao seu ser e ao seu falar e afirmam moldar o seu comportamento e, conseqüentemente, sua fala dependendo da audiência a que se dirige. Ou seja, os informantes falam claramente a respeito da construção de sua identidade linguística e como ela pode variar de contextos a contextos (FELIX, 2016, p. 74).

Ao que parece, tanto Scorpio quanto Dino, de certo modo, acomodam suas falas a depender do interlocutor e do contexto em que estão inseridos. A motivação para essa acomodação seria o medo de serem rechaçados ou ridicularizados de alguma maneira, caso revelassem suas identidades.

Trecho 12 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem mais confortáveis para mostrar suas identidades? E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis para isso?

Catarina: **Ah, na minha casa, [risadas] em ambientes que sejam tipo LGBT, ou tipo que tolerem LGBTs assim e tal.** Tipo agora tem o Mattilde, um barzinho, tu viu?

Gezebel: Ah, sim.

Entrevistadora: Eu vi, mas não fui.

Catarina: Cara, é muito bom ali, já fui umas 4 vezes.

Gezebel: É tri bom lá.

Catarina: E ali é bem de boas, assim.

Gezebel: **Ah, eu me sentia muito ok assim na faculdade mesmo também.**

Catarina: **É, na faculdade também. É, na faculdade... poxa, a FURG me rendeu muitos bons momentos.**

Entrevistadora: E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis pra isso?

Gezebel: **No concentras⁷⁹?** [risadas]

Catarina: **Em ambientes, pessoas heterossexuais que não sejam pessoas que eu conheça assim, do meu convívio, e ambientes altamente declarados heterossexuais, tipo, sei lá...**

⁷⁹ Concentras era uma festa de pagode e samba na cidade de Rio Grande, conhecida por ser um ambiente frequentado principalmente por sujeitos heterossexuais.

Catarina declara que se sente confortável para mostrar sua(s) identidade(s) em sua casa e em ambientes que sejam LGBT *friendly*⁸⁰. Gezebel também diz que se sente bastante confortável na faculdade e Catarina concorda com sua percepção. Em contrapartida, ambas consideram que em festas voltadas ao público heterossexual, elas se sentem menos confortáveis.

Nessa direção, os informantes de Felix (2016) “afirmam buscar um afastamento do seu estilo *gay* quando em contextos de trabalho ou em meio a homens heterossexuais, porém lançam mão desse estilo quando estão com seus amigos também *gays*”. No nosso caso, Gezebel e Catarina convergem com essa percepção e não se sentem confortáveis para mostrar suas identidades em ambientes desconhecidos e com pessoas desconhecidas.

Em suma, nos trechos de diálogos de 9 a 12, todas as quatro duplas relatam que se sentem mais confortáveis para mostrar sua(s) identidade(s) com pessoas próximas e em ambientes conhecidos, pois, dessa forma, não se sentem amedrontados com possíveis reações negativas. Desse modo, não correm tanto risco de sofrerem algum tipo de preconceito, o que vai ao encontro de discussões propostas por Felix (2016), Giles (1973), Irvine (2001) e Santana (2018).

4.1.4 Fala como marcador de identidades lésbica/gay

Os trechos de diálogos a seguir, 13, 14, 15 e 16, são relativos à pergunta sobre o funcionamento da fala como um marcador de identidades lésbica/gay e, na sequência, há uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 13 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Vocês consideram que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica e gay?

Ametista: Ah, acho que talvez sim, eu acho que existe né, um...

Adore: Não é o único mecanismo, mas é um importante.

⁸⁰ *Friendly* é uma expressão da língua inglesa para se referir a algo amigável. Nesse caso, remete a lugares que aceitem sujeitos LGBTs.

Ametista: Sim... Eu acho que pode, mas também pode não, entendeu, [risadas] mas eu acho que existem né, algumas, ahn, um vocabulário mais específico da comunidade, assim, sabe, que identifica.

Ametista e Adore acreditam que a fala pode sim funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Adore aponta que não acha que seja o único mecanismo disponível para essa marcação, mas que é importante. Ametista acrescenta que existe um vocabulário mais específico da comunidade, que leva à identificação.

A percepção das duas nos leva ao que diz Tabouret-Keller (2017): “a língua falada por alguém e sua identidade como falante desta língua é inseparável” (p. 315)⁸¹. É quase impossível separar língua e identidade, já que, por muitas vezes, é pela e na língua que expressamos nossas identidades. No caso da fala de sujeitos LGBTs, eles possuem alguns usos que são específicos dessa comunidade e Ametista e Adore concordam que esses usos podem marcar identidade.

Mendes (2012) já pontuava que o imaginário popular parece associar determinados usos linguísticos à fala de sujeitos homossexuais e esses usos podem ser atravessados ou motivados por questões identitárias e de pertencimento ao universo LGBT.

Trecho 14 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Vocês consideram que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica e gay?

Júlio: SIM!

Pedro: Sim, com certeza! Passiva nefasta, por exemplo.

Júlio: É, tipo, uma lésbica não trataria outra lésbica assim... eu acho, então...

Pedro: Talvez... se for passiva.

*Júlio: Passiva nefasta, não. **Só passiva, ou passivona, porque quando é lésbica, parece que é tudo no aumentativo.***

Júlio e Pedro também acreditam que a fala pode sim funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. A dupla ainda fornece exemplos como *passiva nefasta*, *passiva* e *passivona*, a fim de ilustrar que as expressões são mais comumente ditas por sujeitos LGBT. Alonso (2010) já havia discutido algumas das expressões mencionadas por Júlio e Pedro e que remetem ao ato sexual e à masculinidade:

⁸¹ “The language spoken by somebody and his or her identity as a speaker of this language is inseparable.”

A imagem de masculinidade no contexto social não seria sustentada no contexto da prática sexual. Mas a apresentação de atitudes associadas à masculinidade ou a ausência de trejeitos efeminados lhe garante maior prestígio do que à **PAM – Passiva até a morte, à larga, à maria e à passivona**, nessa ordem (ALONSO, 2010, p. 125, grifo do autor).

O que a dupla relata nos leva ao que Lau (2017) já discutia sobre usos específicos da comunidade LGBT:

Alguns membros da comunidade LGBT, pela necessidade de se comunicar de forma mais velada, sem que outros percebam do que se trata, ou mesmo para falar de forma “engraçada”, como reforçando de forma caricata o estereótipo que lhes é reservado, utilizando (sic) para isso o “bichês” (LAU, 2017, p. 173).

Ainda segundo o referido autor, as motivações para que os sujeitos usem palavras ou expressões diferenciadas podem ser diversas, mas, de acordo com a percepção da dupla, esses usos marcam sim a(s) identidade(s) dos sujeitos LGBT.

Trecho 15 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: Vocês consideram que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica e gay?

Dino: **Ai, sim.**

Scorpio: **Uhum.**

Dino: **Totalmente. Eu acho que tanto no vocabulário que tu usa, palavras específicas, ahn, quanto o jeito de falar, eu acho,** pra mim, com relação a lésbica eu não sei, mas pra mim, sempre assim, pelo menos a minha voz, quando eu gravo e ouço, acho horrível, ahn, é tudo muito cantado, tudo como se tivesse falando assim [aumentando e afinando o tom da voz] sabe?

Entrevistadora: Mais pausado, né?

Dino: **É, e tem uma entonação diferente, um alongamento, não sei explicar, não sei.**

Scorpio: Não sei, pra mim foi sempre falar alto.

Dino: Falar alto?

Scorpio: E a minha voz fica cada vez mais esganiçada quando eu começo a falar alto.

Entrevistadora: [risadas]

Scorpio: **Então eu não sei manter o, a heteronormatividade aqui ó, não tem.**

Da mesma forma que as duas primeiras duplas, Scorpio e Dino também apontam que a fala pode sim funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Dino acrescenta que isso está presente tanto no vocabulário que se usa, quanto no modo de falar. Scorpio e Dino mencionam ainda que a entonação parece ser diferente, com a fala mais alta, tom de voz mais agudo e alongamentos, por exemplo. As respostas dos entrevistados de Mendes (2012) já

apontavam que a entonação e o modo de falar são fatores que seus informantes associaram à fala de gays. Nesse sentido, Levon (2014, 2016) já vem estudando o que pode soar gay na fala de homens. A entonação, ou frequência de *pitch*, é um dos elementos encontrados pelo autor, que as pessoas associam à fala de gays.

Scorpio ainda adiciona que ele não sabe manter a heteronormatividade, ou seja, ele não sabe performar um padrão pré-estabelecido para homens heterossexuais.

Trecho 16 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Vocês consideram que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica e gay?

Catarina: **Sim, com certeza.**

Gezebel: **Pode sim.**

Catarina: **Tem gírias que tenho certeza que, tipo, a questão do ENEM, os dialetos, sabe, com certeza o meu avô não saberia nada do que que é amapô, aqué e etc.**

Assim como as três primeiras duplas, Gezebel e Catarina também concordam que a fala pode sim funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Catarina, fazendo referência a uma questão do ENEM de 2018⁸² que envolvia o dialeto pajubá, menciona que existem gírias que seu avô, com certeza, não entenderia, como é o caso de *amapô* (mulher) e *aqué* (dinheiro).

Para entender melhor os termos apontados por Catarina e Gezebel, recorremos ao glossário do trabalho de Alonso (2010), que contém as seguintes explicações: “AMAPÔ: mulher; heterossexual feminina. AQUÉ: dinheiro” (p. 219). Lau (2015) também discorre sobre o termo amapô: “(do bajubá) S.f. [var. de *amapoa*]. **Amapoa** – (do bajubá) S.f. **1.** Vagina; órgão sexual feminino; **2.** Termo usado para designar mulher [var. *amapô, mapô*]” (p. 99, grifos do autor).

O apontamento de Catarina nos leva à questão de que muitas pessoas que não convivem com sujeitos LGBTs podem não entender as palavras e expressões usadas por eles. Nesse sentido, Lau (2015) discorre que

os usuários da língua que provém do iorubá, o bajubá⁸³, utilizam-na quando estão reunidos em suas “comunidades de prática” (cf. Rampton, 2006), muitas vezes para falar sobre determinado assunto, para que outros ao redor

⁸² Cf. nota de rodapé 2.

⁸³ Bajubá é uma variação para o termo pajubá, isto é, os dois termos significam a mesma coisa.

não saibam do que estão falando, como se fosse uma espécie de código (LAU, 2015, p. 95).

Essa comunidade de prática apontada por Lau, nesse caso, seria a comunidade LGBT. E do mesmo modo como indica Catarina, quem não pertence a essa comunidade pode não compreender algumas palavras e expressões que esses sujeitos usam quando estão com outros sujeitos LGBT.

Mendes (2018) já pontuava que os sujeitos fazem usos linguísticos que perpassam a construção de suas identidades:

é mais interessante identificar que materiais linguísticos as pessoas usam na sua construção de *personae* sociais (o que inclui aquelas definidas em termos de gênero e sexualidade). Em outras palavras, interessa entender como certas práticas linguísticas passaram a ser associadas a certas identidades, bem como demonstrar como as pessoas se valem dessas associações nas suas vidas (Livia & Hall 1997) (MENDES, 2018, p. 41, grifo do autor).

Em suma, todas as quatro duplas convergem na percepção de que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Os sujeitos de pesquisa ainda fornecem alguns exemplos e discutem sobre como, às vezes, nem todo mundo entende as palavras e expressões usadas na comunidade LGBT. Algumas das considerações feitas por nossos sujeitos de pesquisa já estão presentes em trabalhos já reportados, como o de Alonso (2010), Mendes (2012, 2018), Lau (2015, 2017), Barroso (2017) e Santana (2018).

Com relação à *identidade*, foco da seção 4.1, pode-se dizer que os sujeitos a entendem como plural e dinâmica e discordam da visão estereotipada sobre o assunto, o que coaduna com a concepção pós-moderna de identidade(s) fluida(s).

4.2 Percepções sobre usos linguísticos

Nesta seção, trazemos excertos de diálogos com as percepções das quatro duplas referentes a questões envolvendo usos linguísticos. A seção está subdividida em quatro tópicos, sendo eles: exemplos de usos linguísticos usados por sujeitos homossexuais, fatores que propiciam usos linguísticos característicos do universo LGBT, formas de referência a

sujeitos homossexuais e apropriação dos usos linguísticos típicos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais.

4.2.1 Exemplos de usos linguísticos por sujeitos homossexuais

No decorrer da entrevista foi pedido para que as duplas fornecessem exemplos de usos linguísticos que marcassem diferenças entre sujeitos homossexuais e heterossexuais. Os trechos a seguir, 17, 18, 19 e 20, explicitam as percepções das quatro duplas sobre essa indagação e, na sequência, apresentamos uma discussão geral sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 17 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Vocês acham que lésbicas e gays usam uma linguagem “diferente” da linguagem de pessoas heterossexuais? Poderiam explicar e dar exemplos?

Adore: Momento reflexão. É porque, é o que eu já disse nas outras perguntas, o meu grupo agora tá tão restrito, que dentro dessa restrição, eu não percebo, né?, **tem toda a questão dos vocábulos lá, né?, do reforçar o sapatão, do usar o lésbica, do falar tais bem caminhoneira**, tais não sei que, mas, no entorno mais geral, de conhecidos, de sala de aula onde eu estudo, de relação com outras pessoas, **eu não consigo perceber as lésbicas que me permeiam, e os bissexuais e os gays, usando uma linguagem diferente, fora do contexto, da comunidade.**

Ametista: **Eu acho que existe uma marcação até de performance de feminilidade no [pausa] no mecanismo discursivo**, por exemplo, eu falo muito esse tipo de linguagem mais coloquial, com algumas gírias do tipo, “ah, mano”, eu uso muito mano, tipo, saca, saca?! [risadas]

Entrevistadora: Tá ligado.

Ametista: Tá ligado, então, tipo, eu uso muito esse tipo de gíria, que eu, eu não sei, mas eu não percebo muito, mulheres, ahn, com uma performance de feminilidade diferente, sabe?, ahn, utilizando, eu, eu sei monitorar, em alguns momentos discursivos né?, que tipo de fala eu vou ter, mas eu sei, que a minha fala é atravessada por um tipo “foda-se o jeito que eu tô falando”.

Na visão de Adore, por mais que ela perceba usos linguísticos como *sapatão*, *lésbica* e *caminhoneira*, não os percebe fora do contexto da comunidade LGBT. Essa percepção vai ao encontro da nossa hipótese número 2, sobre alguns dos usos empregados por lésbicas e gays serem exclusivos ou mais restritos à comunidade LGBT. Essa condição se dá porque a compreensão desses usos é viabilizada através do contato e/ou pertencimento ao grupo. Já Ametista apresenta a percepção sobre diferentes marcações de feminilidade através da fala e que ela, por exemplo, usa bastante as gírias *mano* e *saca*, demonstrando uma baixa marcação da feminilidade através da fala.

Outro ponto interessante nesse trecho de diálogo é o uso da expressão *tá ligado*. Valle (2014) já defendia que o uso de marcadores discursivos (MDs) pode funcionar para marcar identidade. Na perspectiva da terceira onda, os usos linguísticos e seus significados também são fluidos e mutáveis. Por exemplo, Bentes e Mariano (2013) analisam os MDs, mais especificamente o *tá ligado*, percebendo que o item funciona como indexicalizador de identidade dos *manos* e dos rappers, o que talvez possamos supor que também funcione como marca de masculinidade(s). O que combinaria com o uso de *tá ligado* apontado por Ametista, no nosso caso, como indexicalizador de identidade mais ligada à baixa performance da feminilidade.

Trecho 18 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Vocês acham que lésbicas e gays usam uma linguagem “diferente” da linguagem de pessoas heterossexuais? Poderiam explicar e dar exemplos?

Pedro: **Queres antigos ou atuais?**

Entrevistadora: Ué, pode, podemos fazer uma linha do tempo.

Pedro: **Ai, eu acho horrível mona, mas é bem antigo.**

Júlio: **Mona é antigo.**

Pedro: Né?!

Júlio: Mona é [pausa] Mona é algo que usam na tv ainda né?

Pedro: Não sei.

Júlio: Usam, usam mona. Em humor, usam mona.

Pedro: Eu acho brega, eu acho muito brega [pausa] mona. Tem...

Entrevistadora: E não só coisas a se referir a pessoa, né?

Pedro: Ahh, entendi, entendi.

Júlio: Nãooo, no vocabulário?!

Entrevistadora: É.

Júlio: Não, eu acho que a gente...

Pedro: **Neca.**

Júlio: **A gente usa um palavreado... que talvez pra gente seja super ok de entender, e às vezes tu tá falando com pessoas que não são gays e eles não entendem.**

Pedro: Exemplo?!

Júlio: Ah, igual tu falou, neca, fala pra um cara, hétero, que nunca pegou um travesti, pra ver se ele vai saber o que que é.

Pedro: Não sabe, mesmo.

Júlio: **Não sabe o que que é neca. Não sabe o que que é aquendar.**

Pedro: **Aham, aquendar.**

Júlio: **Não sabem essas coisas, assim.**

Entrevistadora: Aham... pode falar mais exemplos aí, se tiver.

Pedro: [pensativo] **aquendar é ótimo, né?**

Júlio: **É. [pausa] Não sabe que cabelo é picumã...**

Pedro: **Chuca.**

No trecho dessa dupla de homens gays, tanto Júlio quanto Pedro fornecem exemplos de usos linguísticos característicos do universo LGBT, como: *mona*, *neca* (órgão sexual

masculino), *aquendar* (esconder o órgão sexual masculino), *picumã* (cabelo/peruca) e *chuca* (enema).

Pedro ainda questiona se a entrevistadora queria exemplos de usos linguísticos antigos ou atuais, o que mostra que os usos linguísticos estão em constante transformação ou atualização.

Além disso, Júlio e Pedro também discutem a restrição no entendimento de determinadas palavras e/ou expressões. Eles acentuam que sujeitos LGBT usam uma linguagem que é acessível para aqueles que pertencem à comunidade, mas de difícil compreensão por aqueles que não pertencem. Santana (2018) já discorria sobre essa questão:

[...] existem de fato expressões linguísticas que são reconhecidas como próprias de falantes gays e geralmente *desconhecidas* para usuários da língua que *não pertençam à comunidade LGBT* (SANTANA, 2018, p. 71, grifo nosso).

A condição dessa restrição pode ser explicada se pensarmos que é através do contato e/ou pertencimento ao universo LGBT que a compreensão desses usos é viabilizada, o que também vai ao encontro da nossa hipótese número 2.

Levon e Mendes (2016) já discutiam o que chamam de ‘subcultura’ de lésbicas e gays:

[...] existe uma comunidade ou subcultura de lésbicas/gays, e que ser membro dessa comunidade e ter experiências compartilhadas nela que definem a “identidade de lésbicas/gays”. A segunda suposição é que essa identidade compartilhada dá origem a um conjunto distinto de práticas sociais e linguísticas (LEVON; MENDES, 2016, p. 3-4)⁸⁴.

Essas experiências compartilhadas que os autores apresentam podem ser entendidas, além de outras coisas, como a linguagem usada por lésbicas e gays, que pode ser diferente da linguagem usada por sujeitos heterossexuais. Esses usos perpassam as identidades desses sujeitos a partir de um conjunto de práticas sociais e linguísticas.

Trecho 19 – Scorpio e Dino

⁸⁴ “[...] exists a lesbian/gay community or subculture, and that it is membership in this community and the shared experiences therein that define lesbian/gay “identity.” The second assumption is then that this shared identity gives rise to a set of distinctive social and linguistic practices.”

Entrevistadora: Vocês acham que lésbicas e gays usam uma linguagem “diferente” da linguagem de pessoas heterossexuais? Poderiam explicar e dar exemplos?

Dino: **Não que eu ache que tipo, 24 horas por dia.**

Entrevistadora: Sim, sim.

Dino: **Tipo assim, tu vai na padaria e tu só consegue falar tipo pajubá**, nem nada disso, mas, seria um desastre né?, **mas eu acho que, na internet, com teus amigos, na pegação**, enfim, me ajuda aí com os exemplos, porque eu sou péssimo de memória.

Scorpio: **Eu não sei, eu só sei falar lacrou, maravilhosa, eu já notei que eu falei três vezes.**

Dino: **Lacrou, maravilhosa.**

Scorpio: Três vezes. Eu nem sei da onde vem o maravilhosa, acho que nem existe.

Dino: **Nhaí**, eu falei.

Scorpio: **Nhaíí.**

Dino: **O bofe, o boy.**

Scorpio: Hoje eu descobri que o flop é uma coisa gay, que eu não sabia que era.

Dino: O flop!

Scorpio: Não sabia que era gay, eu achava que era uma coisa universal.

Dino: É verdade, o boy...

Scorpio: O boy.

Dino: **Tu não fala ai, o guri, o cara, não, tu fala o boy.**

Scorpio: **Boy magia.**

Dino: **Eu acho que só, mulher e gay que fala boy, acho que cara não vai falar “ô boy, vem aí”, tipo não né?**

Entrevistadora: Não.

Scorpio: **Aí tem as variantes antigas, que é tipo bofe.**

Dino: **Aí já é meio antigo.**

Scorpio: **Porque foi bofe, boy magia e depois boy.**

Entrevistadora: Aham.

Scorpio: Foi tirando [risadas] os pedaços.

Entrevistadora: **E muito vocativo né?**, pra mim tem muito vocativo, eu ainda vou trabalhar com vocativo.

Dino: Tu diz de usar o nome da pessoa ou de usar outra coisa assim?

Entrevistadora: **É, tipo, boy é um vocativo, viado, sapatão, vocativo, a gay.**

Dino: **Amiga, uma coisa assim.**

Entrevistadora: Amiga, é, tem muito vocativo.

Dino: É verdade, é verdade.

Entrevistadora: Né? Mais exemplos? Podem ir falando.

Scorpio: Não sei, o que mais que a gente fala?

Entrevistadora: **Adjetivo?**

Dino: **Adjetivo, já ia dizer, sei lá, detonada, arregaçada, qualquer coisa nesse sentido assim, no feminino, no feminino.**

Entrevistadora: Aham.

Dino: **Né?, o gay falando o adjetivo no feminino, com certeza.**

Scorpio: Uhum.

Scorpio e Dino fornecem exemplos de usos que consideram ser típicos do universo LGBT, como *lacrou*, *maravilhosa*, *nhaí*, *bofe*, *boy*, *boy magia*, *amiga*. Eles também apontam que não usam o *pajubá* (BARROSO, 2017) o tempo inteiro ou em todos os lugares. Da mesma maneira que Júlio e Pedro, eles apontam que existem usos linguísticos antigos e outros atuais, sendo, por exemplo, *bofe* um uso mais antigo e *boy* um uso mais atual.

Eles também acreditam que apenas mulheres e homens gays usam a expressão *boy*. Dino ainda acrescenta adjetivos usados no feminino, como *detonada*, *arregaçada*, entre outros. Esses usos empregados no feminino nos remetem à dissertação de Santana (2018),

que discorre sobre homens gays usando adjetivos predicativos com gênero gramatical feminino.

Seis dos doze informantes de Santana (2018) relataram usar o gênero gramatical feminino em determinadas circunstâncias, geralmente com amigos próximos e em situações de alto relaxamento. É notável ressaltar que esses seis informantes pertencem à faixa etária dos participantes mais jovens da pesquisa, com idades entre 18 e 30 anos, em contraste com os mais velhos, de acima de 35 anos de idade.

Trecho 20 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Vocês acham que lésbicas e gays usam uma linguagem “diferente” da linguagem de pessoas heterossexuais? Poderiam explicar e dar exemplos?

Catarina: **Sim.**

Gezebel: **Sim.**

Entrevistadora: Poderiam me explicar e dar exemplos?

Catarina: **Eu acho que até pelo conteúdo que a gente consome**, tipo, ahn, sei lá, deixa eu dar um exemplo, de por exemplo, eu assisto muito, eu assistia, agora eu não assisto mais, **assistia muito Rupaul e tipo, meus amigos também, e aí, sei lá, às vezes a gente falava alguma gíria, alguma coisa que a gente ouvia no programa, e tipo, pessoas que não veem isso, não saberiam**, tipo, sei lá, deixa eu ver o que mais, como eu posso dar exemplo, **tipo eu acho que a linguagem que eu uso com os meus amigos e com pessoas LGBT é diferente do que eu uso com héteros, mas eu não consigo tantos exemplos assim, agora.**

Gezebel: **É que eu acho que a gente também é muito influenciada por memes também...**

Catarina: **É, memes na internet, tipo...**

Gezebel: **Sei lá, memes da Gretchen, umas coisas, uns barracos, umas coisinhas assim.**

Catarina: Sim, sim.

Gezebel: Parece que a comunidade gay, ela...

Catarina: **“Eu vou expor ela na internet”, tipo essas coisas.**

Gezebel: **É, umas coisas assim. Parece que, a comunidade, ela tem se apoderado dessas coisas assim, pra falar né?**

Catarina: Sim, tipo, até o LDRV, sabe?, um grupo totalmente LGBT, não, já foi mais né?, LGBT e tal.

Gezebel: Aquele grupo é meio...

Catarina: É meio problemático, ele já foi muito bom, até ter 1 milhão de pessoas.

Gezebel: Mas sabe por que que é problemático? Sabe por que é problemático? Porque quando tem **muitos pocs** [risadas] que são maldosas, juntas, a coisa fica meio ruim.

Catarina: Eu acho, é que agora não tá mais nessa questão né?, porque eu acho que gays normalmente são muito maldosos.

Gezebel: Sim, sim. É, eu acho também, mas enfim.

Entrevistadora: **Tá, mas me deem mais exemplos...**

Catarina: De linguagem? Aí, deixa eu pensar, tá, o dialeto eu já falei, mas, ahn, aiii, não sei.

Gezebel: **Ai, aquilo que a gente fala né?, que a gente não chama cu de cu, a gente chama de cy, com y.**

Catarina: Ahh.

Entrevistadora: De que?

Gezebel: **De cy. Isso é uma coisa mais velha.**

Catarina: **E vale fazer a chuca?**

Gezebel: **Ah, tem chuca também.**

Catarina: **Cunete.**

Catarina e Gezebel: [risadas]

Catarina: **O Carlos usava muito, muito. Eu lembro sempre dele falando, fazer a chuca, cunete...**

Gezebel: Aqué mesmo a gente tem falado bastante.

Catarina: Aqué. Fazer a elza.

Gezebel: É. Fazer a egípcia.

Catarina: Fazer a egípcia, dar a elza e fazer a egípcia, na verdade.

Catarina discorre sobre o fato de que os sujeitos LGBT são influenciados pelos conteúdos que consomem e que ela e seus amigos, por terem assistido muito ao *reality show* Rupaul's Drag Race, por exemplo, usavam bastante as gírias e expressões utilizadas no programa. Gezebel destaca que somos muito influenciados por memes na internet, como “*vou expor ela na internet*”, entre outros.

A dupla fornece alguns exemplos de usos que consideram pertencer ao universo LGBT, como *cy* (uso mais antigo para ânus), *chuca* (enema), *cunete* (beijo grego), *aqué* (dinheiro), *dar/fazer elza* (roubar), *fazer a egípcia* (agir com indiferença).

Retiramos do trabalho de Barroso (2017) sobre o pajubá os significados de algumas das palavras e expressões apontadas por Gezebel e Catarina:

Chuca – instrumento utilizado para a limpeza do reto.

Aqué (dinheiro), que transplantado para o pidgin pajubá é escrito *acué* ou *aqué*.

Dar a Elza – roubar, afanar, pilhar. Segundo os travestis da década de 80, a expressão faz alusão à cantora Elza Soares, que mesmo tendo uma carreira de sucesso e ganhando muito dinheiro, sofria de cleptomania.

Fazer a egípcia – não dar confiança (BARROSO, 2017, p. 46, 51, 54 e 63, grifos do autor).

Em suma, todas as quatro duplas forneceram alguns exemplos de usos linguísticos que eles consideram pertencer ao universo LGBT. Alguns desses exemplos foram: *sapatão*, *lésbica*, *caminhoneira*, *mona*, *neca*, *aquendar*, *picumã*, *chuca*, *lacrou*, *maravilhosa*, *nhaí*, *bofe*, *boy*, *boy magia*, *amiga*. Scorpio e Dino ainda pontuam adjetivos usados no feminino como *detonada e arregaçada*, o que vai ao encontro do trabalho de Santana (2018). Outros exemplos oferecidos foram: *cy*, *cunete*, *aqué*, *dar/fazer a elza* e *fazer a egípcia*. É interessante perceber que muitos dos exemplos citados são discutidos no trabalho de Barroso (2017) sobre o pajubá.

A seguir, encontra-se um quadro com um compilado dos exemplos de usos linguísticos de lésbicas e gays apontados por nossos sujeitos de pesquisa.

Quadro 4 – Exemplos de usos linguísticos de lésbicas e gays

<i>Aqué</i>	<i>Detonada</i>
<i>Aquendar</i>	<i>Fazer a egípcia</i>
<i>Arregaçada</i>	<i>Lacrou</i>
<i>Bofe</i>	<i>Lésbica</i>
<i>Boy</i>	<i>Maravilhosa</i>
<i>Boy magia</i>	<i>Mona</i>
<i>Caminhoneira</i>	<i>Neca</i>
<i>Chuca</i>	<i>Nhai</i>
<i>Cunete</i>	<i>Picumã</i>
<i>Cy</i>	<i>Sapatão</i>
<i>Dar/fazer a elza</i>	

Fonte: a autora.

Como podemos ver no quadro acima, todos os sujeitos de pesquisa relataram e deram exemplos de diversas palavras e expressões que são comumente utilizadas por lésbicas e gays. As duplas ainda comentaram que, muitas vezes, essa linguagem não é entendida por quem não tem contato ou não pertence à comunidade LGBT.

4.2.2 Fatores que propiciam usos linguísticos característicos do universo LGBT

Outra questão abordada nas entrevistas foi sobre os fatores que podem propiciar usos linguísticos característicos do universo LGBT. Os trechos de diálogos a seguir, 21, 22, 23 e 24, ilustram a percepção dos nossos sujeitos de pesquisa sobre o assunto e, na sequência, apresentamos uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 21 – Ametista e Adore

Entrevistadora: Se vocês acham que há diferentes modos de falar, que fatores poderiam propiciar esse uso? (*contexto, interlocutor, etc.*)

Ametista: Uhum. **É, eu acho que são os fatores mesmo, tipo, a música, sabe?, os ambientes que tu frequenta em momentos de lazer.**

Entrevistadora: Uhum.

Adore: **O conforto né?, que tu sente, eu acho que assim.**

Ametista: Aham.

Ametista sugere que a música e os ambientes frequentados em momentos de lazer são fatores que podem propiciar usos linguísticos característicos do universo LGBT. Adore adiciona que o conforto que se sente é um fator que propicia os usos. Por conforto, podemos entender que Adore quis dizer a liberdade que sente para usar ou não as palavras e expressões associadas a lésbicas e gays.

Trecho 22 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: Se vocês acham que há diferentes modos de falar, que fatores poderiam propiciar esse uso? (*contexto, interlocutor, etc.*)

Pedro: **Interlocutor, eu acho.**

Júlio: **É, interlocutor, eu acho.**

Pedro: Interlocutor.

Júlio: É o que a gente falou antes, né?, basicamente, só que agora tá bonito.

Pedro: É. [risadas]

Júlio: A gente tava falando “precisa de outro”.

Entrevistadora e Pedro: [risadas]

Entrevistadora: Mas o contexto também, né?

Pedro: Não sei, a gente, eu uso amiga ou expressões dentro da, do, trabalho com ele, por exemplo.

Júlio: É, usa.

Entrevistadora: Sim.

Pedro: Então o contexto...

Júlio: Na frente de outras pessoas.

Pedro: Cagando pra todo mundo!

Júlio: É... mas eu acho ótimo, entendeu, porque [pausa] sei lá, não precisa se esconder.

Entrevistadora: **Aham. Tá, mas então o que mais influi é o interlocutor?**

Pedro: **É o interlocutor.**

Entrevistadora: **Porque aí se tu tem um interlocutor que vai te entender, tu não precisa tanto do contexto.**

Júlio: **É, é!**

Entrevistadora: É isso?

Júlio: Exato, é.

Tanto Júlio quanto Pedro têm a percepção de que o interlocutor é o fator que mais favorece usos linguísticos característicos de lésbicas e gays, porque para eles, a compreensão dos usos será viabilizada primeiramente pelo interlocutor, sendo que o contexto de uso entra como um segundo fator. Segundo eles, se existe um interlocutor que compreende o que se está dizendo, não há tanta necessidade do contexto. No mesmo sentido, Santana (2018) indica

que “o interlocutor desempenha papel imprescindível na escolha de estilos feita pelos falantes (p. 38)”.

Trecho 23 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: Se vocês acham que há diferentes modos de falar, que fatores poderiam propiciar esse uso? (*contexto, interlocutor, etc.*)

Dino: **Ai, eu acho que tu escolhes onde tu fala, eu acho que tu não tá 24 horas ligado, eu acho que vai variar também se tu tá falando com uma pessoa que é LGBT também, se não é.**

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: **Tem uma coisa até de quase de se sentir seguro assim, tu tá perto da pessoa e a pessoa fala.**

Dino: É.

Scorpio: **Então eu tô num lugar bom, porque a pessoa falou a gíria que eu conheço** e não é um hétero falando, porque o hétero falando tu já vê, tu já nota que tá, tá fora do tom já, não tá mais o cantado lá que tu dissesse, é outra coisa.

Dino: Quando tu quer descobrir se o boy é gay ou não, aí tu fica assim, aí ele fala alguma coisa “ahh” tal coisa. Eu não sei, não sei se isso é por opção ou se é natural, fiquei pensando nisso muito tempo assim, se tipo, tu começa a usar, bah sou gay, que massa vamos usar.

Entrevistadora: Sim.

Dino: Ou se é tipo assim, quando vê tu tá falando e nem te deu conta.

Scorpio: É, eu não sei.

Dino: Não sei.

Scorpio: Pra mim foi uma coisa de me acostumar, de notar que isso me fazia parte de um grupo.

Entrevistadora: Aham.

Scorpio: De, e de gostar de usar, de notar que pra mim fazia meu discurso mais maravilhoso, tava feliz de tá usando.

A opinião de Dino revela que há uma associação entre estilo de fala e o lugar onde se fala. Então, para ele, o contexto é um fator importante que propicia usos linguísticos característicos do universo LGBT. Scorpio concorda com a percepção de Dino e acrescenta que escutar pessoas usando algumas dessas expressões cria uma sensação de segurança, sendo que os dois relatam que fariam uso delas apenas com pessoas que também são pertencentes à comunidade LGBT. Scorpio ainda pontua que quando vê um sujeito heterossexual usando as palavras e expressões do universo LGBT, ele logo percebe que não é alguém da comunidade, pois sempre há algo “errado” no uso.

O apontamento da dupla sobre utilizar palavras e expressões de lésbicas e gays vai ao encontro do que diz Santana (2018), que os usos “são reservados para interação com *interlocutores da própria comunidade* e têm funções específicas de expressar brincadeira, informalidade e/ou intimidade” (p. 71, grifo nosso).

É interessante ressaltar a discussão da dupla sobre a (in)consciência dos usos linguísticos de lésbicas e gays. Embora certos usos revelem, sim, o pertencimento à comunidade LGBT, a dupla problematiza o fato de que nem sempre os usos linguísticos estão

no nível da consciência do falante, pois muitos fazem uso de palavras e expressões da comunidade sem perceber. Scorpio ainda acrescenta que, para ele, esses usos tanto estão no nível da consciência que indexalizam pertencimento ao grupo e são intencionalmente produzidos por ele para marcar seu lugar, para deixar seu “discurso mais maravilhoso”.

Trecho 24 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: Se vocês acham que há diferentes modos de falar, que fatores poderiam propiciar esse uso? (*contexto, interlocutor, etc.*)

Gezebel: **Eu acho que tem, tem a ver com o contexto.**

Catarina: **Com contexto. Eu acho que é o contexto, porque tu tá, tipo sei lá, por mais que os gays, lésbicas usem uma linguagem diferenciada, eles não vão utilizar elas em qualquer contexto,** tipo tu não vai chegar numa entrevista de emprego com uma pessoa que tu não conhece “e aí fizesse a chuca hoje?, e aí viado”.

Entrevistadora: Sim.

Gezebel: É.

Catarina: Sabe?, então...

Gezebel: A pessoa vai falar alguma coisa engraçada e tu vai “ai berro”...

Catarina: É, berro.

Gezebel: umas coisas assim. **Tu não vai fazer pra quem não é, sei lá, porque não vai reconhecer.**

Catarina: “Ai, tô morta”.

Gezebel: É.

Catarina: sabe, “morri”, não, sabe. Então, é...

Entrevistadora: **Então as duas coisas?**

Catarina: **Uhum.**

Gezebel: **É, acho que as duas coisas.**

Gezebel e Catarina, primeiramente, apontam que o contexto é um fator que propicia usos linguísticos característicos do universo LGBT, pois não é em todo lugar que são usadas as palavras e expressões da comunidade. Em seguida, também pontuam que não se usa certos termos com quem não é da comunidade LGBT, pois seriam incompreensíveis. Ou seja, também reconhecem que o interlocutor é outro fator que influencia no uso. Como bem aponta Barroso (2017), “é preciso observar que não se pode falar sempre o que queremos sem observar o ambiente e nossos interlocutores” (p. 92). Ou seja, é preciso atentar-se para o lugar em que se está e com quem se está falando, para poder usar determinadas formas linguísticas.

Em síntese, todas as quatro duplas consideram que interlocutor e contexto são dois fatores importantes que influenciam os usos linguísticos característicos do universo LGBT. O interlocutor é importante para o entendimento dos usos na comunicação e também pelo fato

de que sujeitos LGBT sentem-se à vontade com pessoas que também são pertencentes ao grupo; e o contexto pode determinar se o ambiente é apropriado ou não para determinados usos. Santana (2018) já apontava que os usos linguísticos dos homens gays por ele entrevistados são reservados para interação com interlocutores da própria comunidade e têm funções específicas de expressar brincadeira, informalidade e/ou intimidade.

No mesmo sentido, Lau (2015) aponta que “os usuários da língua que provém do iorubá, o bajubá, utilizam-na quando estão reunidos em suas “comunidades de prática” (cf. RAMPTON, 2006) [...]” (LAU, 2015, p. 95). Dessa forma, os sujeitos LGBT preferem usar as palavras e expressões da comunidade quando estão com outros sujeitos LGBT.

4.2.3 Formas de referência a sujeitos homossexuais

Outra questão levantada durante a entrevista foi acerca das formas utilizadas pelos sujeitos de pesquisa para se referirem a outros homossexuais (*viado*, *sapatão* etc.) e também como as pessoas próximas e distantes se referem a eles. Os trechos a seguir, 24, 25, 26 e 27, buscam explicitar as percepções das duplas sobre essa questão e, na sequência, há uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 25 – Ametista e Adore

Entrevistadora: De que forma você se refere a outros homossexuais (*viado*, *sapatão*, etc)? Como as pessoas, próximas e distantes, se referem a vocês? Qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira? De que maneira vocês gostam de ser chamados?

Ametista: **Ahn, as minas, se eu tenho proximidade assim, a gente adora se falar sapatão [batendo a mão na mesa], gosto de afirmar, sa-pa-tão.**

Entrevistadora: Uhum.

Ametista: **Gosto muito de falar lésbica**, tá, mas, ahn, escutei uma fala de uma mina esses tempos, que me acordou pra questão da lésbica, porque lésbica, tá, enfim, aquela coisa né?, ilha de Lesbos, Safo, uma coisa tão ocidental, uma coisa tão, ahn, eurocêntrica e blá blá blá, e sapatão já não, sabe?, sapatão já é uma realidade mais daqui, entende.⁸⁵

Entrevistadora: Aham!

Ametista: Tipo, ninguém fala big foot,

Adore: É verdade!

Ametista: Sapatão é aqui, América Latina, tem outros termos na América Latina, então, eu tenho, **amo a palavra lésbica, acho que lésbica é um... cara, é uma palavra de muita resistência**, vou continuar usando sim, **mas eu gosto, com as pessoas que eu conheço né?, de proximidade, de falar “e aí sapatão?!”, sabe?, tipo, e sapatão revolução, sabe?, tipo umas coisas assim, que nos dá uma força,**

⁸⁵ Ametista atenta para a questão de que lésbica é uma palavra que remete muito ao Ocidente e que sapatão é algo mais latino.

parece, sabe?. Mas, por exemplo, sabe também que usam muito o termo sapatão de forma pejorativa, **eu não gosto que os meus amigos me chamem, e aí sapatão, é uma coisa que eu gosto que as minhas amigas sapatonas me chamem**, sabe?, eu não sei, não saberia elaborar pra ti, mas às vezes eu acho que ultrapassa o limite, de eu ouvir um amigo meu, que é gay, me chamar de sapatona, quando ele ridiculariza muitas vezes a existência, a vivência né?, e subjetividade lésbica, então não querido, não venha me chamar de sapatona, tu não tá nesse direito.

Entrevistadora: Sim.

Ametista: **Eu sou chata em relação a isso, sabe?, e as outras pessoas, enfim, tipo, os homens eu chamo de... os nomes deles, [risadas]** eu tenho um amigo, o Danilo, que é muito amigo meu, próximo, próximo, próximo, apesar de ele estar em São Paulo, né?, hoje a gente se fala por Whatsapp e não sei que e eu falo “e aí viado, como que tu tá”, porque ele já conversou comigo, ele permitiu e é muita proximidade, entende, mas eu não chego pro, ahn, tipo pro Joel, por exemplo, que eu gosto muito, respeito, eu não chego “e aí viado, como que tu tá?”, não tenho essa conduta com o Joel, e ele é um homem, homossexual, enfim, e eu chamo ele de Joel, “oi querido, como que tu tá?” [risadas] entende.

Entrevistadora: [risadas] Sim.

Adore: **Eu sou disso também, esses meus dois amigos gays, que são próximos, eu chamo de bicha.**

Entrevistadora e Ametista: Uhum.

Adore: **Mas é uma questão nossa, entendeu, que varia assim, entre o bicha e o viado, mas com eles, a galera no geral, pelo nome, e a questão né?, de tipo, “ah tu é bem sapatão” e não sei o que, e essas coisas, é com a minha prima e com a Maribel, a gente se chama o tempo inteiro assim, além dos apelidos carinhosos...**

Ametista: **Porque é uma relação muito próxima, né?**

Adore: Tipo, mas é muito próximo com a minha prima e eu me sinto muito à vontade, né?, com a Maribel também, mas não é com todo mundo e a maioria dos guris, é pelo apelido, de repente, às vezes tem um apelido, né?, e aí tu já pega o apelido e já fica, eu gosto de chamar as pessoas pelos apelidos, porque eu odeio que me chamem de Adore, então eu já me aproprio dos apelidos das pessoas e já chamo todo mundo pelo apelido.

Entrevistadora: Aham.

Ametista: Sim.

Adore: E... é isso.

Entrevistadora: Como que as pessoas, tanto as próximas quanto as distantes, se referem a vocês?

Ametista: As pessoas da comunidade?

Entrevistadora: As pessoas em geral, na vida.

Ametista: Ahn, hm, interessante, geralmente, pelo meu nome, tá, mas em grupos que tem esse cerne de algum tipo de luta, por exemplo, agora eu tô fazendo parte de um grupo, com umas minas, que eu falei né?, que tem mina heterossexual, bissexual e se pá eu sou a única lésbica, eu não tenho certeza, tá, ahn, ali dentro, quando a gente tá tirando pautas, não sei que, às vezes, uma delas fala assim “ah, Ametista é a nossa sapatona queen”, sabe?, tipo, ahn, não me importo nenhum pouco, sabe?, porque eu tô ali levando algumas pautas né?, do mundo sapatônico, das lésbicas, que acho importante, pra tá dentro do movimento feminista, entende, tem as minas ali, que fazem parte das questões mais das minas negras e, infelizmente, a gente não tem nenhuma lésbica negra, que é muito importante, porque eu não posso né?, partir desse local, enfim, **mas tipo, esses grupos de luta, assim, com pessoas que eu me dou bem, me chamam assim, “a nossa sapatona”, sabe?, tipo, e não tem problema nenhum, sabe?, mas em geral, as pessoas me chamam pelo meu nome, ou de sora, né?** [risadas]

Entrevistadora: E tem alguma maneira que tu gosta de ser chamada?

Ametista: **Eu gosto de ser chamada pelo meu nome, Ametista, sabe?, ahn, e em momentos, né?, de uma efervescência né?, de luta, assim, eu não me importo, teve o ato do dia 29, que eu fiz uma fala e falei “sou professora, sou sapatão”, sabe?, tipo, eu fiz questão de afirmar essa identidade,** enquanto professora dentro de uma sala de aula, eu não tava dentro da sala de aula, mas eu tinha alunos ali, no movimento, eu sabia, entende e enfim, todo mundo sabe que eu sou lésbica, dentro da instituição onde eu trabalho, enfim, ahn, mas em geral eu gosto que me chamem pelo meu nome, sabe?, tipo, Ametista, ou se eu tenho um apelido, tipo a minha mãe me chama de Olivinha, não tem problema nenhum também, assim, entendeu.

Entrevistadora: Sim.

Adore: É, eu tenho, eu não tenho, eu tenho eu não tenho é bom né?, a minha, eu tenho apelidos da família né?, que a minha mãe agora começou a fazer essa transição, ela me chama bem pouco pelo esse apelido, que é Mama, meu pai também me chamava, eles me chamam mais de Ad, agora, a minha mãe quando, minha mãe quando está puta da cara é Adore, e todos os 20 sobrenomes, mas no geral o pessoal me chama de Ad, agora tô tendo a experiência de me chamarem de sora, de sora linda, essas coisas assim, né?, sora maravilhosa, e eu tenho o costume muito de chamar as mulheres da minha vida de “oi linda”, oi

isso, tipo, o tempo inteiro, porque eu preciso reafirmar que tipo, são mulheres maravilhosas, e aí, é um mecanismo que eu tô tipo sempre chamando disso, daquilo, entendeu, coisas carinhosas, mas não no sentido de forçar uma intimidade, no sentido de reforçar, às vezes, eu tenho amigas que já me disseram tipo, “ai, só tava pelo teu oi linda hoje no whats, tudo que eu precisava era o oi linda”, entendeu, que às vezes precisa, entendeu. Então é isso, mas na maioria do tempo é Ad ou Adore, e eu prefiro que seja Ad, mas quando me chamam de Adore, é meu nome né?, o que que eu posso fazer.

Segundo Ametista, entre suas amigas também lésbicas, elas usam bastante a palavra *sapatão*, como uma forma de afirmação. Porém, ela aponta que não gosta quando usam *sapatão* ou *lésbica* de maneira pejorativa. Acrescenta que em movimentos de luta, ela é chamada de *sapatona*, mas que não vê problema e acha importante usar essas formas de referência como forma de afirmação da identidade lésbica. Sobre referências a homens gays, ela relata que apenas chama de *viado*, *bicha*, amigos que permitem tal uso e que são muito próximos.

Adore segue a mesma linha, pois diz que tem dois amigos gays e que por eles serem bastante próximos, ela os chama de *viado* ou *bicha*. Ela também informa que, com sua prima e com sua namorada, elas usam as palavras *sapatão* e *lésbica* com naturalidade. Acrescenta ainda que, além das formas de referência como *sapatão* e *lésbica*, normalmente ela e seus amigos costumam se chamar pelos apelidos.

É pertinente ressaltar que, aparentemente, há dois requisitos fundamentais que autorizam ou não o uso desses termos: pertencer à comunidade LGBT e ter intimidade e proximidade com a pessoa com quem se fala. A noção de lugar de fala parece ser crucial para definir quem pode ou não usar as palavras e expressões da comunidade LGBT, ou seja, “quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” (RIBEIRO, 2017, p. 16-17).

Trecho 26 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: De que forma você se refere a outros homossexuais (*viado*, *sapatão*, etc)? Como as pessoas, próximas e distantes, se referem a vocês? Qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira? De que maneira vocês gostam de ser chamados?

Júlio: **Depende do grau de intimidade.**

Pedro: **Depende... é.**

Entrevistadora: Depende do grau, tipo...

Pedro: **Eu gosto da bixona né?, tu sabe né?, eu sempre faço referência “ah, a bixona”.**

Júlio: **Sim, sim. Ahn, passiva feroz** [risadas]

Pedro: **Passiva feroz é ótimo!** [risadas]

Júlio: Teve um que tu me chamou esses tempos, o que que era, uma palavra que tu tá agora, passiva nefasta, um negócio assim.

Pedro: **Nefasta, é!** [risadas]

Entrevistadora: E mulheres, lésbicas, no caso, né?

Júlio: Se a gente se referiria.... ou?

Pedro: **Eu falo, sapatão, eu uso bastante.**

Entrevistadora: Tu te refere a outra.

Pedro: **Sapatão futurístico, uso bastante.** [risadas]

Júlio: É, tipo, eu acho que eu, eu nunca chamaria nem se fosse amigas, assim, tipo na brincadeira, de machorra na frente de outras pessoas.

Pedro: Ai, machorra eu não gosto também.

Júlio: Porque eu acho muito pejorativo.

Pedro: Agora, sapatão, eu chamo.

Entrevistadora: Uhum, ahn...

Pedro: **“Fulana? É sapatão!”** [risadas]

Júlio: Outra coisa, tipo, chamar de puta, ahn, mesmo pra homem gay ou lésbica, ou mulher...

Pedro: Tu não gosta?

Júlio: Eu não gosto, porque... ahn, não acho legal.

Pedro: Eu gosto, eu chamo de piranha... vadia.

Júlio: Não, mas eu acho que vadia, tipo, eu acho puta mais, eu acho puta mais forte.

Pedro: É?

Júlio: Aham.

Pedro: Eu chamo de vadia, piranha, tudo pra te chamar de piranha né? [risadas]

Júlio: É.

Entrevistadora: E como...

Pedro: **Passiva nefasta! [risadas] nefaaasta!!**

Entrevistadora: Para de fazer barulho.

Júlio: Ah, tá, desculpa. [risadas]

Entrevistadora: Como as pessoas próximas e distantes se referem a vocês?

Pedro: Vai saber né?

Júlio: Pronome, pronome?

Entrevistadora: É, tipo se usam essas expressões que vocês falaram ou...

Pedro: **Devem usar né?**

Júlio: **Ah, usam, usam sim, acham que usam.**

Entrevistadora: **As próximas ou as distantes?**

Júlio: **As próximas.**

Pedro: Com relação a chamar a mim?

Entrevistadora: É, chamar a ti, tipo na tua frente assim né? ou tipo...

Pedro: **Bicha, já, viado, passiva.**

Júlio: Tá, mas...

Entrevistadora: **Mas as próximas?**

Pedro: **As próximas, é.**

Júlio: **Hétero já te chamou assim? Querendo forçar uma intimidade?**

Pedro: **Não, porque eu dou na cara né?, não deixo.** [risadas]

Júlio: **É, comigo, já, mas mulheres, mas daí eu não me importo tanto.**

Pedro: **Sim, eu me importo.**

Júlio: **Se eu conheço a pessoa.**

Pedro: **Se eu não tenho intimidade, eu não gosto.**

Júlio: Não, mas não assim, tipo, nesse sentido.

Pedro: “Cala boca, rachada.” [risadas]

Entrevistadora: **Ahn, e qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira?**

Pedro: **Não!**

Júlio: **Não!**

Entrevistadora: **Só as próximas, né?**

Pedro: **É.**

Júlio: **Sim, eu acho que tudo precisa de intimidade né?**

Entrevistadora: Uhum... e de que maneira vocês gostam de ser chamados? Ou de que maneiras?

Júlio: Pelo meu nome... apelido.

O primeiro aspecto que Júlio e Pedro apontam é que é necessário ter intimidade para chamar e ser chamado de determinadas maneiras. Pedro diz que usa bastante os termos

bixona, *passiva feroz* e *passiva nefasta* para se referir a outros homens gays e, para se referir a mulheres lésbicas, relata usar *sapatão*, *sapatão futurístico*.

Júlio considera o termo *machorra* extremamente pejorativo e Pedro concorda com essa afirmação. Júlio também aponta que não gosta do termo *puta*, nem pra mulheres lésbicas, nem para homens gays. Já Pedro diz usar termos como *piranha*, *vadia* e *passiva nefasta*.

Ambos acham que as pessoas próximas os chamam pelos termos anteriormente levantados. Pedro relata já ter sido chamado de *bicha*, *viado*, *passiva*, acrescenta que é necessária intimidade para ser chamado por esses termos e que sujeitos heterossexuais não estão autorizados a utilizá-los para se referirem a ele. Júlio concorda com essa percepção, dizendo que “tudo precisa de intimidade”, porém menciona que mulheres já se referiram a ele por esses termos e que não se importa.

A questão da intimidade apontada por Júlio e Pedro já foi previamente analisada no trabalho de Santana (2018).

[...] a identidade gay e é projetada, preferencialmente, na companhia de outros indivíduos declaradamente gays e, exclusivamente, quando esses interlocutores mantêm entre si uma relação de muita proximidade e se encontram num ambiente descontraído em situação de alto relaxamento (SANTANA, 2018, p. 107, grifo nosso).

Através da língua, os sujeitos LGBT projetam suas personas e sua(s) identidade(s), principalmente quando estão na companhia de outros sujeitos LGBT ou com pessoas com as quais possuam bastante intimidade. Júlio e Pedro convergem na percepção de que determinados termos como *viado* e *sapatão* só podem ser usados por interlocutores íntimos entre si, pois do contrário, isso soaria pejorativo ou maldoso.

Trecho 27 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: De que forma você se refere a outros homossexuais (*viado*, *sapatão*, etc)? Como as pessoas, próximas e distantes, se referem a vocês? Qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira? De que maneira vocês gostam de ser chamados?

Dino: Ah, eu acho gay, lésbica, sapatão é uma palavra que eu quase nunca falo, não sei se eu tenho preconceito, sei lá.

Scorpio: Eu acho que a gente pegou muito palavras do inglês, tipo sapatão, eu vou lá e falo butch.

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: Parece que é mais inofensivo, do que dizer sapatão, sendo que sapatão é basicamente o mesmo que viado.

Entrevistadora: É.

Scorpio: Se a gente aceita viado, porque as lésbicas não podem aceitar sapatão.

Entrevistadora: Eu não tenho problema com sapatão, eu tenho problema com machorra, machorra eu tenho problema.

Scorpio: Aii, sim.

Dino: Ai, que feia essa.

Entrevistadora: Ou puto, ai, puto eu tenho muito problema também.

Scorpio: Ah, sim.

Dino: Pois é, eu uso puta, mas aí é, tipo, “ai, eu sou puta”, entendesse? Nesse sentido, assim.

Entrevistadora: Sim.

Dino: **Eu acho que eu uso mais bicha do que viado.**

Entrevistadora: Uhum.

Dino: **Muito mais.**

Scorpio: **Ai, eu tinha tanto problema com bicha.**

Dino: **Eu também, mas aí no fim...**

Entrevistadora: **Ressignificou.**

Dino: **Ressignifiquei e, um deslocamento semântico e aí...**

Scorpio: A gente saiu pra se encontrar com os meus amigos, eles sentaram e tipo assim, a minha amiga assim, tipo, próxima, tipo, eu tô com, converso com ela desde o Ensino Médio, tipo assim, amiga que eu conto na ponta dos dedos, e daí ela disse assim “ah não, sempre foi assim no nosso grupo né?, um é negro, outro não sei o que, tu é a bicha” e eu, eu fiquei chocado.

Dino: **É que quando o outro usa, outro de fora, é outro peso.**

Entrevistadora: É, eu tô perguntando que forma vocês se referem.

Dino: Sim, exato.

Scorpio: **Mas é aquela coisa, sim, mas ela é uma pessoa que tipo assim, era parte do grupo. Hoje em dia eu tô de boa, mando mensagem tipo “ai, sou tua amiga bicha”, tô de boa, problema nenhum com isso. Ahn, mas eu acho que é, eu uso muito gay e eu fico me corrigindo, porque eu não acho que eu devia chamar tudo de gay.**

Entrevistadora: Aham.

Scorpio: **Porque eu acho muito errado, então, é uma coisa que eu me corrijo diariamente, porque às vezes eu tô falando gay, realmente, pra falar de mim, pra falar do grupo realmente das pessoas gays, aí depois eu começo a usar todos os outros, porque eu acho que se tem as letras, vamos usar.**

Dino: **Sim, tipo, eu nunca assim, “ah, ela é gay”, não, ela não é gay, ela é lésbica.**

Entrevistadora: Exato.

Scorpio: Uhum. Meu problema é com Pretty Little Liars.

Dino: Eu sempre, por que dizia que ela era gay?

Scorpio: Sim, a personagem lésbica, tipo assim, “eu sou gay, eu vou dizer pros meus pais que eu sou gay”.

Dino: Não, tu é lésbica.

Entrevistadora: Sim, tem uma palavra, usa.

Dino: Pois é.

Entrevistadora: Ahn, e como as pessoas próximas e distantes se referem a vocês? Qualquer pessoa pode ser referir a vocês dessa maneira?

Dino: **Ah, como eu falei, eu acho que quando fala de fora, tem um peso assim, tem que ser uma pessoa muito próxima, assim.**

Entrevistadora: Uhum.

Dino: **Eu tenho, sei lá, poucos amigos que sabem que eu sou gay, e acho que se referem como gay, então acho que, de boas assim.**

Entrevistadora: Tu falou das tuas amigas né?.

Scorpio: **É, eu acho que hoje com meus amigos próximos, eu fico muito de boa, recebo áudio tipo “Danilo viadinho” e tipo assim, realmente, você sabe que eu sou, por isso vocês tão falando, porque eu sei que não tá vindo de um lugar, tipo assim, eu tô te xingando de viadinho, eu tô dizendo que tu é viadinho, porque tu é viadinho.**

Entrevistadora: Sim.

Scorpio: **Ahn, e com eles, eu já me acostumei, eu não tenho problema nenhum, eu permiti isso, não é uma coisa que veio de fora e eu me assustei, não sei que, eu me assustei a primeira vez, depois eu notei que, tipo assim, não era pra me xingar.**

Entrevistadora: Aham.

Scorpio: **Era porque realmente eles se sentem a vontade comigo, são amigos de anos já, ahn, mas aí é a mesma coisa, eu falava pra eles tipo assim “ah não, isso, vai ser puta, vai fazer não sei que”, eu apoio todas as coisas possíveis das pessoas.**

Entrevistadora: Sim.

Scorpio: **Então, não tenho problema nenhum com os termos, hoje em dia.**

Dino: Eu tentei, eu tentei, a mãe começou assim, aí homossexual, e aí me dava uma preguiça, uma graça, mas aí agora, eu acho, que ela sabe, mas ela começava assim, “então tu tens um namorado heterossexual, é isso?”.

Entrevistadora: [risadas]

Dino: Eu digo, não, não. Eu acho que agora ela tá pegando, assim, mas como a gente não fala muito.

Scorpio: **Mas agora quando vem, tipo, uma pessoa na rua qualquer assim, é, aí já muda.**

Dino: **Ai, eu me escondo, saio correndo.**

Scorpio: Teve uma vez que a gente saiu numa noite, pra ir num bar qualquer e aí ficou muito tarde já e a garçonete tava nos trazendo de volta pra casa.

Dino: Sim.

Scorpio: E aí ela parou o carro, assim, e tava tocando tipo rap, no carro e ela assim “ai, desculpa gente, é o carro do meu namorado, se eu soubesse eu tinha botado Pabllo Vittar”.

Entrevistadora: Ahh.

Scorpio: E eu assim, tá, não quer dizer que eu não goste, mas...

Dino: Não, e ela tentou assim, de boas, claro, a gente tava até pagando a corrida pra ela né?, mas eu me senti gozado, sei lá, eu não me senti assim tão de boas assim, tipo, tá, não é porque eu sou bicha, eu entrei aqui, eu nem te falei que sou bicha, bom dia, tudo bom?

Entrevistadora: Sim.

Dino: Tipo, “ahh vocês querem Pabllo Vittar?” e eu, não...

Scorpio: Eu queria Gloria Groove, mas não tinha.

Entrevistadora: [risadas] **Tem alguma maneira que vocês gostam de ser chamados?**

Dino: **Gay? Eu acho.**

Scorpio: **Gay. Hoje eu já me acostumei com bicha, mas tem que ser umas pessoas muito específicas, não é qualquer, não é tipo assim, o círculo tipo assim, ai, uma turma nova que eu fiz amizade, não vem me chamar de bicha.**

Entrevistadora: Sim.

Scorpio: **Que aí não é a mesma coisa, então, tem que ter um contato muito forte com a pessoa, pra pessoa poder me chamar assim.**

Dino: **Se tu é LGBT e tu te refere a mim como bicha e tal, viado, ainda, tá de boa, tô de boas com isso, eu acho, tipo um hétero, mesmo que seja amigo, eu não sei se eu ia me sentir bem.**

Dino relata usar os termos *gay* e *lésbica*, mas que tem restrições com o termo *sapatão*, já Scorpio diz usar mais os termos do inglês, como *butch* ao invés de *sapatão*. Ambos os entrevistados consideram os termos *machorra* e *puto* pejorativos. Dino ainda aponta que usa mais o termo *bicha* do que o termo *viado*.

Scorpio conta uma história sobre uma amiga que o chamou pela primeira vez de *bicha* e ele estranhou bastante, mas hoje em dia, se a pessoa tem proximidade com ele, não se importa muito com os termos. Ele ainda levanta a pauta de se usar o termo *gay* para tudo, isto é, para todas as outras orientações sexuais, e diz que se corrige bastante quanto a isso. Dino concorda com essa percepção, afirmando que se existem termos mais específicos é preciso usá-los.

Ambos salientam que só gostam de ser chamados por termos dessa natureza por pessoas com as quais eles tenham alguma intimidade e, principalmente, que pertençam ao grupo LGBT, já que, segundo Dino, “quando o outro usa, outro de fora, tem outro peso”. Eles

relatam que gostam de ser chamados de *gay* e Scorpio ainda acrescenta o termo *bicha*, mas só por pessoas muito próximas e específicas.

Essa dupla também conversa com a noção de lugar de fala, já que mencionam que apenas pessoas próximas ou pessoas pertencentes à comunidade LGBT estão autorizadas a usar termos como *viado* e *bicha* para referirem-se a eles. Essa percepção vai ao encontro do que aponta Lau (2015) que diz que “no universo gay, os próprios sujeitos se chamam de “viado” em determinados contextos, para chamar a atenção deles, por exemplo, sem menosprezar” (LAU, 2015, p. 99). Isso nos mostra que uma mesma forma, como *viado*, pode ter significados e conotações diferentes a depender de quem usa e do contexto em que usa.

Trecho 28 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: De que forma você se refere a outros homossexuais (viado, sapatão, etc)? Como as pessoas, próximas e distantes, se referem a vocês? Qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira? De que maneira vocês gostam de ser chamados?

Catarina: **Viado e sapatão, mas eu acho que só viado e sapatão pode chamar viado e sapatão, sabe?**

Gezebel: **Ah, a gente chama muito os amigos de poc, de bicha...**

Catarina: **É, eu é viado, bicha, sapatão.**

Gezebel: Ou migo, essas coisas assim.

Catarina: **Sapata, ou miga.**

Gezebel: **É.**

Entrevistadora: **Tá, e como as pessoas próximas e distantes se referem a vocês?**

Catarina: **Ah, distante é minha família, vive me zoando, ah essa daqui é sapatão, minha família me chama muito de sapatão e tal, mas se alguém distante que eu não tenho intimidade, que eu não conheço, vier me chamar de sapatão, eu mando calar a boca.**

Gezebel: [risadas]

Catarina: **Não, tipo, não, não, pra mim não tem nenhum problema me disserem que eu sou sapatão, me vêem como lésbica, sapatão, que seja, mas eu acho que às vezes vindo de outras pessoas soa um pouco mais desrespeitoso.**

Gezebel: **É, é.**

Catarina: Pode soar, pode soar desrespeitoso né?.

Gezebel: **As pessoas não, eu não me recordo muito das pessoas, sei lá, falando de mim assim, desse jeito assim. Eu acho que não costumam muito.**

Entrevistadora: **Uhum. Tem alguma maneira que vocês gostam ou preferem ser chamadas, sem ser pelo nome?**

Catarina: **Não.**

Gezebel: **Não.**

Catarina aponta que usa os termos *viado*, *bicha* e *sapatão*, mas que acha que só gays e lésbicas podem usar tais termos. A percepção de Catarina nos leva à concepção de lugar de fala como “lugar de expressão de um determinado grupo social, lugar onde este aparece e se coloca enquanto sujeito” (FRANÇA, 2001, p. 54), ou seja, o lugar de fala de indivíduos LGBTs é onde eles têm a oportunidade de se colocar como sujeitos, para seu grupo, sem

medo de sofrer algum preconceito por isso. Gezebel, por sua vez, comenta que usa os termos *poc* e *bicha*. As duas acrescentam usar os termos *migo* ou *miga* e ainda o termo *sapata*.

A respeito de como são chamadas, Catarina menciona que sua família costuma chamá-la de *sapatão*, mas que não gosta quando pessoas com as quais não tem intimidade a chamam dessa maneira, pois pode soar desrespeitoso. Já Gezebel relata que não se recorda das pessoas usando o termo *sapatão* para se referir a ela e diz que acha que isso não costuma ocorrer muito. Isso pode acontecer, pois Gezebel não performa nenhum dos polos extremos da feminilidade e da masculinidade, pois ela transita em um meio termo. Dessa forma, ela não faz uso de elementos simbólicos que poderiam compor uma *persona* mais feminina ou mais masculina. Nenhuma das duas tem alguma maneira específica pela qual gostam de ser chamadas.

Em síntese, com relação a formas de referência a mulheres lésbicas e a homens gays, as quatro duplas apontaram usar termos como *viado*, *sapatão*, *bicha* e *lésbica*. Todos os sujeitos ainda salientaram que precisam ter bastante intimidade ou proximidade com os interlocutores para usarem esses termos e que não gostam quando pessoas com quem eles não têm intimidade usam.

Além disso, os oito sujeitos de pesquisa também apontam que quem é da comunidade LGBT é ‘autorizado’ a usar as expressões de referência como *viado* e *sapatão*, pois elas indexalizam intimidade e proximidade. Já quem não é da comunidade LGBT, parece não ser ‘autorizado’ a usar essas expressões, visto que, vindo deles, essas formas podem indexalizar referências com conotação pejorativa e maldosa.

4.2.4 Apropriação dos usos linguísticos típicos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais

Nos trechos de diálogos a seguir, 29, 30, 31 e 32, são expostas as percepções dos nossos sujeitos de pesquisa acerca da apropriação e ressignificação de usos linguísticos, tidos como típicos do universo LGBT, por sujeitos heterossexuais e, na sequência, é apresentada uma discussão sobre o conteúdo percebido nos diálogos.

Trecho 29 – Ametista e Adore

Entrevistadora: O que vocês pensam sobre o fato de pessoas heterossexuais estarem usando palavras ou expressões que são tipicamente consideradas do mundo LGBT?

- Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade LGBT?

- Isso pode contribuir para diminuir a homofobia?

- Qual a reação de vocês quando percebem que pessoas que vocês não conhecem usam palavras e expressões que vocês consideram típicas do universo LGBT?

Ametista: Ahn...

Adore: **É... Ai, eu tenho um certo avesso a isso, ainda.**

Entrevistadora: Eu sou um pouco heterofóbica [risadas]

Adore: [risadas] **Eu sou, desculpa dizer, que eu sou heterofóbica.**

Ametista: [risadas]

Adore: Porque eu fico, tipo, aqueles, ai, aqueles memes que tem agora, que fica, tipo, é a barbie falando dos troços, né?, na internet, tipo a foto da barbie e as montagens, e aí, tipo, fica falando ah, aí, **“eu não sou contra gays, tenho até amigos gays, acho que ele lacra, viado, uhul”, não sei que, então parece que eu sempre vejo esse efeito, de querer se encaixar, só que é tipo, eu quero me encaixar nessa comunidade, mas eu não quero a dor dessa comunidade.**

Entrevistadora: Claro.

Ametista: Uhum, uhum.

Adore: Entendeu?! **Eu só quero fazer parte dessa, dessa coisa legalzinha que vocês usam uns vocábulos**, tipo, nessa, no meio drag mesmo, tipo que fica falando do aquendar, viado que aquendou a neca, tipo tem várias, não tem várias, mas eu tenho uma amiga, que é hétero né?, e aí quando ela sai com a gente, daí tem esses dois amigos que fazem drag, ela, tipo, se ela quer falar que tá descolando a fita, ela pode chegar e dizer “tá descolando a fita”, mas ela sempre diz “ai, viado, essa tua neca não tá bem aquendada!”.

Ametista: Aham.

Adore: **E eu fico, tipo, tu nem sabe o que que é neca, entendeu.**

Entrevistadora: Aham.

Adore: **Eu fico muito assim, tipo, cala a boca, então eu fico um pouco assim, apropriação, sabe?**

Ametista: Uhum.

Adore: **Não é minha, eu não patentei as expressões, mas eu tenho um avesso.**

Ametista: Sim, sim. [pausa] Eu acho que, bah, eu tava, tu tava falando e eu fiquei pensando uma coisa, mas me escapou agora, **mas eu acho que tem muito disso [pausa] parece que é querer abraçar alguma coisa, querer abraçar alguma causa, mas só, estereotipando mesmo, tipo, ah, como, e isso, eu acho que isso se dá muito mais com os homens gays, que tem né?, essa maneira de falar, então eles acham divertido, talvez, essa é a parte legal dos gays.**

Entrevistadora: Uhum.

Ametista: **Mas é só até aí, o vocabulário que eles usam é... “um arraso, bicha”.**

Adore: **É.**

Ametista: **Sabe?! Mas até aí, passando disso, talvez o meu filho, eu não quero que seja gay.**

Entrevistadora: Sim.

Ametista: **Mas eu me divirto muito com os jargões, sabe?, sei lá eu.**

Adore: **É, é tipo isso.**

Entrevistadora: Sim.

Ametista: **Entende?, é divertido, é uma diversão, é circo.**

Entrevistadora: **Vocês acham que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade?**

Adore: **Sim, porque, ahn, reflete em estereótipo né?.**

Ametista: **Reforça.**

Adore: **Reforça muito o estereótipo.**

Ametista: **Aham.**

Entrevistadora: **E isso pode contribuir pra diminuir a homofobia?**

Ametista: **Eu acho que mais uma vez, velado, assim, sabe?, mais uma vez, meio falso, assim, sabe?**

Entrevistadora: **Parece que é só pro riso, né?.**

Ametista: **Sim, sim.**

Entrevistadora: Não é mais que isso. [pausa] Qual a reação de vocês quando vocês percebem que alguém que vocês não conhecem, tipo, usam essas palavras ou expressões que a gente vem falando?

Adore: [pausa] Se é uma pessoa que eu não conheço?

Entrevistadora: É.

Adore: Eu primeiro tento saber se ela né?, tá, o que que tu é no mundo, assim, né?, tipo, tu é g, se é um guri, tu é gay ou tu é bissexual, se é uma mulher, tu é lésbica ou tu é bissexual, se tu é trans, homem trans, né?, o que que tá acontecendo, agora, quando eu vejo, que é pura apropriação por hétero, ah, eu fico anojada.

Ametista: Uhum.

Entrevistadora: Tu também?

Ametista: A mesma.

Adore rejeita o uso, por pessoas heterossexuais, de palavras e expressões que costumeiramente são usadas por sujeitos LGBT e diz ser um pouco “heterofóbica”⁸⁶. Ela acredita que os sujeitos heterossexuais devem pensar “eu só quero fazer parte dessa, dessa coisa legalzinha que vocês usam uns vocábulos”, e que eles usam os vocábulos para se encaixar na comunidade, mas não querem a “dor dessa comunidade”. Ametista concorda com essa percepção. Adore também relata que tem uma amiga heterossexual que usa expressões do universo LGBT, mas que tal uso soa um pouco “forçado”, pois ela nem sabe muito bem o que significam.

Além disso, Adore também considera que há um certo tipo de apropriação da cultura do grupo LGBT por parte de sujeitos heterossexuais e Ametista concorda com essa percepção. Ametista ainda acrescenta que, para ela, parece que certas pessoas abraçam uma causa, mas apenas de forma estereotipada, querendo participar do que consideram a parte divertida desse universo, mas, de fato, talvez essas pessoas não queiram que seus filhos sejam gays. Para ela, alguns pensam que é diversão, é circo.

Quando perguntadas se esses usos por sujeitos heterossexuais podem impactar, de alguma maneira, a identidade da comunidade LGBT, ambas respondem que acreditam que esses usos apenas reforçam estereótipos já existentes. Sobre esses usos poderem contribuir para diminuir a homofobia, Ametista acredita que talvez possa impactar a identidade da comunidade LGBT apenas de forma velada e meio falsa, já que, para ela, sujeitos heterossexuais usam as palavras e expressões apenas “pro riso”. Lau (2015) já apontava que “no universo heterossexual ouvimos muitos falar “viado”, “bichinha” para algo ruim, inferiorizando a orientação do sujeito homossexual” (p. 99). A comunidade LGBT,

⁸⁶ Heterofobia é um neologismo que descreve o medo ou a hostilidade irracional em relação à heterossexualidade, implicando em preconceito ou aversão em relação a normas sociais heterossexuais.

[...] por ser uma comunidade ainda bastante marginalizada, faz uso do pajubá como código linguístico de resistência, até para não ofender a sociedade com algumas expressões explícitas presentes no seu linguajar, além de se tornar uma maneira de se proteger contra a homofobia ainda bastante presente no meio dos homossexuais (BARROSO, 2017, p. 92-93).

Portanto, sujeitos LGTBs usam sua linguagem também como forma de proteção e, por isso, sujeitos heterossexuais parecem não ser autorizados a usar a mesma linguagem. Sobre a pergunta relacionada à reação delas quando percebem que alguém que elas não conhecem usam essas palavras ou expressões linkadas à comunidade LGBT, Adore diz que primeiramente vai tentar saber o que essa pessoa é, se é gay, bissexual, lésbica, trans, mas, se percebe que é pura apropriação por sujeitos heterossexuais, fica “anojada”. Ametista diz concordar com a percepção de Adore.

Trecho 30 – Júlio e Pedro

Entrevistadora: O que vocês pensam sobre o fato de pessoas heterossexuais estarem usando palavras ou expressões que são tipicamente consideradas do mundo LGBT?

- Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade LGBT?

- Isso pode contribuir para diminuir a homofobia?

- Qual a reação de vocês quando percebem que pessoas que vocês não conhecem usam palavras e expressões que vocês consideram típicas do universo LGBT?

Júlio: **Olha, eu não tenho posse, nem usucapião.**

Pedro: **É, é. [risadas]**

Entrevistadora: [risadas]

Júlio: **Se eu tivesse, taria ganhando dinheiro, mas, eu acho que não usam tanto.**

Pedro: **Eu acho que só usam com gays.**

Júlio: **É, é. E tipo, se usam, é alguém fazendo humor, entendeu?!**

Pedro: **É.**

Júlio: **Imitando...**

Pedro: **É, sempre na intenção disso, eu acho.**

Entrevistadora: Uhum.

Júlio: **É, mas [pausa] é que tipo, eu não sei se eu convivo muito com héteros, também.**

Entrevistadora: Eu, particularmente, vejo muito nas redes sociais as pessoas usando, assim.

Pedro: Siiim, com certeza.

Júlio: Sim.

Entrevistadora: Ai, amém, viado.

Júlio: **Sim, sim. A gente tem uma amiga em comum...**

Entrevistadora: Que hino, essas coisas assim.

Júlio: **Que, a Roberta, por exemplo, ela acha que fazer a elza é tudo.**

Entrevistadora e Pedro: [risadas]

Júlio: **Fazer a elza é roubar, né?, no nosso dicionário, e ela usa pra tudo.**

Pedro: Ai, fiz a elza.

Júlio: Tipo, tipo, se tu não quer ir em algum lugar “ai tais fazendo a elza” e eu assim “eu não tô roubando nada”.

Entrevistadora e Pedro: [risadas]

Júlio: Eu tô fazendo a pêssega? Seria isso? A egípcia? Tô me fazendo? Entendeu?! Mas não.

Pedro: Aham.

Júlio: **Os héteros fazem uso errado das coisas.**

Pedro: **É, também tem isso. [risadas] Eles não sabem nem, não sabem nem o que tão fazendo.**

Entrevistadora: Ahn, vocês acreditam que isso pode impactar, de alguma maneira, a identidade da comunidade? Os héteros estarem usando as expressões?

Júlio: Eu acho que pra alguns talvez seja, tipo, tenha essa luta, tipo “para de usar, é meu”, sabe?!
Porque marca identidade né?.

Pedro: **Principalmente os mais jovens né?, tem isso.**

Júlio: **É, os mais jovens.**

Pedro: **Aqueles que, o que a gente falou aquela hora, assim, estão se aceitando, tão querendo marcar posição.**

Júlio: Tu sabe uma gíria, hétero, que tem agora em Rio Grande, hétero entre homens [pausa] pai. [pausa] Tipo, agradece, tipo, valeu, pai.

Pedro: Valeu, pai, tá.

Júlio: Entre si, entre eles. [chocado] E esses dias, eu tava conversando com um guri lá no cursinho pelo Whatsapp, pra perguntar se ele já tinha pegado o livro ou não, e aí ele falou assim “ah, já peguei, peguei com o outro, o outro funcionário, valeu pai” e eu achei aquilo muito bizarro, porque tinha sido a primeira vez que eu tinha visto escrito, aquilo. Tipo, eu queria saber o sentido disso...

Pedro: Deve ser o amiga. [risadas]

Júlio: É, sei lá, será que é?!

Entrevistadora: Não sei.

Júlio: Vem de algum lugar, entendeu?!

Entrevistadora: Vem, vem...

Pedro: Ou ele quer te fazer, amiga.

Júlio: Não, não. Eu já vi eles falando entre si.

Entrevistadora: Uhum.

Pedro: Eu acho que ele quer te fazer, amiga.

Entrevistadora: **Vocês acham que o, é a mesma pergunta, é tudo relacionado, pode contribuir pra diminuir a homofobia?**

Júlio: **O que?**

Entrevistadora: **Os héteros estarem usando...**

Júlio: **Os héteros usarem?!**

Pedro: [indignação] **É que eles usam errado e eles usam às vezes pra fazer graça só, né?, eles não usam como a gente, espontâneo, tipo agora, quer te fazer, amiga.**

Júlio: **É que tipo...**

Pedro: **Entendesse?!.**

Júlio: **É que as pessoas não veem a homofobia até quando falam assim “ah, tipo, ahn, eu não sou homofóbica, eu tenho um irmão”.**

Entrevistadora: Uhum!

Pedro: **Ou então “eu até me dou com gays”.**

Júlio: **Tipo, “eu não tenho problema nenhum, mas que não seja afeminado”. Tem isso entre gays.**

Entrevistadora: Sim.

Júlio: **Tem isso entre gays, não vai ter... né?!**

Entrevistadora: **Uhum. E qual é a reação de vocês quando vocês percebem que uma pessoa que vocês não conhecem, usa essas palavras ou essas expressões?**

Pedro: **Eu estranho num primeiro momento.**

Júlio: **Eu reviro os olhos né?, porque, pelo amor.**

Entrevistadora: Uhum.

Pedro: **Eu estranho, num primeiro momento.**

Júlio: **Pelo amor, né?, tipo.**

Pedro: **“Como assim tu tá falando isso, será que...?” Tem uns que tentam se aproximar fazendo isso e eu faço “ai que ótimo”.**

Júlio: É.

Pedro: [risadas] ou “haha” [irônico]

Entrevistadora: [risadas]

Pedro: [soletrando] kkk. [risadas]

Entrevistadora: **Ahn, mas tu falou em revirar os olhos, é tipo... que eles não...?!**

Júlio: **É tipo, “sério?!”.**

Entrevistadora: Aham.

Júlio: **“Sério que tais usando isso?”.**

Pedro: **”Sério que tu tá fazendo isso?”.**

Júlio: **Tipo, “não tens nada TEU pra usar?”.**

Pedro: **É. [risadas] “Tens que tá roubando dos outros?”.**

Entrevistadora: Visse, mas quando eu perguntei antes vocês falaram que não.

Júlio: O que?

Entrevistadora: Mas agora vocês tão dizendo que sim.

Pedro: É que eles não sabem usar.

Júlio: Mas é por, por, tipo, não teria problema de usar, se usasse certo.

Pedro: [ênfatisando] Eles não sabem usar, eles fazem tudo errado.

Júlio: Tipo, não tem tom certo, não tem, sabe?, não fala certo, não tem contexto.

Inicialmente, Júlio brinca que não tem posse das expressões e que, se tivesse, estaria rico. Ele acredita que sujeitos heterossexuais não costumam fazer uso frequente das palavras e expressões ligadas a grupos LGBTs. Júlio também pontua que se usam, é com o intuito de fazer humor. Ele conta sobre uma amiga hétero que usa a expressão *fazer a elza* (roubar) para tudo. E, dessa forma, conclui que sujeitos heterossexuais fazem usos equivocados de determinadas expressões e construções. Pedro concorda com essa percepção e acrescenta que além de usar errado, sujeitos heterossexuais não usam de forma espontânea. Júlio ainda usa a expressão “no nosso dicionário” para explicar o significado da construção *fazer a elza*, demonstrando, dessa forma, que a linguagem que usam pertence somente aos membros da comunidade LGBT.

Quando questionados sobre o impacto que o uso das expressões em pauta por sujeitos heterossexuais teria na identidade da comunidade LGBT, Júlio responde que para algumas pessoas talvez exista essa luta para que sujeitos heterossexuais parem de usar o que é da comunidade LGBT, porque marca identidade. Pedro acrescenta que, principalmente entre os mais jovens, esse uso feito por heterossexuais pode impactar a identidade da comunidade, uma vez que ainda estão se aceitando e querendo marcar posição.

Quando perguntados se o uso de palavras e expressões do universo LGBT por sujeitos heterossexuais pode contribuir para diminuir a homofobia, Pedro diz, indignado, que muitas pessoas não sabem como fazer uso de tais itens e construções, utilizando-as para fazer graça, não de forma espontânea. Júlio e Pedro acrescentam que as pessoas não percebem que agem de maneira preconceituosa/homofóbica quando expressam enunciados como: “não sou homofóbica, eu tenho um irmão” ou “eu até me dou com gays”. Júlio também aponta outra frase “eu não tenho problema nenhum, mas que não seja afeminado” e diz que essa é uma fala que acontece até entre gays.

Já quando questionados sobre a reação deles ao perceberem que uma pessoa que eles não conhecem usa essas palavras ou essas expressões do universo LGBT, Pedro diz estranhar em um primeiro momento e Júlio, em tom negativo, diz que revira os olhos. Júlio diz que, ao revirar os olhos, pensa “sério que tais usando isso?” e Pedro acrescenta “sério que tu tá

fazendo isso?” e Júlio continua “não tens nada teu para usar?” e Pedro finaliza “tens que tá roubando dos outros?”, demonstrando, portanto, uma avaliação bastante negativa. Entre os motivos para tal rejeição, os dois participantes afirmam que heterossexuais não sabem usar as palavras e expressões, não têm tom certo, não falam como deveriam e não sabem identificar o contexto adequado para o uso.

Barroso (2017) já discutia em seu trabalho que “os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de se autoafirmarem na sociedade” (p. 43). Desse modo, os sujeitos LGBT usam palavras e expressões diferentes, como uma forma de afirmar suas identidades e parecem não gostar quando sujeitos que não são pertencentes à comunidade LGBT usam as palavras e expressões usadas por eles.

Trecho 31 – Scorpio e Dino

Entrevistadora: O que vocês pensam sobre o fato de pessoas heterossexuais estarem usando palavras ou expressões que são tipicamente consideradas do mundo LGBT?

- Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade LGBT?
- Isso pode contribuir para diminuir a homofobia?
- Qual a reação de vocês quando percebem que pessoas que vocês não conhecem usam palavras e expressões que vocês consideram típicas do universo LGBT?

Scorpio: **Respeita minha história.**

Entrevistadora e Dino: [risadas]

Entrevistadora: Sai daqui, hétero.

Scorpio: **Não sei, eu não uso top, então eles não tem que usar os meus.**

Dino: **Eu não me sinto mal, mas por exemplo, se vai usar pra se referir a mim, como viado e como bicha e não é uma pessoa próxima, aí eu fico puto da cara.**

Entrevistadora: Aham.

Dino: Mas se, de forma geral, eu acho que não, teu amigo que fala as coisas, por exemplo, de vez em quando solta uma coisa assim, eu não, não fico de mau com ele assim, não.

Scorpio: É, é, eu me acostumei, ele se acostumou comigo e todo mundo se acostumou com tudo né?.

Entrevistadora: Aham.

Scorpio: **Agora se eu escutasse qualquer pessoa, não sei.**

Dino: **Não me incomoda, mas agora se ele falasse que eu sou bicha, aí eu ia ficar de cara, eu ia embora.**

Scorpio: **É que às vezes, é que às vezes tem sempre aquelas mina hétero que chega tipo assim, aí porque tu é gay, agora vamos ser amigos, vou falar todas as coisas que, não, não é assim que funciona, não vem usar as coisas que tu não sabe nem de onde veio.**

Dino: Tipo a Valesca Martins?

Scorpio: Ai, sim.

Dino: **Chegava assim, “nhaaí”, falando, sei lá, o bofe, qualquer coisa e eu “tudo bom, Valesca, como tas?”.**

Scorpio: **Porque parece que, tipo assim, a gente vive num outro mundo, tu tem que chegar e falar na nossa língua, porque a gente não compreende Português, a gente não fala Português que nem vocês, é quase uma coisa mística, assim.**

Dino: **É, outra língua, aí, imagina se tivesse a licenciatura em pajubá, eu fazia.**

Entrevistadora: Bichês.

Dino: Bichês.

Scorpio: Pajubá eu quero, não sei direito.

Entrevistadora: **Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade? Os héteros estarem usando.**

Dino: Os hêteros estarem usando? Eu acho que pode ter um lado bom e um lado ruim, eu acho que o lado bom é que se tá todo mundo falando, é moda, é uma coisa assim, que tu não vai ser mal visto depois quando tu vai usar, agora o lado ruim é que tu vai perder um pouco, porque tipo, os hêteros já tem tudo, o que que fica pra gente?

Entrevistadora: Sim.

Dino: É meio que assim, meio que funciona assim.

Entrevistadora: É verdade.

Scorpio: Porque é aquela, eu acho que eu vejo da mesma maneira, tipo assim, como usar trança, era uma coisa da cultura africana, que pessoas negras acolhem como uma coisa da cultura, no momento que isso é transformado em moda.

Dino: Sim, até aquilo que amarra na cabeça, como é que é.

Scorpio: O turbante também.

Dino: O turbante, que é religioso e étnico.

Scorpio: Que é alguma coisa de cultura, no momento que é tão transformado em uma coisa midiática, uma coisa fashion, uma coisa de moda, tu vai perdendo toda aquela construção, todo mundo usa, todo mundo faz e tu perde toda uma cultura.

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: Então, eu acho que vai chegar um momento, hoje em dia a gente tem, tipo assim, Cláudia Leite achando que ela pode falar as coisas gay porque ela fala as gírias gays, ela faz parte da comunidade, enquanto ela é uma pessoa que diz que o filho dela tem que nascer macho, porque se não nascer macho, ela não tá muito afim.

Dino: Bem escrota.

Scorpio: Então, acho que é esse que é o problema, de começar a usar e transformar na modinha, e aí porque é modinha, eu falo, mas não quer dizer que eu aceito as pessoas que usavam isso e da onde isso nasceu.

Entrevistadora: É bem o que tu falou, respeita minha história.

Dino: Respeita minha história.

Entrevistadora: Vocês acham que isso pode contribuir pra diminuir a homofobia?

Dino: O que tu acha?

Scorpio: Eu acho que não, eu acho que, sei lá, eu acho que é isso, vai, vai apagar a história, vai virar a brincadeira, tipo, porque se a gente já era ridicularizado e transformado em piada em tudo que era filme e novela e programa de televisão, se tudo isso se transforma numa coisa que todo mundo pode falar, de que todo mundo pode participar, num certo momento a gente meio que se perde também no meio da multidão, não é mais uma coisa separada. Porque hoje em dia pelo menos a gente assusta, que é tipo assim, os gays usam aquela língua e eu não entendo, não sei o que vai acontecer, mas as travestis e as transexuais criaram coisas que é pra elas quase se protegerem, é uma língua que os outros não entendem.

Dino: Sim, é um sistema de proteção.

Entrevistadora: Uhum.

Scorpio: Então eu acho que, tipo assim, a gente tá perdendo a chance de guardar o nosso sistema de proteção.

Dino: Mas eu penso assim também, tá, não, realmente, mas o que que tu vai fazer? Tu vai proibir? Tu não pode proibir as pessoas de falar.

Scorpio: Não.

Entrevistadora: Sim.

Dino: Eu não vejo uma maneira assim de.

Scorpio: Também não vai chegar na pessoa na rua e falar, para de falar a palavra.

Dino: Eu não vejo uma maneira de tu resguardar o dialeto, não saberia.

Entrevistadora: Sim.

Dino: É, não sei, desculpa, não sei.

Scorpio: É que é uma coisa também de ressignificar né?, a gente não sabe se a pessoa tá realmente utilizando da maneira que a gente utiliza, porque se eu utilizasse top, eu não tava querendo falar todas aquelas coisas que eles falam.

Entrevistadora: Eu tenho uma amiga hétero, que vocês conhecem inclusive, que a gente ensinou pra ela o que que era dar a elza, que é roubar, e ela usa isso pra tudo.

Dino: Ai, mentira.

Entrevistadora: E ela usa errado, sabe?

Dino: E qual que é o contexto?

Entrevistadora: Ai, tipo, o guri não me cumprimentou, me deu a elza, não, ele não te roubou.

Dino e Scorpio: [risadas]

Entrevistadora: Ele fez a egípcia, a pêssega, mas sabe?. **Qual a reação de vocês quando vocês percebem que pessoas que vocês não conhecem, tipo, não sabem se são hétero, se são gay, se são lésbica, usam essas palavras e expressões?**

Scorpio: Primeiro que eu acho que é gay.

Dino: Primeiro que eu acho que é gay.

Entrevistadora: Uhum.

Dino: **Tipo, homem né?, falando.**

Scorpio: Uhum, daí depois, talvez comece com desconstruir e pensar que talvez a pessoa convive com pessoas gays, tem amigos gays, por isso, e também porque a comunidade gay, ser queer não é ser gay, tu pode fazer parte da comunidade LGBT, gostar da cultura, assistir o que a gente assiste, gostar do que a gente gosta, e não precisa ser gay.

Primeiramente, Scorpio brinca dizendo “respeita a minha história”. Ele afirma não usar a expressão *top*, portanto, julga que os sujeitos heterossexuais não têm o direito de usar as palavras e expressões do universo LGBT. Dino diz não se sentir mal, mas se pessoa que não é próxima usa termos como *viado* ou *bicha* para se referir a ele fica irritado e não gosta. Scorpio, de certa forma, concorda com a percepção de Dino e diz não saber qual seria sua reação se escutasse tais termos vindo de qualquer pessoa que não fosse íntima ou de uma pessoa de fora da comunidade.

Scorpio afirma que existem mulheres heterossexuais que se aproximam de gays, querendo falar todas essas expressões e ele não gosta, pois elas usam e não sabem a origem das palavras e expressões. Ele acrescenta que é como se LGBTs vivessem em outro mundo e não compreendessem português, já que as pessoas julgam que precisam falar na língua deles. Dino diz que se trata mesmo uma outra língua e fica imaginando como seria interessante se existisse uma licenciatura em pajubá. Scorpio também gosta da ideia.

Quando questionados sobre o impacto que o uso das expressões em pauta por sujeitos heterossexuais teria na identidade da comunidade LGBT, Dino relata aspectos positivos e negativos. O aspecto positivo é que, se a maioria das pessoas estivesse falando, os sujeitos LGBT não se sentiriam mal em usar as palavras e expressões da comunidade. O aspecto negativo é que, se os heterossexuais usarem os termos que são da comunidade LGBT, as pessoas que se identificam com esses grupos perderiam traços de sua identidade própria: “se os héteros já têm tudo, o que fica pra gente?”, reflete Dino. Scorpio diz concordar com a percepção de Dino e adiciona que no momento em que todo mundo começa a usar, toda uma cultura pode ser perdida. Scorpio também pontua que o problema é que os sujeitos heterossexuais que ora usam essas expressões, por muitas vezes, não aceitam as pessoas que inicialmente faziam uso delas e nem compreendem de onde isso surgiu.

Sobre o questionamento se o uso de palavras e expressões do universo LGBT por sujeitos heterossexuais pode contribuir para diminuir a homofobia, Scorpio acredita que isso

não aconteça e que pode, eventualmente, apagar a história da comunidade LGBT. Se antes a língua usada no meio LGBT era um sistema de proteção, isso pode não ser mais uma realidade e esses sujeitos estariam perdendo a chance de guardar seu sistema protetivo. A língua é usada também para criar significados sociais, o que também perpassa a (re)construção das identidades.

Como falantes, identificamos esse sistema e nos valemos tanto das formas linguísticas (e não linguísticas) quanto dos significados sociais para os quais apontam, na construção (agentiva) de nossas identidades (MENDES, 2018, p. 40).

A língua usada por sujeitos LGBTs é um componente crucial na construção de sua(s) identidade(s) e usar essa língua parece ter um significado social bastante valioso para esses sujeitos. Talvez por isso, esses sujeitos se incomodam quando pessoas que não pertencem à comunidade usam as palavras e expressões que comumente eles usam.

Quando perguntados sobre qual seria a reação deles ao perceberem alguém que não conhecem usando as palavras e expressões do universo LGBT, tanto Scorpio quanto Dino relatam que primeiro pensariam se tratar de um sujeito homossexual. Scorpio diz que talvez, depois, pensasse que essa pessoa poderia conviver com sujeitos LGBT e por isso estaria empregando esses usos linguísticos.

Trecho 32 – Gezebel e Catarina

Entrevistadora: O que vocês pensam sobre o fato de pessoas heterossexuais estarem usando palavras ou expressões que são tipicamente consideradas do mundo LGBT?

- Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade LGBT?

- Isso pode contribuir para diminuir a homofobia?

- Qual a reação de vocês quando percebem que pessoas que vocês não conhecem usam palavras e expressões que vocês consideram típicas do universo LGBT?

Catarina: **Apropriação cultural, aquelas.** [risadas] Ai, que horror, tô brincando, apropriação cultural [risadas] tô brincando, pelo amor de Deus.

Gezebel: **Ai, eu acho muito engraçado quando eles usam.** [risadas]

Catarina: **É, eu acho engraçado, eu acho, eu debocho, assim, tipo, pra mim é ridículo.**

Entrevistadora: Aham.

Gezebel: Eu acho engraçado porque eu não vejo muita gente usando né?, eu vejo mais é pessoas querendo saber o significado e às vezes, sei lá, a gente usa tanto que a gente nem sabe qual é, a etimologia da palavra e a gente também não sabe explicar.

Catarina: **Não, é que assim, as pessoas que eu vi falando, eu achei forçado, assim tipo, parece que tavam falando só pra ai para ser legal naquele momento, sabe?, aí eu fiquei “ai para”.**

Gezebel: Me lembra, me lembra quando a gente começou, vários viados começaram a usar top.

Entrevistadora: Uhum.

Catarina: Sim.

Gezebel: Que é uma coisa que...

Catarina: Bem hétero.

Gezebel: os héteros usam mais, sei lá, top, show, essas coisas assim, e aí a gente começou a usar meio que pra debochar sabe?, só que eu não vejo eles usando do mesmo jeito que a gente usou, sabe?, pra debochar.

Entrevistadora: **É que às vezes eles usam errado né?**

Gezebel: **É!**

Catarina: **É!**

Gezebel: **Às vezes eu acho que eles não tem, sei lá, essa noção do que eles tão falando.**

Catarina: **Eles querem, às vezes parece que eles só querem falar pra te mostrar, ah olha aqui, eu te aceito, tá tudo bem.**

Gezebel: **É, é tipo, ai, olha, eu sei, eu usei.**

Catarina: **Eu sei olha, legal.**

Gezebel: **Ai eles, sei lá, falam um troço, ai isso é tão poc. [risadas] só que tipo, perai.**

Catarina: **Tipo, não é assim.**

Entrevistadora: **Tá, vocês acham que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade?**

Catarina: **Não.**

Gezebel: **Os héteros?**

Entrevistadora: **É, os héteros usarem.**

Gezebel: **Eu acho que não...**

Catarina: **Tipo, eu não vejo, tipo, héteros fazendo, tipo que nem gays fizeram, a comunidade LGBT, fez top acontecer, tipo, virar uma coisa, sabe?, eu não vejo que, sei lá, héteros vão fazer poc virar uma coisa comum assim, digamos.**

Gezebel: **É, eu acho que eles não tem muito isso do vocabulário.**

Catarina: **É, porque assim ó, isso, a linguagem, vocabulário, é uma forma de identificação, tipo a gente tem muita identificação na nossa linguagem né?, a gente se constrói como sujeito através da linguagem, e tipo, pra gente, pras pessoas héteros, tudo é feito pra eles, tudo é deles, sabe?**

Gezebel: **É.**

Entrevistadora: **Uhum.**

Catarina: **A gente não, a gente tem que criar palavras e coisas, pra gente se identificar, sabe? Eu acho que tem a ver um pouco com isso, sabe?, eles não precisam ficar criando gírias, sei lá eu o que, eles são héteros, eles podem fazer o que quiserem. Eles tem os privilégios deles, sabe?**

Gezebel: **O que mais que eles não tem?**

Catarina: **É.**

Entrevistadora: **E vocês acham que eles usarem pode diminuir a hofobia, hofobia, a homofobia? [risadas]**

Gezebel: **Ai, eu acho não.**

Catarina: **Não.**

Gezebel: **Isso é muito pequeno.**

Catarina: **Muito pequeno, palavras apenas, palavras pequenas, já diria Cássia Eller né?.**

Entrevistadora, Gezebel e Catarina: **[risadas]**

Gezebel: **Citações lésbicas. [risadas]**

Entrevistadora: **Tá, qual a reação de vocês quando vocês veem uma pessoa que vocês não conhecem que tá usando essas palavras e expressões?**

Catarina: **Eu, sei lá, fico tá né?, acho que eu, num primeiro momento acho que eu vou achar engraçado, ou tipo, ai nada a ver, mas nada...**

Entrevistadora: **Mas tipo, tu vai achar que ele é gay, que ela é lésbica?**

Catarina: **Ahh, tá entendi.**

Gezebel: **Eu vou, talvez eu ache que sim.**

Catarina: **Achei que a gente tava falando em héteros.**

Gezebel: **Mas aí eu vou olhar pra pessoa...**

Catarina: **Depende.**

Gezebel: **e vou fazer aquilo do raio-x do estilo também.**

Catarina: **É, eu vou olhar pra ela, vou ver tipo, os estereótipos que ela se encaixa talvez.**

Gezebel: **É.**

Catarina: **E também vou ver a forma que ela falou, tipo, se ela falar “ai isso é tão poc”, já sei que não é, sabe?**

Gezebel: **É, e às vezes as pessoas falam também meio que pra deboche, essas coisas, então a gente tem que perceber se ela é.**

Primeiramente, Catarina brinca que o uso de palavras e expressões do universo LGBT por sujeitos heterossexuais seria apropriação cultural e Gezebel relata que acha engraçado quando eles usam. Catarina também diz achar engraçado e debocha dessa atitude que considera “ridícula”. Gezebel diz que não encontra muitas pessoas usando tais palavras e expressões, mas que há muita demanda para saber seus significados, que são normalmente tão naturais e acessíveis para quem pertence à comunidade, que se torna difícil explicar.

Catarina aponta que quando ouviu pessoas usarem algumas palavras, achou o uso forçado e que aparentava que estavam querendo parecer legais naquele momento. A entrevistadora problematiza que às vezes os sujeitos heterossexuais usam as palavras e expressões do universo LGBT de forma equivocada e tanto Gezebel quanto Catarina concordam com essa percepção. Gezebel ainda acrescenta que parece que muitas pessoas que não são do universo LGBT não têm a menor ideia do que estão falando. Catarina pontua que essas pessoas querem usar só para mostrar que aceitam sujeitos LGBT. Gezebel concorda e diz que sujeitos heterossexuais usam as palavras e expressões da comunidade LGBT para mostrar que sabem e acrescenta que eles fazem usos equivocados como *isso é tão poc*⁸⁷.

Quando questionadas sobre o impacto que o uso das expressões em pauta por sujeitos heterossexuais teria na identidade da comunidade LGBT, ambas dizem que não consideram haver nenhum tipo de impacto. Gezebel afirma que sujeitos heterossexuais não têm vocabulário específico que os identifique, e Catarina diz que a linguagem para os LGBTs é uma forma de identificação: “nos construímos como sujeitos através da linguagem e pras pessoas héteros, tudo é feito para eles, tudo é deles e para a gente não, por isso temos que criar palavras e coisas, pra nos identificarmos”. Catarina acrescenta ainda que “[h]éteros não precisam ficar criando gírias, pois eles são héteros e podem fazer o que quiserem, eles já têm os seus privilégios”, e Gezebel adiciona a pergunta “o que mais eles não têm?”.

Sobre o questionamento se esses usos por sujeitos heterossexuais podem contribuir para diminuir a homofobia, tanto Gezebel quanto Catarina acreditam que não, que é algo muito pequeno para impactar na diminuição do preconceito contra LGBTs. Sobre a reação delas ao verem alguém que não conhecem usando essas palavras e expressões do universo LGBT, Catarina diz que, em um primeiro momento, vai achar engraçado ou “nada a ver”. Gezebel relata que talvez achasse que seria um sujeito LGBT, mas que então faria o “raio-x do estilo” (consideraria outros elementos simbólicos como a vestimenta, o modo de portar

⁸⁷ A expressão “poc” não funciona como um adjetivo.

etc.) para chegar a alguma conclusão. Catarina concorda e diz que iria ver em quais estereótipos aquela pessoa se encaixaria e ainda interpretar a forma com que a pessoa falou. Gezebel concorda e pontua que, às vezes, as pessoas usam “pra deboche” e então é preciso perceber se a pessoa é do grupo ou não.

A percepção de Gezebel nos leva à concepção de estilo e dos múltiplos símbolos que compõem o estilo de uma pessoa e a linguagem pode ter um papel fundamental nessa composição estilística. O que Gezebel pontua vai além da linguagem, pois ela comenta sobre os estilos de roupas que as pessoas usam e que, a partir desses estilos, ela conseguiria dizer se uma pessoa é LGBT ou não. Irvine (2001) discorre sobre os estilos de fala e nos diz que

[...] estilos de fala envolvem as maneiras pelas quais os falantes, agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos num sistema de distinções e possibilidades. Seus atos de fala são mediados ideologicamente, uma vez que envolvem necessariamente o entendimento do falante sobre grupos sociais, atividades e práticas importantes, incluindo formas de falar (IRVINE, 2001, p. 23-24)⁸⁸.

A citação acima nos ajuda a compreender que os estilos de fala estão diretamente conectados com as orientações ideológicas dos falantes; a partir de suas falas, diferentes significados sociais são indexicalizados. Dessa forma, os sujeitos homossexuais se diferem dos sujeitos heterossexuais, pois muitas vezes usam palavras e expressões próprias em sua linguagem. Mendes (2018) também disserta sobre estilo de fala e indexicalidade:

Isto está diretamente relacionado à indexicalidade dos elementos linguísticos, tanto do ponto de vista da relação entre forma linguística e significados sociais potenciais, quanto da perspectiva das relações ideológicas entre os diferentes significados que podem ser indexados pelas tais formas (MENDES, 2018, p. 37).

Outro ponto interessante, também levantado por Mendes (2018), é sobre os experimentos de percepção, em que o autor nos diz que esse é “um dos interesses centrais acerca de experimentos de percepção: procurar evidenciar os significados sociais para os quais uma forma linguística pode apontar, ainda que os falantes/ouvintes não tenham consciência de tais significados” (p. 37). Com as devidas ressalvas, também podemos

⁸⁸ “[...] styles in speaking involve the ways speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities. Their acts of speaking are ideologically mediated, since those acts necessarily involve the speaker’s understandings of salient social groups, activities, and practices, including forms of talk”.

considerar que os posicionamentos e avaliações revelados pelos sujeitos desta pesquisa são válidos para investigar quais significados sociais e ideológicos são veiculados a partir da percepção sobre o emprego de determinados usos linguísticos.

Em síntese, todos os nossos oito sujeitos de pesquisa avaliam negativamente o uso de palavras e expressões do universo LGBT por sujeitos heterossexuais. Alguns acreditam que esses usos podem impactar a identidade da comunidade e outros não. Com relação a contribuir para diminuir a homofobia, a maioria das duplas acredita que sujeitos heterossexuais usarem as palavras e expressões do universo LGBT seja uma prática irrelevante para conseguir causar algum impacto com relação à diminuição da homofobia na sociedade.

Com relação aos *usos linguísticos* característicos de lésbicas e gays, foco da seção 4.2, pode-se dizer que os sujeitos consideram a existência desses usos, fornecem exemplos, porém, apontam que esses usos são mais restritos à comunidade LGBT e, por isso, podem não ser compreendidos por pessoas que não possuem contato com a referida comunidade.

O próximo e último capítulo é destinado para as considerações finais desta pesquisa, com comentários acerca do trabalho e também sugestões de alguns encaminhamentos possíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por intuito principal unir forças com os trabalhos que se apresentam como forma de resistência e que persistem na árdua tarefa de não silenciar frente ao sexismo, à misoginia e à homofobia ainda tão arraigados em nossa cultura. Por mais que existam hoje em dia inúmeros trabalhos que abordam tais temáticas, as questões de gênero e de sexualidade ainda são consideradas questões menores, apesar de mulheres, homossexuais, transexuais e travestis serem violentados a cada segundo no Brasil. Dessa maneira, na tentativa de desmistificar certos tópicos relacionados a lésbicas e gays, este trabalho procurou captar algumas percepções desses sujeitos sobre assuntos envolvendo suas vivências, no que se refere a questões de identidade e de usos linguísticos.

Nossa amostra, inicialmente, contou com oito entrevistas realizadas em duplas, com um total de 16 sujeitos, em que metade das entrevistas foram feitas com pessoas próximas entre si e a outra metade com pessoas distantes entre si. Para dar conta de analisar os dados dessas entrevistas de forma satisfatória, optamos por fazer um recorte nas mesmas. Dito isso, a amostra final desta dissertação contou com quatro entrevistas realizadas em duplas com maior proximidade entre si, com um total de oito sujeitos de pesquisa: Ametista e Adore, Júlio e Pedro, Scorpio e Dino e Gezebel e Catarina.

Também por limitações de tempo, optamos por fazer um recorte nos blocos temáticos, analisando apenas os blocos *identidade* e *usos linguísticos*, visto que esses se mostraram mais produtivos para abordar as questões de interesse na pesquisa.

Com relação aos nossos objetivos, procuramos investigar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre a existência de possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) e eles demonstraram acreditar que não há apenas uma identidade relacionada a lésbicas e gays, apontando a existência de uma pluralidade de identidade(s), ou seja, diversos ‘tipos’ de lésbicas e gays. Os diálogos das duplas sobre pluralidade de identidades estão em consonância com as concepções pós-modernas sobre identidades fluidas, vistas como em constante (re)transformação e (re)construção.

Alguns sujeitos de pesquisa demonstraram se identificar com certas identidades e outros não conseguiram se inserir em apenas uma caixinha, pois, como as identidades são mutáveis, às vezes eles performam uma identidade e outras vezes performam outra. A maioria das duplas apontou que se sentem confortáveis perto de outros sujeitos LGBT ou de

pessoas com as quais eles tenham bastante intimidade e em lugares conhecidos ou LGBT *friendly*.

Além disso, investigamos a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca da fala como marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s) e gay(s), e todos eles consideram que a fala pode sim funcionar como um marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s) e gay(s).

Sobre usos linguísticos tidos como típicos do universo LGBT, todos os sujeitos de pesquisa concordam com a existência desses usos e ainda apontam diversos termos que acreditam serem comumente usados pela comunidade LGBT. Portanto, já que os sujeitos de pesquisa confirmam que existem usos característicos de lésbicas e gays, podemos dizer que esses usos compõem o que seria um estilo de fala lésbica/gay.

Sobre os fatores contextuais que poderiam propiciar usos de lésbicas e gays, os sujeitos apontam o interlocutor e o contexto como os dois fatores principais. Segundo eles, é necessário um interlocutor que seja íntimo e que entenda as palavras e expressões da comunidade LGBT, além de um contexto favorável para a realização desses usos.

Também analisamos as formas de referência a lésbicas e gays e nossos sujeitos de pesquisa apontaram usos como *viado*, *lésbica* e *sapatão* para se referir a outros sujeitos homossexuais, mas adicionaram que é preciso ter intimidade/proximidade com o interlocutor para fazer o uso dessas formas. Sobre a apropriação e ressignificação de usos linguísticos, tidos como típicos do universo LGBT, por sujeitos heterossexuais, todos os sujeitos de pesquisa avaliaram negativamente esses usos, pois, para eles, sujeitos heterossexuais já possuem privilégios, então não precisariam usar algo que não pertence a eles.

Em vista disso, a análise empreendida confirma nossas hipóteses iniciais. Para trabalhos futuros, contudo, é pertinente investigar as percepções de lésbicas e gays sobre outros assuntos que lhes dizem respeito, como vivências de preconceito e intolerâncias, visões sobre o âmbito político nacional relativo à comunidade LGBT, representações de sujeitos LGBT na mídia brasileira, processo de descoberta e aceitação da orientação sexual, (re)construção de identidade de sujeitos LGBT e investigação do funcionamento de usos linguísticos específicos etc. Também seria interessante gravar esses sujeitos em diferentes situações/contextos, para analisar como suas falas se adequariam (ou não) em frente a diferentes ambientes.

Consideramos que a presente pesquisa alinhou-se, em termos gerais, com os estudos de terceira onda dos estudos variacionistas, pois procuramos relacionar a percepção de nossos sujeitos de pesquisa sobre identidade(s) e também sobre usos linguísticos tidos como característicos de lésbicas e gays com os significados sociais, estilísticos e identitários que

perpassam esses usos. Entendemos que “não existe linguagem de forma homogênea ou imutável. É através da variação que a identidade dos indivíduos é indexada e interpretada: quem eles são, com o que se importam e de que gostam e o que aspiram” (JOSEPH, 2016, p. 19)⁸⁹. Ou seja, a partir da variação é que a(s) identidade(s) dos sujeitos são indexicalizadas e, dessa forma, suas visões de mundo.

Em relação ao conceito de comunidade de prática (CP), discutido na seção 2.3.1, cabe salientar que os usos linguísticos podem revelar significados sociais e, dessa forma, uma relação mais estreita entre língua e identidade pode ser estabelecida dentro de uma CP. Nesse sentido, consideramos que nossos sujeitos de pesquisa compõem uma comunidade de prática não prototípica, pois todos se conhecem entre si, transitam (ou já transitaram) por espaços em comum e compartilham visões de mundo e também modos de falar.

Vale mencionar ainda que os sujeitos desta pesquisa, bem como os usos linguísticos de lésbicas e gays, foram observados via perspectiva social e situada da língua, o que é coerente com o olhar proposto pela etnografia linguística. Isso ocorreu, pois procuramos compreender os significados e as dinâmicas sociais imbricados nas percepções dos sujeitos de pesquisa quanto a assuntos como identidade e usos linguísticos. Além disso, buscamos também investigar quem são esses sujeitos no mundo e quais suas visões sobre o que acreditam estar no imaginário popular acerca de lésbicas e gays. Sendo assim, levando em conta o contato com os sujeitos, o encaminhamento e a realização das entrevistas e o extenso trabalho de transcrição e revisão, é possível considerar que esta pesquisa, em alguma medida, apresenta características de um trabalho de natureza etnográfica.

Adentrando nas discussões sobre gênero, tomamos por base autores que fazem mão de conceituações diferentes, porém complementares (BUTLER, 1993, 2003 [1990]; FOUCAULT, 1999 [1988]), considerando gênero como construção social, política, histórica, cultural e religiosa, que atravessa e perpassa os sujeitos e suas práticas a todo o momento.

Com relação aos procedimentos metodológicos adotados, vale lembrar que, no escopo da terceira onda da sociolinguística, as metodologias não devem ser tomadas como fixas, pois emergem das práticas estilísticas em que os sujeitos estão envolvidos, sendo necessária relativização acerca da multiplicidade dos sujeitos e das singularidades de cada pesquisa. Portanto, para dar conta da tarefa de gerar e analisar material contendo informações sobre identidade(s) e usos linguísticos de mulheres autodeclaradas lésbicas e homens autodeclarados gays, propusemos a composição de um *corpus* de análise, levando-se em

⁸⁹ “No language exists in a homogeneous or unchanging form. It is through variation that the identity of individuals is indexed and interpreted: who they are, what they care about and like, and what they aspire to.”

conta: *interação, intimidade e informalidade*. Ou seja, nosso percurso metodológico foi desenhado para conseguirmos captar as percepções de nossos sujeitos de pesquisa, que, posteriormente, foram analisadas de forma qualitativa à luz de nossos objetivos norteadores e de pressupostos teóricos alinhados com os estudos de terceira onda, identidade, gênero e sexualidade.

É importante ressaltar que o atual momento político brasileiro tem se mostrado bastante conservador e retrógrado em diversos aspectos e isso não pode e nem deve impedir a produção de trabalhos que abordem questões vistas como ‘menores’ atualmente. Nesse sentido, é crucial que trabalhos dessa natureza, que lidem com minorias, continuem (re)existindo cada vez mais, também como uma forma de protesto e resistência aos inúmeros ataques que tais grupos vêm sofrendo⁹⁰.

Por fim, com esta dissertação, procuramos promover discussões, focalizando especificamente *identidade e usos linguísticos*, que possam contribuir com outras já realizadas, envolvendo, de alguma maneira, a comunidade LGBT e seus pertencentes. Na tentativa de propiciar um espaço para ouvir esses sujeitos, muitas vezes marginalizados em nossa sociedade, não partimos de nossas percepções, mas das percepções dos próprios sujeitos LGBT que entrevistamos sobre os assuntos discutidos.

⁹⁰ <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-proibe-palavras-do-universo-lgbt-em-campanhas-estatais/>
Acesso em: 31 jan. 2020.

REFERÊNCIAS

ABGLT – **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Documentos e Publicações.** Disponível em: <<https://www.abglt.org/>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. **Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana.** Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – São Paulo, 2010, 233p.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

AUN, Heloisa. **Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo: 1 a cada 19 horas.** Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/>> Acesso em: 30/10/2018.

AUSTIN, John. **Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990 [1962]. Tradução Danilo Marcondes.

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá: o código linguístico da comunidade lgbt.** Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus, 2017, 153p.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (ed.), **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**, São Paulo: Blucher, 2014, p. 79–98.

BAXTER, Judith. Positioning language and identity: poststructuralist perspectives. In: **The Routledge handbook of language and identity.** Routledge, 2016. p. 34-49.

BELSEY, Catherine. **Critical practice.** London: Methuen. 1980.

BORBA, Rodrigo. **A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais.** *Caderno Pagu* [online]. 2014, n.43, pp.441-474. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BORTONI, Larissa. **Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>> Acesso em: 30/10/2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BRISOLARA, Oscar. TORINO, Ema Helena. Um olhar pragmático sobre o discurso gay. In: Dulce Cassol Tagliani; Marisa Porto do Amaral. (Org.). **Ensino de línguas: Teorizando a prática e praticando a teoria**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2013, v. 1, p. 9-110.

BROCHADO JÚNIOR, José Urbano; SOUZA-LEITE, Célia Regina Vieira de. Masculino e Feminino: reflexões sobre suas construções. In: In: SOUZA, Wlaumir Doniseti de (Org.). **Sociedade, História e Relações de Gênero**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. Cap. 9. p. 187-211.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Locating identity in language. **Language and identities**, p. 18-28, 2010.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. Nova York, Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. London: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABECINHAS, Rosa. **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais**. Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 21-24 de Abril, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes; SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63. 2016.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial; p. 129-149, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn et al. The elements of style. In: **Poster presented at New Ways of Analyzing Variation**. 2006.

CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre cidadania. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL**. 2013.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. In: **Domínios de Linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl Coelho; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. **Sociolinguística – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC**, 2010.

COUPLAND, Nikolas. **Style: Language variation and identity**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

CREESE, Angela. Linguistic ethnography. **Encyclopedia of language and education**, p. 3424-3436, 2008.

DRUMMOND, Rob; SCHLEEF, Erik. Identity in variationist sociolinguistics. In: **The Routledge handbook of language and identity**. Routledge, p. 76-91, 2016.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. In: **Annual Review of Anthropology**, 21:461-90, 1992.

ECKERT, Penelope. **Language variation as social practice: The linguistic construction of identity in Belten High**. Wiley-Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. In: **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA. 2005.

ECKERT, Penelope. Communities of practice. In: **Encyclopedia of language and linguistics**, v. 2, n. 2006, p. 683-685, 2006.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. **Sociolinguistics: theoretical debates**, p. 69-85, 2016.

FABRÍCIO, Branca Falabella; DA MOITA LOPES, Luiz Paulo. 1) Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 6, n. 2, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **História da língua: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FELIX, Rafael de Almeida Arruda. **Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara - SP). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Araraquara, 2016, 97p.

FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 1, 2012.

FIGUEIREDO, Gabriel Henrique Pereira de. **Homofobia entre gays: um estudo sobre a reprodução de discursos e práticas heteronormativas**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – São Cristóvão, 2016, 135p.

FLORENCE LIVRARIA. **Identidade de gênero e orientação sexual**. Disponível em: <<https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>> Acesso em: 10 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 [1999].

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. **Intexto**, n. 7, p. 47-57, 2001.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa: **Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Nova York, Anchor Books, 1959.

GUMPERZ, John J. Linguistic and social interaction in two communities. In: DIL, Anwar S. (ed.), **Language in social groups**. Essays by John J. Gumperz, p. 151–176. Standford: Standford Univesity Press, 1971.

HALL, Donald E. **Queer Theories**. Londres, Palgrave, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006. **Historia Regional**, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRINEU, Bruna Andrade. Homonacionalismo e cidadania LGBT em tempos de neoliberalismo: dilemas e impasses às lutas por direitos sexuais no Brasil. **Revista Em Pauta**, v. 12, n. 34, 2014.

IRVINE, Judith. Style as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R, (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

JOSEPH, John E. Historical perspectives on language and identity. In: **The Routledge handbook of language and identity**. Routledge, 2016. p. 45-59.

JUNG, Carl G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

KIESLING, Scott F. Constructing identity. In Chambers, J.K.; Schilling, N. (eds.) **The handbook of language variation and change**. 2ª ed. Oxford, U.K.: Blackwell, 2013. p. 448-467.

KOSACHENCO, Camila. **Enem 2018**: conheça a origem do pajubá, dialeto de gays e travestis citado no exame. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/11/enem-2018-conheca-a-origem-do-pajuba-dialeto-de-gays-e-travestis-citado-no-exame-cjo4maix90ben01pih135nzhn.html>> Acesso em: 05/11/2018.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2006 [1966].

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial; p. 13-30, 2010.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (mestrado). Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Paraná. 2014, 342p.

LAU, Héilton Diego. A (des) informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, v. 11, n. 2, 2015.

LAU, Héilton Diego. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. **Temática**, v. 13, n. 3, 2017.

LEVON, Erez. Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality. **Language in Society**, v. 43, n. 5, p. 539-566, 2014.

LEVON, Erez. Sexuality in context: Variation and the sociolinguistic perception of identity. **Language in Society**, v. 36, n. 4, p. 533-554, 2007.

LEVON, Erez; MENDES, Ronald Beline (Ed.). **Language, Sexuality, and Power**: Studies in Intersectional Sociolinguistics. Oxford University Press, 2016.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles (Org.) **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 149-159.

LIVIA, Anna; HALL, Kira (Ed.). **Queerly phrased**: Language, gender, and sexuality. Oxford University Press, 1997.

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUCENA, Maria Inêz Probst. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 67-95, ago. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 mar. 2019.

MENDES, Ronald Beline. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**, v. 8, n. 1, 2012.

MENDES, Ronald Beline. **Percepção e Performance de Masculinidades**. Efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo. 2018.

MENDOZA-DENTON, Norma. Language and identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), **The handbook of language variation and change**. 1 ed. Malden, MA: Blackwell, p. 475–499, 2002.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

OUSHIRO, Livia. CONCEITOS DE IDENTIDADE E MÉTODOS PARA SEU ESTUDO NA SOCIOLINGUÍSTICA| CONCEPTS OF IDENTITY AND METHODS FOR ITS STUDY IN SOCIOLINGUISTICS. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 63, p. 304-325, 2019.

PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS: Sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: ABIA, 2000.

PASTRE, Geneviève. Linguistic gender play among French gays and lesbians. In: **Queerly phrased: Language, gender, and sexuality**. Oxford University Press, 1997. p. 369-379.

PEREIRA, Artur Oriel. O que é lugar de fala?. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 36, n. 72, p. 153-156, 2018.

PODESVA, Robert J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, 11(4), 478–504, 2007.

PREECE, Siân (Ed.). **The Routledge handbook of language and identity**. Routledge, 2016.

RAMPTON, Ben et al. **UK linguistic ethnography: A discussion paper**. Unpublished, www.ling-ethnog.org.uk, p. 01-24, 2004.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMPTON, Ben; MAYBIN, Janet; ROBERTS, Celia. Methodological foundations in linguistic ethnography (Working Papers in Urban Language & Literacies 125). **London, UK: King's College London**, 2014.

REDAÇÃO. **Bolsonaro proíbe palavras do universo LGBT em campanhas estatais**. 2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-proibe-palavras-do-universo-lgbt-em-campanhas-estatais/>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROSA, Ninon Girardon da; LUCENA, Amália de Fátima; CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira. Etnografia e etnoenfermagem: métodos de pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 24, n. 1 (jan. 2003), p. 14-22, 2003.

SANTANA, Wenderson Phelipe da Silva. **Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2018, 112p.

SEVERO, Rafael Adriano De Oliveira. **Gênero e Sexualidade: Grupos de discussão como possibilidade formativa**. Paco Editorial, 2013.

SILVA, Darkson Kleber Alves da. **Reconhecimento e reflexividade da alteridade gay na sala de aula**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Educação – São Cristóvão, 2017, 68p.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

TABOURET-KELLER, Andrée. Language and identity. **The handbook of sociolinguistics**, p. 315-326, 2017.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2014, 415p.

VELOSO, Rafaela. **As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas**. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa, 2014.

VIANA, Elisângela Oliveira. **Estratégias de construção do *ethos* gay masculino no blog katylene.com: um estudo da multimodalidade e das gírias gay**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Fortaleza, 2012, 99p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge university press, 1999.

ZWICK, Arnold M. Two Lavender Issues for Linguists. In: **Queerly phrased:** Language, gender, and sexuality. Oxford University Press, 1997. p. 21-34.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Ficha Social

1) Informações Pessoais (Ficha Social, a ser entregue e respondida após a entrevista).

1.1) Idade: _____.

1.2) Cidade de origem e cidade atual (se houver): _____.

1.3) Formação acadêmica _____.

1.4) Ocupação atual e motivações para a mesma:

_____.

1.5) Status de relacionamento: _____.

1.6) Sexo: _____.

1.7) Pseudônimo (a ser mais bem explicado durante a entrevista):

_____.

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista/mediação

2) Âmbito político nacional (interativo)

2.1) Na opinião de vocês, quais são os maiores problemas do país?

2.2) Qual a avaliação de vocês sobre a atual situação política do país?

2.3) E sobre a situação LGBT: como essa comunidade tem sido vista na sociedade brasileira? (ao longo do tempo); Vocês acham que o preconceito tem diminuído?

2.4) Como vocês veem a representatividade da comunidade LGBT na política brasileira?

2.5) E como vocês veem a representatividade da comunidade LGBT na mídia (televisão, teatro, cinema, música...) brasileira? Acham que essas representações (personagens de novela, filmes e séries, cantores) retratam a realidade de forma adequada? Por quê?

2.6) Na opinião de vocês, que ações podem contribuir para a diminuir a homofobia? Vocês acreditam que o assunto tem sido mais discutido no país? Se sim, isso contribui para diminuir a homofobia?

3) Preconceito (interativo)

3.1) Quando e como foi a descoberta da tua orientação sexual? Como foi o processo da aceitação da tua orientação sexual?

3.2) Teus familiares e amigos sabem da tua orientação sexual? Como é a tua relação com essas pessoas?

3.3) Tu te sentes mais confortável ao conviver com pessoas do universo LGBT? Por quê?

3.4) Já sofreste (ou presenciaste) algum tipo de preconceito por ser homossexual? Podes descrever?

3.5) Em que medida a constante leva de notícias envolvendo a homofobia te causa impacto negativo, a ponto de alterar a tua rotina de vida?

4) Identidade (interativo)

4.1) Vocês acham que existe uma identidade lésbica ou gay? Que características vocês acham que formariam essa identidade? Em que medida vocês se identificam com essa identidade?

4.2) Quais características relacionadas a lésbicas e gays vocês acreditam estarem no imaginário popular? Elas coincidem com aquelas que vocês apontaram anteriormente? Vocês acham que existem, no imaginário popular, traços que são exagerados, vistos como caricatura, ou estereotipados? Quais seriam? (modos de pensar, modos de se impor, gestos, vestimenta, tatuagem, piercing, etc)

4.3) Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

4.4) Vocês usam ou usariam roupas, acessórios, produtos etc que são considerados de outro gênero? Qual a opinião de vocês sobre isso?

4.5) De que forma você se refere a outros homossexuais (viado, sapatão, etc)? Como as pessoas, próximas e distantes, se referem a vocês? Qualquer pessoa pode se referir a vocês dessa maneira? De que maneira vocês gostam de ser chamados?

4.6) Escolhe um pseudônimo para vocês serem referidos nesse trabalho (nomes de artistas, personagens, etc).

4.7) Em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem mais confortáveis para mostrar suas identidades? E em que ambientes e com que pessoas vocês se sentem menos confortáveis para isso?

4.8) Vocês consideram que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica e gay?

5) Usos linguísticos (interativo)

5.1) Vocês acham que lésbicas e gays usam uma linguagem “diferente” da linguagem de pessoas heterossexuais? Poderiam explicar e dar exemplos?

5.2) E quanto aos modos de falar de lésbicas e de gays, vocês acham que existe alguma diferença entre eles? Poderiam explicar e dar exemplos?

5.3) Se vocês acham que há diferentes modos de falar, que fatores poderiam propiciar esse uso? (*contexto, interlocutor, etc.*)

5.4) Vocês usam palavras e expressões que podem ser consideradas do mundo LGBT? Quais? Em quais situações vocês fazem esse uso?

5.5) Esses usos linguísticos se dão de forma espontânea ou planejada? Se forem planejados, isso é feito com qual intenção?

5.6) O que vocês pensam sobre o fato de pessoas heterossexuais estarem usando palavras ou expressões que são tipicamente consideradas do mundo LGBT?

- Vocês acreditam que isso pode impactar de alguma maneira a identidade da comunidade LGBT?

- Isso pode contribuir para diminuir a homofobia?

- Qual a reação de vocês quando percebem que pessoas que vocês não conhecem usam palavras e expressões que vocês consideram típicas do universo LGBT?

6) Bate-volta

Obs.: As respostas desse bate-volta dizem respeito a/o entrevistada/o.

6.1) Duas qualidades

6.2) Dois defeitos

6.3) Signo e ascendente (se souber)

6.4) O que é amor pra ti

6.5) Uma palavra que te define

6.6) Ser lésbica/gay é

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado/a participante

Eu, **Ana Beatriz Oliveira Ribeiro**, CPF nº 030.955.690-25, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, venho, através deste, convidá-lo/a para participar da pesquisa que resultará na minha dissertação de mestrado, na condição de informante voluntário. Declaro que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC e cumpre a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa, que tem como objetivo analisar a relação entre usos linguísticos de lésbicas e gays, envolvendo questões de identidade e estilo, justifica-se pela escassez de estudos correlatos no Brasil e pela relevância que o avanço desses estudos representa para as áreas do conhecimento a ela relacionadas, notadamente a área de Sociolinguística, bem como ao grupo social que é alvo do estudo. Os dados coletados em sua entrevista serão analisados juntamente com os dos demais informantes a serem entrevistados e irão compor o *corpus* a ser analisado nesta investigação. Os resultados da pesquisa estarão disponíveis no formato de dissertação de mestrado acadêmico, podendo ser acessados no site da Biblioteca Universitária (BU) da UFSC.

Os riscos de sua participação são relativamente baixos, mas inerentes a qualquer pesquisa que se proponha a trabalhar com seres humanos e, dessa forma, podem incluir eventual nervosismo, constrangimento e cansaço durante a entrevista. Asseguramos, entretanto, que todas as providências foram tomadas para minimizar tais riscos. A entrevista deve durar entre 45 minutos e 1 hora, tempo em que você deverá responder a questões sobre diferentes temas relacionados ao estudo. Qualquer pergunta que gere desconforto e/ou constrangimento não precisará ser respondida e você poderá retirar, a qualquer tempo, o consentimento para uso dos dados fornecidos, através dos contatos descritos abaixo.

Declaro ainda que seus dados pessoais, bem como as informações que possam identificá-lo durante a entrevista, serão omitidos na redação da dissertação e sua identidade mantida em absoluto sigilo. Qualquer violação aos termos deste documento, bem como qualquer dano eventualmente resultante de sua participação na pesquisa, lhe enseja a possibilidade de indenização que lhe será garantido. Não há previsão de despesas pessoais ou compensações financeiras pela participação neste estudo, no entanto, eventuais gastos não

previstos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e você será ressarcido tão logo solicite.

Manteremos seus contatos, solicitados abaixo, para os devidos acompanhamentos e assistências a que você tem direito durante ou após a finalização da pesquisa para garantir seu bem-estar. Você também poderá contatar a mim, para solicitar assistência e/ou informações pertinentes à pesquisa, ou, se preferir, contatar diretamente o Comitê de Ética (CEPSH) da UFSC, órgão responsável por avaliar os projetos de pesquisa com seres humanos, através dos endereços abaixo:

Ana Beatriz: Telefone (53) 9 8147-0077. E-mail: anabeatrizopribeiro@gmail.com.

CEPSH-UFSC: Prédio Reitoria II – Rua: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis-SC. Telefone: (48) 37216094. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br.

Este termo (TCLE) foi elaborado em duas vias idênticas que vão assinadas por mim, pesquisadora, e por, você, informante, conforme orienta a Resolução 466/2012. Ao assiná-lo, você declara que leu o conteúdo deste, que está de acordo com seu inteiro teor e que aceita o convite para participar do estudo de forma livre e voluntária.

Nome completo do/a informante: _____

CPF do/a informante: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

E por estarmos de acordo, firmamos o presente termo.

A pesquisadora: _____

O/a informante: _____

_____, _____ de _____ de 201_.